

Set. de 1917



Revista ≡≡≡
≡≡≡ Femminina

Anno 4
№ 40

Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ



A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENIORAS.

Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabellos e de tornal-os macios e crespos, essa loção é infallivel para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais effizaz.

LIMÃO BRAVO

E' BROMOFORMIO de L. Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATHARRO CHRONICO. E' DE SABOR AGRADAVEL.

AS COLICAS HEPATICAS

um preservativo na taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cóllicas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio effizaz e preparado ideal, composto exclusivamente de vegeto-medio torna-se inutil o uso das figas de Carisbaden.



O Guderin

é a salvação das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermellos e dá força e augmento de peso.

E' util na debilidad e na anemia devidas ao PRITO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.



Todos estes preparados encontram-se á venda nas principais pharmacias e drogarias e no Deposito Geral



Sociedade de Productos Chimicos L. DE QUEIROZ

Nova Remessa de Roupas Brancas

Alem das qualidades finissimas de Roupa Branca, temos um bom sortimento de artigos de preço modico, como representam as gravuras debaixo

GUARNIÇÕES

A nossa colleção de Guarnições finas é sem rival em S. Paulo. Examinem.

ENXOVAES

Especialidades em Enxovaes completos para Noivas. Pedir catalogo.



- | | | | | | |
|---------|--|--|---------|--|---------|
| N.º AA. | Corpinho de Combraia fina com enfeitos de fita e rendas valenciennes . . . | 5\$200 | N.º CC. | Corpinho de finissima cambraia, enfeitado de rendas legitimas . . . | 12\$000 |
| N.º BB. | Idem em madapolam com rendas, bordados e fitas . . . | 2\$800 | N.º DD. | Lindo modelo com enfeitos de rendas valenciennes e passador de fitas . . . | 8\$500 |
| | N.º EE. | Idem em madapolam e bordado suizo. . . | | | 3\$800 |

MAPPIN STORES

Rua 15 Novembro, 26 S. Paulo
 Caixa, 1.391

ANDAR 1.º PRAT. f.
 EST. 19 de J. de 1911

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na **CRISE** para os vender daqui a um anno, na **ALTA**, quando terminar a guerra. Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antartica.

A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trescentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e urna grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antartica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorisação fatal; ficam no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 8 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas de Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabida a valorisação dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DIHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, **SEM JUROS**, a praso muito largo, com qualquer prestação mensal. E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miseria subseqente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa. E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia

Para informações; Na Companhia Urbana Predial

Escritorio: Largo da Sé, 3 (sobre-loja)

Algodão em caroço

Compramos toda e qualquer quantidade pelo melhor preço que correr no mercado

Pereira Ignacio & C.

Rua Florencio de Albreu (Travessa da Fabrica)

Caixa Postal 931 — End. Telegraphico: Impercio

SAO PAULO



Guilherme Cassel & Cia.
Telephone 4310.
Rua dos Guayanaes 155.
São Paulo.

SÃO PAULO

END. TELEGR :

CASELLA

CAIXA POSTAL 177 □ □ TELEPHONES, 743 e 3255

Casa Alemã

FUNDADA

EM 1883

FILIAES

SANTOS

CAMPINAS

JAHU'

RIB. PRETO



Wagner, Schädlich & Co.

Vinho (vinho que dá vida)

BIOGENICO

Para uso dos *convalescentes*, das *puerperas*, das *neurasthenicos*, *anemicos*, *dispepticos*, e *artriticos*.

Poderoso tónico e estimulante da «Vitalidade», o VINHO BIOGENICO — é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferível nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, neurasthenias, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, artério-sclerose, etc., etc.

Reconstituinte indispensável às senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como às amas de leite. O VINHO BIOGENICO augmenta a quantidade e melhora a qualidade do leite. É um poderoso medicamento bioplástico e lactogenico.

Encontra-se nas boas farmacias e drogarias, desta cidade e no deposito geral.

Pharmacia e Drogaria

Francisco Giffoni & C.

Rua 1.º de Março, 17

Rio de Janeiro



Estylo e Moda

52 RUA S. BENTO

251 Av. R. PESTANA



SÓ E' CALVO QUEM QUER PERDE O CABELLO QUEM QUER TEM BARBA FALHADA QUEM QUER TEM CASPA QUEM QUER

Porque o **PILOGENIO**

Faz nascer novos cabelos, impede a sua queda e extingue completamente a caspa. BOM E BARATO — Em todas as farmacias, drogarias, perfumarias e no deposito.

— Drogaria Francisco Giffoni & C. —

— Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

BEXGA. RINS. PROSTATÁ URETHRA DIATHESE URÉA E ARTHRITISMO

UROFORMINA, precioso antiseptico, desinfestante e diuretico, muito agradável ao paladar, cura a insuficiencia renal, as cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, catharro da bexiga, inflamação da prostata. Previne o typho, a uremia, as infeções intestinaes e do aparelho urinario. Dissolve as areças e os calculos e acido urico e uratos.

Nas Pharmacias e Drogarias.

Deposito: — DROGARIA GIFFONI

Rua Primeiro de Março n. 17

Exclusivamente para **Senhoras e senhoritas**

Premiado na Exposição de Bruxelas e com medalha de ouro na Exposição de Buglione.

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as *yardas*, *rugos*, *pannos*, *espinhas* e *manchas da pelle* e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estoje 3\$000

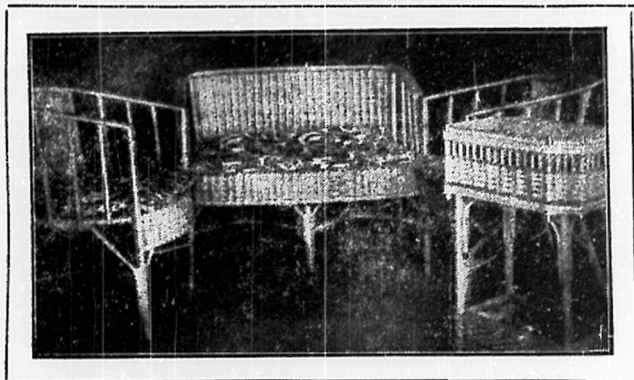
Pelo Correo 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA SANTOS

Rua São Bento 74-A - S. PAULO

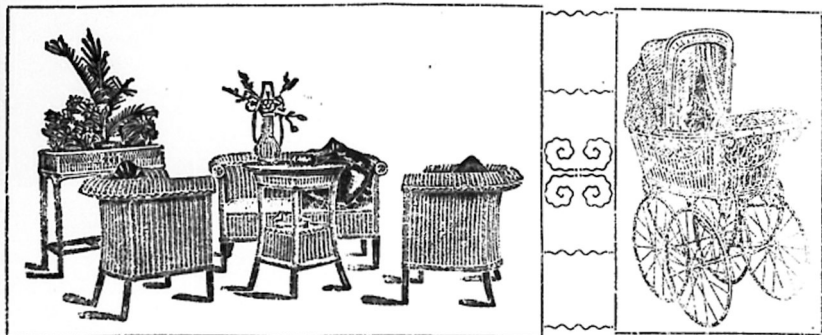
J. CARNEIRO BRAGA



No Brazil é a Primeira Grande e Importante Fabrica
de Moveis de Vime e de Junco.

Carrinhos e berços para Crianças, | soalhos encerados, Espanadores
Cestas de toda e qualquer quali- | de todas as qualidades, Escovas para
dade, Vassouras finissimas para | qualquer mister.

Em fim, nesta casa os Exmos. Srs. encontrarão tudo de primeira qualidade.



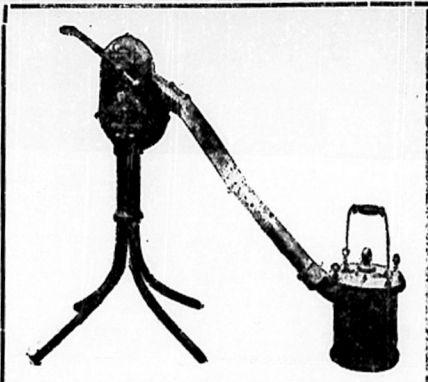
Rua Brigadeiro Tobias N. 124 — Telephone, 243
(Central)

As Formigas Saúvas Depois de conhecida esta máquina "Luiz da Silva" china, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalíveis efeitos contra a existência das daminhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuízos causados por tão terrível praga.

Não são mais necessários reclamos para tornar conhecidas as vantagens da máquina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida máquina, e a fama justa que atestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a aplicação da máquina "LUIZ DA SILVA" e do ingrediente "BUFFALO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Carrapatos. Contra a terrível praga dos carrapatos também se encontra na mesma Sociedade o infalível carropaticida marca "TOURO."



É sem duvida o melhor preparado, o mais eficaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.

Diarrheia dos Bezerros. Contra a diarrheia dos bezerros é "CYTADOL" o remedio infalivel encontra-se com o depositario L. da Silva, R. Libero Badaró, 125 S. Paulo.

Feridas dos Animaes. Para curar quaisquer feridas do modo cavalhar, bovino, etc. emprega-se o BICKMORINE. Dirijir pedidos ao sr. Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo cobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assinatura de um anno por 3 collars, e 50 centesimos e por 5 annos por 16 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suizo d'ouro.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a creação de gado, o um grande volume encadernado no Estado de S. Paulo encaminhe á Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com pague por 21\$500.

Peçam nosso catalogo illustrado. Remettemos gratis, citando o nome desta REVISTA.

Tapeceiro, Estufador e Armador

JOSE' GHIARDI

Sanefas — Cortinas

Cortinados transparentes. Mobilia estufada Estrado de mollu. Capas para mobilia, etc.

— Preços sem competencia. —

RUA BARÃO DE ITAPETINGA N. 71

Telephone n. 21-91 (e)-: S. PAULO

Manufactura de roupas

Para

Senhoras e creanças

Jorge Bassila

— Rua Florencio de Abreu, 62 —

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

São Paulo

Societé Financière et Com-
merciale Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1,1/2 e 1 1/4 de libra, o mais puro e aromatico.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas as qualidades.

Verniz especial «CHI-NAMEL» para envernizar soa-
lhos, que substitue com vantagem a cera
e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes,
com especialidade em arados, cultivadores, etc.
dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

R. S. Bento, 43-A Caixa do Correo—K
SÃO PAULO

Livros illustrados para crianças á venda pela

LIVRARIA MAGALHÃES

R. LIBERO BADARO, 68 — Telephone 382 Central
— SÃO PAULO —

Contos da Carochinha -- 1 vol. br.	3\$000
João Felpudo -- 1 vol. br. . . .	3\$000
Versos para crianças, de José Agostinho, enc.	2\$000
As mil e uma noites, — 1 vol. br. . . .	3\$000
As mil e uma noites, enc.	5\$000
Novos contos da Carochinha, cart.	5\$000
Lyra Infantil, — 1 vol. cart.	2\$000
Collecção de 12 volumes (contos)	5\$000
Monologos e cançonetas 1 vol. enc.	3\$000
Alma infantil 1 vol. enc.	4\$000
" tucano, " 1 vol. cart.	3\$000
O tucano, filho de um pica-pau fallecido	3\$000
Collecção de 5 contos para crianças	4\$000
Desgraças de João Gilpin	1\$000
Na Praia	1\$000
A. B. C. para nossos filhos	1\$000
A Família Miau	1\$000
A Beira Mar	1\$000
Collecção Selecta para meninos e meninas de 15 annos á	1\$500

Livraria Magalhães R. Libero Badaró 68
— S. PAULO —
Pedidos a P. S. Magalhães Filho

Methodo simples para engordar

UMA NOVA DESCOBERTA

Homens e mulheres magros, aonde foi parar aquella comida succulenta, em que participaram hontem á noite? O que se fez de todos os elementos nutritivos que continha? Parece que lhes passaram pelo corpo como passam liquidos por um coador, sem terem deixado nenhum beneficio nem augmentando-lhes, o peso no minimo. Vós, não ousareis negar a existencia de aquellos ingredientes nutritivos em todos alimentos que ingeris, como os havia na comida de hontem á noite, e terão forçosamente que admitir que a causa da sua magreza deve-se a que os seus orgãos digestivos e assimilativos não funcionam com propriidade. Esta é a simples verdade dos factos e applicavel a toda pessoa magra em toda a parte do mundo. Tornar-se necessario reconstruir e ajudar esses orgãos nas suas funcções ou, em caso contrario, perder-se-ha para Vós, toda esperanza de poder engordar. A ajuda é simples, ao alcance de todas intelligencias e todas fortunas, a saber: Comam com abundancia de tudo que apparecer e tomem uma pastilha de SARGOL em cada refeição. Em duas ou tres semanas notarão a differença: de 2-1/2 a 4 kilos de carnes macias e permanentes que terão ganhado. O SARGOL mistura-se-lhes no estomago com os alimentos e prepara-os para serem assimilados propriamente absorvidos pelo sangue. Não entrarão e sairão do corpo como agua por um coador. Pessoas magras ganham, quando tomam SARGOL, de 4 a 7 kilos de carnes por mez; não, porém, de carnes troixas e passageiras, mas solidas e permanentes.

As pastilhas de SARGOL compõe-se dos melhores ingredientes de que dispõe a chimica para produzirem carnes, e garantimos serem absolutamente inoffensivos e agradaveis para se tomar. São recommendados por medicos e pharmaceuticos. São vendidas em farmacias e drogerias de São Paulo. Unico Importador

BENIGNO NIEVA

CAIXA POSTAL 979-M
— RIO DE JANEIRO —

MAPPIN & WEBB.

JOALHEIROS

ESPECIALIDADE DE

JOIAS FINAS DE 1.^a QUALIDADE
ARTIGOS DE PRATA DE LEI
ARTIGOS DE VIAGEM DE COURO
ARTIGOS PARA MESA DE METAL PRA-
TEADO DA AFAMADA "PRATA PRINCE-
ZA" MARCA REGISTRADA.
ARTIGOS DE ARTE PARA PRESENTES
LOUÇA E CRYSTAES PARA ADORNO E
PARA USO DA MESA.
RELOGIOS DE MESA E ALGIBEIRA ETC.

CASA FUNDADA EM
LONDRES EM 1811

28 RUA 15 DE NOVEMBRO -- S. PAULO

Aos 50 se Sente como um Rapaz.
Cheio de Poder e Vitalidade.

Deve-o ao Ferro Nuxado.

Dis este doutor que Ferro Nuxado é o melhor dos reconstituintes. Facilmente augmenta a força e o poder de resistencia das pessoas delicadas e nervosas de 200 o/c, em duas semanas.

Nova York, N. Y. — «Não ha muito, fui visitado por um individuo que contava quasi meio seculo de idade, com o fim de se submeter a um exame para seguro de vida. E qual não foi a minha surpresa ao descobrir que a sua pressão de sangue era igual á de um rapaz de vinte annos, estando tão vigoroso, potente e vital como um homem em plena juventude. Para melhor dizer, o individuo a que me refiro era, na realidade, um moço, não obstante os seus cincoenta annos. Ao interrogal-o sobre facto tão extraordinario, confiou-me elle o seu segredo: "Tomando ferro, disse-me, ferro nuxado, que me deu nova vida. Aos trinta annos, a minha saude era má; aos quarenta e seis, angustiado e cansado de viver, e agora aos cincoenta, um milagre de vitalidade, com esta physionomia radiante de saude!" Como já disse mais de uma centena de vezes, o ferro é o mais poderoso de todos os reconstituintes. Si o publico se decidisse a abandonar as chamadas medicinas de patente e composições nauseabundas, e a tomar, em seu lugar, ferro nuxado, tenho a certeza de que milhares de pessoas que morrem todos os annos de molestias do pulmão, gripe, tuberculose, enfermidades dos rins, fígado e coração poderiam ser salvas. A causa real e verdadeira da origem de taes enfermidades foi, nem mais nem menos, que as condições de debilidade do organismo por falta de ferro no sangue. Ferro em quantidade sufficiente é absolutamente necessario para pôr o sangue em condições de levar a cabo a indispensavel transformação dos alimentos. Precizando o sangue de ferro, não importa o que se coma, nem o muito que se coma, os alimentos só passam através do individuo sem deixar resultado, sem fazer bem. Não se deriva d'elles a vitalidade necessaria e, consequentemente, a pessoa se debilita, empalidece, enferma, de

modo exactamente igual ao que succede a uma planta que procura crescer em terreno deficiente de ferro. Si você, estimado leitor, não se sente bom e forte deve submeter-se á seguinte prova: experimentar primeiro que distancia pôde percorrer sem fadiga; tomar depois dois comprimidos ou pastilhas de ferro nuxado tres vezes ao dia, durante duas semanas; experimentar depois novamente suas forças e poder de resistencia, apurando se lucrrou ou não. Tenho visto muita gente, anemica e falta de energia, sempre queixando-se de qualquer coisa, duplicar forças, poder de resistencia, e livrar-se por completo de symptomas de dyspepsia, dores de fígado e outros incommodos em um periodo de dez a quatorze dias, simplesmente tomando ferro, na fórma devida, isto depois de fazerem uso, por muitos mezes de outros medicamentos, sem beneficio de qualquer especie. Deve-se, porém, ter a precaução de não empregar ferro concentrado ou tintura de ferro, com a preocupação de economia de alguns vintens. O ferro deve ser tomado em fórma que possa ser absorvido e assimilado com facilidade, como o Ferro Nuxado, si é que se pretende obter resultados seguros, pois do contrario o effeito poderia ser antes malefico que benefico. Mais de um athleta e campeão americano ganhou laureis, porque, conhecendo o segredo da força e resistencia, provisionou o sangue de sufficiente quantidade de ferro. — (Assignado). E. Sauer, doutor em medicina.

NOTA: -- O Ferro Nuxado, que acima recommenda o dr. Sauer não é medicina patentada, nem remedio secreto, sendo bem conhecido em França e Estados Unidos dos senhores pharmaceuticos e recolhido pelos medicos. É assimilado com facilidade, não enegrecce a dentadura, nem revolve o estomago, sendo poderoso em quasi todas as fórmas de indigestão, nervosidade, anemia, incommodos do fígado, pobreza de sangue e outras enfermidades. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias de São Paulo.

UNICO IMPORTADOR — Benigno Nieva — Caixa Postal 979-M — RIO DE JANEIRO

A MACHINA "Amaral" TYPO DE 1917



"Atteste que a machina AMARAL TYPO DE 1917 que mandei assentar na minha propriedade agricola FAZENDA SANTA LEONOR, situada neste municipio de Pennapolis e inaugurada no dia 29 de Julho p. p., — me satisfaz plenamente.

Seu trabalho muito suave e uniforme, sem trepidação e sem grandio esforço, prolonga a sua durabilidade e permite uma classificação de diversos typos muito perfeita.

Creio mesmo que, com os ultimos melhoramentos introduzidos na machina AMARAL, — ella se tornou talvez a melhor, a mais resistente e economica actualmente existente no mercado.

Pennapolis, 5 de Agosto de 1917

Afrisdio de Sampaio Coelho"

PARA CATALOGOS, INFORMAÇÕES E CONDIÇÕES DE VENDA, — DIRIJAM-SE Á
Companhia Industrial Martins Barros — R. Boa Vista, 46 — Caixa Postal, 6 — S. PAULO

== VARIEDADES ==

O Coração humano

O coração humano. diz um conceituado physiologista inglez, é uma pequena bomba de uns 15 centímetros de altura, 10 de largura, e que funciona 70 vezes por minuto, 4.200 por hora, 100.800 por dia e 36.792.000 por anno.

A cada pulsação lança em média, uns cem grammas de sangue na circulação. 7 litros por minuto, 420 por hora e 10 toneladas por dia. Todo o sangue do corpo, que é, no maximo, 25 litros, passa cada dois ou tres minutos pelo coração.

Segundo estes calculos, conclue-se que a força que o coração humano desenvolve n'um dia é capaz de levantar um peso de 46 toneladas a um metro de altura.

Quanto vale uma cabeça de macaco

Entre os povos europeus ou americanos, uma cabeça de macaco não tem mais utilidade do que a que lhe possa derivar do seu prestimo como exemplar de museu zoologico.

No Siam é muito diferente; alli, as cabeças dos macacos são objectos muito apreciados.

Pregadas nas portas das casas tem a maravilhosa virtude de afastar as almas dos delinquentes e todos os maus espiritos. Mas ainda não é só isto: se se ferver uma cabeça de macaco, o caldo que com ella se forma, tomado por quem tenha acabado de ter um ataque de bexigas, preserva-o para o resto da vida de tornar a sofrer a mesma doença.

A maior fabrica de phosphoros

Ha, na Suecia, um cidade inteira onde se não faz absolutamente outra cousa senão phosphoros. Esta cidade, Tidaholu, no districto florestal da provincia Skarabarg, conta apenas 3.300 habitantes. A maior parte delles estão empregados na fabrica de phosphoros a maior do mundo inteiro.

Todos os annos, ella devora uns 600.000 pés cubicos de madeira resinosa, transformando-os em milhares de milhões de pequeninos palitos com um dos extremos induzido de massa inflammavel. A produção média é de 200 milhões de phosphoros por dia, o que representa uma totalidade de 73 mil milhões no fim do anno.

Trezentas machinas movidas pela electricidade fabricam, recortam e colam cada dia mais de 900.000 caixas. Só o peso dos letreiros ou rótulos, que lhes são applicados, eleva-se a 124.000 kilogrammas por anno, e a do colla empregada para as caixas excede 18.000 kilogrammas.

A criação da mulher

(Velha lenda hindú)

No começo quando *Jwashtri* che, gou ao momento de crear a mulher verificou que tinha exaureido todos os seus materiaes na produção do homem, e que lhe não restavam nenhuns elementos sólidos.

N'este apuro, apoz meditação profunda, procedeu do seguinte modo:

Tomou a redondeza da lua e a scintillação das estrellas,

E as curvas dos reptis, e os sarmientos das trepedeiras,

E o estrelecimento da herva, e a elegancia do canção,

E os botões das flores, e a leveza das folhas,

E a macieza da tromba do elephante, e a suavidade dos olhos do gamo,

E o zumbido dos enxámes de abelhas, e o jovial esplendor dos raios do sol,

E o chorar das nuvens, e a lincostancia do vento,

E a timidez da lebre, e a vaidade do pavão,

E o frouxel do peito das aves e a dureza do diamante,

E a doçura do mel, e a crueldade do tigre,

E o ardor da chamma, e a frieza da neve,

E a garrulice dos gaios, e o arrullo do *Kokila*,

E a hypocrisia do grou, e a fidelidade do *Chakrawaka*.

Combinando tudo isto juntamente, fez a Mulher e deu-a ao homem. Mas passadas duas semanas, o homem appareceu-lhe gritando: «O Poderoso Senhor dos Mystérios, tu que fizeste todas as maravilhas da criação, accella e guarda outra vez a mulher que me deste; ella atormenta-me, tortura-me e cança-me e não posso viver mais com ella.»

E *Jwashtri* recebeu a mulher novamente. Mas, passadas duas semanas, tornou o homem, e gritou-lhe supplicante: «Dá-me outra vez a mulher que create para mim; não posso viver sem ella.»

— Como, não? — foi a resposta. — Pois não me trouxeste a mulher, dizendo-me que não podias viver com ella? Quando é, pois, que sabes o que queres?

— Ah! foi verdade! — disse o homem. Eu não sei o que deva querer. Porque não posso viver sem ella, e não posso viver com ella.

E *Jwashtri* respondeu-lhe:

— Leva a mulher agora e arranjam-se juntos o melhor que puderem, porque em criel-a para ti e a ti para ella.

Grãos de sabedoria

O homem que não tem inteireza de caracter não é um homem, é uma cousa.

*** O futuro de uma creança é sempre obra de sua mãe.

*** E' mais facil ser bom para o da gente do que para alguém.

*** Em amor não ha ultimo adeus senão aquelle que se não diz.

*** E' mais util ensinar a cada um como deve viver no presente do que ensinar-lhe como os outros viviam no passado.

*** Tanto vale cada um na praça quanto vele o que tem na caixa.

ANEDOCTAS

DOIS proprietarios visinhos, n'um logar proximo de Lisboa, creavam gallinhas, e questionavam um com o outro por causa d'ellas. Era o caso, que as gallinhas de cada um, lam comer as couves, á hortia do outro.

Um delles, aborrecido, acabou por se desfazer de toda a criação que tinha, vendendo-a; facto que o outro não soube.

Este, por sua parte, berrou bem alto que daria um tiro na primeira gallinha do visinho, que lá lhe apparecesse.

N'um dia proximo ao da ameaça, lá estava uma gallinha a depenar-lhe as couves. O homem pegou da espingarda, disparou-lhe um tiro, e atirou-a, morta, por cima do muro, berrando:

— Tome-a; coma-a, agora. E todos os dias ha de ser isto, até acabar com ellas.

A gallinha foi apanhada, depenada, cozinhada e comida.

Nos dias seguintes, uns pelos outros, repetiu-se a mesma scena. Mas, á sétima vez, quando a gallinha, projectada por cima do muro, veiu quasi bater na cabeça d'aquelle, que já tinha comido as outras seis, este levantou-a do chão, e devolvendo-a, pelo mesmo caminho, limitou-se a gritar de cá:

— Já estou farto das suas gallinhas; agora coma-as o sr. Se quer continuar a observar-me mande-me, antes, faisões! As gallinhas que eu tinha, vendi-as ha mais de um mez!

O Miranda, teu visinho, disse-me que fez recentemente em casa grandes melhoramentos.

— E' exacto; um dos que eu sei que elle fez, foi vender o piaço.



Exmo. Srta. D. Eunice de Oliveira do Rio
cureta com "A Saude da Mulher"

A Saude da Mulher cura Incommodos de Senhoras

Srns. DAUT & OLIVEIRA.—Cumpro o grato dever de participar-lhes que sou grande admiradora de seu preparado "A Saude da Mulher." Graças a sua efficacia minha saude restabeleceu-se depois de longos soffrimentos occasionados por irregularidades. Envio meu retrato como prova de gratidão.

EUNICE DE OLIVEIRA, — Rio, 23-IV-917.

A BELLEZA

Socrates chamava á belleza uma breve tyrannia; Platão, um privilegio da natureza; Theophrasto, uma eloquencia muda; Diógenes, a melhor recommen-

dação; Theocrito, uma serpente occulta sob as flores; Bion, um bem que nos não pertence. As mulheres, que fazem consistir o seu maior merecimento na sua *belleza*, devem reflectir que uma bella mulher só é

realmente bella se gósa de uma saude perfeita. E para que as mulheres gósem de uma saude perfeita, basta que usem, com a intelligencia preventiva que todas têm, A Saude da Mulher.

Assignatura Annual para todo o Brasil Rs. \$5000
Preço para a venda avulsa : 600
O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, nos numeros extraordinarios (que são vendidos avulsa mente a \$1000) e nos brindes.

Revista Feminina

Directores : VIRGILINA DE SOUZA SALLES

JOÃO SALLES

Redacção:

::: Praça Antonio Prado :::

::: Palacete Bricolau :::

::: i i i :::

Telephone da Redacção, N. 5661

Telephone da Residencia da Directora N. 818 — cidade

ANNO IV

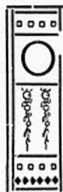
8

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1917

8

NUM. 40

— SETEMBRO —



THEATRO... Como deixar de lembrar ás que têm a seu cargo os deveres da maternidade, os perigos que traz o theatro, como foco de depravação, quando é desaturado pelo estrabismo do senso moral?

A estação de comedia franceza que acaba de chamar ao Municipal do Rio e ao Municipal de S. Paulo uma concurrencia de senhoras e senhoritas para lhes dar, entre algumas peças louvaveis, comedias de genero livre e grosseiro, devia ter levantado um protesto colectivo, que infelizmente não foi feito.

O theatro francez é, incontestavelmente, de todo o theatro moderno, o mais completo. Herdou e nem sempre melhorou a graça de Plauto e de Terencio, que procuravam como o theatro grego, explorar a fraqueza moral do grosso publico. Criou, em compensação, ás obras immorredouras de Corneille e de Racine, e mais, a esgrima elegante do paradoxo e da ironia, para bordar a gaze leve do sonho, com a qual procurou encobrir as duras realidades da vida. Por ser, porem, o mais completo, não lhe falta o bolevo da comedia rufianesca que, com seus ademanos de "apache", sente volupia em cuspinhar seus vicios, com depravado orgulho, no mesmo palco que as almas melhores procuram juncar com as rosas das pastoras da fantasia. Nos seus altos e baixos, vae das mancheias das marés que se elevam até os bons sentimentos, ás curvas cavas das marés que vasam para os subterraneos escusos do vicio e, nuns e noutros, tem a mesma força persuasiva da intelligencia, que se constitue em virtude, na enchente, e em grave perigo, na vassante. O theatro é, de facto, a forma mais viva da suggestão. Ella, alli se opera, num ambiente de luz fascinante, num momento de emotividade exaltada, que ambos lhe preparam campo fertil nos espiritos fracos. E' a suggestão mixta que nasce da forma concreta em que a idéa se corporisa, do dynamismo que a scena lhe empresta, e das allucinações sensorias que o som, a luz e os perfumes auxiliam, num ar rarefeito que gera a vertigem. Ora no maremoto da formação da alma humana — e, principalmente, na puberdade feminina — não ha forças hereditarias que representem resistencias inviolaveis ou dignidades inexpugnaveis ás sollicitações instantes do meio. Do mais ligeiro choupou da

celere e pequena embarcação que corta as aguas pelo impulso dos braços, ao mais grosso lenho, que o ferro blinda e que navega pelo coração de um motor, tudo vive ao sabor das aguas — que é a influencia decisiva do meio — tudo é fragilidade com que as aguas brincam em horas calmas, tudo é fragilidade com que as aguas turvas espantam sobre a lombada dos rochedos, nas horas rispidas.

Que podeis esperar de vossas filhas, pois, si lhes formaes as almas, offerecendo-lhes como um espectáculo elegante e natural, scenas cruas de adulterio? Si as levaeis a rir de maridos ludibriados, de lares desfeitos; a applaudir as afoitezas de amantes que se introduzem nas casas através de expedientes chistosos, quando não repugnantes; si as fazeis ouvirem dialogos de calão, nos quaes as mais meudas e intimas physiologias do amor são expostas sem pudor? Que podeis esperar de futuro para vossas filhas levando-as a peças como *Madame et son filleul*, representada na ultima estação? Nem por ser franceza, nem por termos a idolatria de tudo quanto de Paris nos vem, se pode supprer que estejas convencidas que toda a immoralidade que se condensa naquelles tres actos não impressione a curiosidade sempre investigadora das puberdades que vos são confiadas.

Deveis lembrar-vos que taes peças, que a fiscalisação de theatros devia ter feito preceder da declaração de "genero livre", mesmo no seu paiz de origem, só são representadas em certos theatros, onde a apparição de uma moça de familia seria notada com escandalo. Nunca fariam ellas parte do repertorio da Comedie Francaise, ou de qualquer dos outros theatros de tom, que pretendemos adoptar, com o custoso sacrificio dos nossos theatros municipaes. E' pois, admiravel, si admiravel fosse entre nós a verificação de mais uma falha administrativa, que se tenha consentido na inclusão de tal peça, e de outras identicas, numa temporada de comedia, como recita de assignatura, preparando perifa emboscada aos assignantes, que velam pela educação de seus filhos. Trata-se, porem, de uma companhia estrangeira, para a qual a nossa proverbial sabujice nem tem leis, nem tem censuras. Dá-se com o theatro o mesmo que se deu com o maxixe, que foi considerado como uma dança lasciva só admissivel em alcouces, um arremedo da dança do ventre das hetairas, enquanto foi portuguez, para tornar-se uma dança dos altos salões, para pôr em contorsões da mesma lascivia, ligeiramente atenuada, as nossas "jeunes filles" des-

de que foi traduzido para o francez e reexportado de Paris para cá... Quem não se lembra do furor com que os nossos criticos investiam contra o theatro nacional porque apresentava o maxixe em scena? Ora, não. Os mesmos chronicistas, nas suas sessões sociaes das folhas diarias — as idiotissimas secções que se criaram nos jornaes para a descripção de quatro toliettes ou fatuidades mundanas, em seis solecismos authenticos — fazem a apologia da dança, que, até hontem, só era permitida dentro das "cavernas" e "grutas" carnavalescas.

O que é de censurar é que a direcção daquelles theatros, composta de pessoas que devem estar acima da frivolidade xenophila dos nossos francheiros, tenha permitido que se incluíssem no programma da assignatura peças de tal jaez, em que a pornographia é escripta e pronunciada com todas as letras. E o que é de admirar é que o nosso pudor só fale o portuguez... pois tendo elle desertado do theatro nacional, sob o pretexto da licenciosidade de suas peças, accorre ás companhias estrangeiras que lhe dão licenciosidades ainda maiores, não só em comedia, como na Casta Suzanna e em todas as outras castas de operetas.

Desamparados como nos achamos de qualquer fiscalisação ou censura official para as companhias estrangeiras, prudentes são as mães que subtraem suas filhas ás insidias de uma frequentação que procura doirar, á luz da ribalta, entre decotes e casacas, num dialogo aparentemente brilhante, despejos de almas, restos fermentados de idéas, em scenarios que se esforçam por apparecer naturaes, cobrindo os mais repellentes desvios da moral, que é uma e unica, as mais absurdas concepções do amor, que tambem é um e unico, dentro do pantheismo religioso que estea nosso lar, que o aquece e conforta...

Si envergonhadas devem ter sahido do Municipal muitas senhoras que foram colhidas pelo desleixo de nossa censura policial e dramatica, mais vexados e humilhados se deviam ter sentido seus genitores, seus guias naturaes que, sem a devida selecção e previo aviso, accitam tudo quanto o estrangeiro nos traz, desde as sedas, dos perfumes e das agrettes de suas modas, ás idéas que, como o phyloxera, atacam e destroem e como o trachoma, empurram os olhos e perturbam a visão...

Anna Rita Malheiros

(Para a "Revista Feminina" de S. Paulo)

APPELO ÀS NOSSAS LEITORAS

A nossa bibliotheca

EM numeros anteriores, e já afastados, intercedemos o auxilio de nossas leitoras e de todas as senhoras brasileiras, para a nossa modesta iniciativa que representa um primeiro passo na necessaria cultura do espirito feminino brasileiro, dentro da san moral que tem constituído a belleza serena de nossa raça.

Ha quatro annos ininterruptamente, sem hesitações e com grandes sacrificios, temos procurado realizar nosso programma, que foi e é, fornecer uma leitura util, instructiva e amena, que possa circular livremente entre as senhoras e as moças, pelo escrupulo que preside á sua confecção. Obtivemos a collaboração dos mais festejados escriptores nacionaes, e entre elles, podemos citar os nomes de Coelho Netto, Olavo Bilac, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, director do "Jornal do Commercio" do Rio, Magalhães de Azeredo, nosso ministro em Roma, todos da Academia Brasileira, Amadeu Amaral, Claudio de Souza, d. Presciliania de Almeida, dr. J. J. de Carvalho, 'aldomiro Silveira, da Academia Paulista de Letras, Julio Cesar da Silva, d. Francisca Julia, José Maria Machado, Arthur Cerqueira Mendes, João Luso, Anna Rita Malheiros, Chrysantheme, chronista d' "O Paiz", d. Julia Lopes de Almeida, René Thiollier, Laurita de Lacerda, Gomes dos Santos, e muitos e muitos outros escriptores, formando uma brilhante pleidade de talentos, de que poucas revistas nacionaes se podem ufanar.

Como temos realizado o nosso programma dizem-no as centenas de cartas que temos registrado na nossa secção *De todo o Brazil* e disseram-nos ainda, em captivantes cartas que publicamos nas nossas columnas, S. Eminencia o Cardeal Arcoverde, e S. Exas. o Arcebispo de S. Paulo e o Bispo de Goyaz, aconselhando a disseminação de nossa Revista entre as familias brasileiras.

Tudo isto citamos não por vangloria, porque bem sabemos que ainda estamos apenas a meio caminho, mas simplesmente para assignalar o quanto nos vamos esforçando para bem cumprir a missão que nos impuzemos.

Alem de fornecermos uma leitura san e instructiva, temos procurado exaltar por todas as formas as qualidades da mulher brasileira, já installan-

do em nosso escriptorio uma exposição e venda de trabalhos femininos, sem nenhum lucro material para nós, já inaugurando cursos especies de trabalhos de agulha e prendas domesticas, que se acham em pleno funcionamento,

A nossa acção, que tem sido até hoje desinteressada, muitas vezes abnegada e sempre onerosa, merece, pois, inteiro auxilio das senhoras brasileiras.

E o auxilio que lhe pedimos depende de pouco esforço e está ao alcance de todas: — é apenas o da divulgação de nossa *Revista*, angariando-nos novas assignantes!... O preço da nossa assignatura, pela somma de vantagens que a *Revista* offerece ás suas leitoras, é quasi insignificante. A nenhuma de nossas amigas será difficil obter-nos uma nova assignatura entre os seus conhecidos.

E com este pequeno auxilio, multiplicado pelas muitas senhoras que nos honram com sua estima, teriamos nossa existencia assegurada e poderíamos desenvolver por completo o nosso programma.

Pretendemos dentro em pouco inaugurar o systema das revistas femininas europeas, enviando ás nossas assignantes, em cada numero, um trabalho já começado, com todo o material necessario para a sua execução. Para tal fim, porem, comprehende-se desde logo quaõ exiguo é o preço de 8\$000 da assignatura annual, que deve ainda cobrir todas as despesas da *Revista*. Maior fosse, no entanto, o numero de assignantes e sem nenhum augmento naquelle preço, poderíamos iniciar a distribuição de trabalhos, bem como, introduzir na nossa *Revista* melhoramentos que lhe são necessarios para que possa rivalisar com as publicações congeneres da Europa.

As nossas assignantes, pois, ao mesmo tempo que collaboram na nossa obra, enviando-nos novas assignantes, concorrem para seu proveito, com os melhoramentos de uma *Revista* de que são leitoras.

E' a primeira vez no Brasil que uma revista de senhoras, com o numero de paginas e de gravuras e com a collaboração que tem a nossa, consegue chegar ao seu 4.º anno de existencia, sem nenhuma interrupção. O mais difficil está feito. Ajudem-nos, agora, as nossas leitoras e poçeremos completar uma obra que ficará honrando a cultura de nosso sexo.

(As nossas escriptores e as nossas leitoras)

E' nosso intuito augmentar cada vez mais a nossa bibliotheca, que já se compõe de mil e tantos volumes, enriquecendo-a com tudo quanto possa interessar ao espirito feminino. Ella tem estado aberta, gratuitamente, a todas nossas leitoras, grande numero das quaes se habituaram a vir passar algumas horas entre nossos livros.

·Sem nenhuma fonte de renda especial, no entanto, ella só se poderá completar-se com a collaboração de nossas boas amigas, ou pelo donativo generoso de alguma de nossas grandes damas, si umas e outras se interessarem pela organização da primeira *Bibliotheca Feminina*, na America.

Ah! esta um lindo sonho para as senhoras de elevado espirito, que dispõem, de grande fortuna e de renda superior ás suas necessidades: — serem nas fundadoras da primeira *Bibliotheca Feminina*, da America!

Eduardo Prado, o nosso fino escriptor, legou sua bibliotheca ao publico. Seu nome perdurará através deste gesto. Muitos outros homens, entre nós e no estrangeiro, têm vinculado seus nomes a bibliothecas e centros de instrucção, verdadeiros correctivos sociaes, que occupam as horas vagas em leituras sans, orientando os espiritos para alem das suggestões vis da materia.


As senhoras, infelizmente não dispõem de bibliothecas, pois nas bibliothecas publicas, sentem-se mal, embaraçadas mesmo, não sendo habitual que uma senhora só, frequente esses lugares.

A organização de uma bibliotheca só para senhoras, funcionando durante o dia e parte da noite (para aproveitar ás senhoras que vivem de empregos diurnas) traria beneficios que não é necessario descrever, tão evidentes desde logo se mostram.

E' um dos capitulos do nosso sonho!... E si ao demais estamos dando realização, nada nos esmorece em concluir mais este, sendo S. Paulo o primeiro Estado da America que possúa uma bibliotheca feminina, si bem que pequena, como é a nossa.

E' uma semente... Que nos ajudem as nossas leitoras enviando-nos os livros que lhes não fizeram falta, que nos ajudem os nossos auctores, enviando-nos um exemplar de cada uma de suas obras, que venham em nosso auxilio as generosas senhoras que se preoccupam com o cultivo intellectual do seu sexo, e a semente não dardará a germinar e a florescer.

Lembrem-se de tudo o que tem feito a nossa *Revista* que surgiu, modestamente, ha quatro annos, em quatro folhas, apenas, de papel! E não descreiam da energia feminina quando posta seriamente ao serviço de uma causa.



O RELOGIO DO CORAÇÃO

— *E' pontual, disse minha amada sorrindo. Cabia-me o louvor porque, justamente, á hora aprazida para o encontro, eu sorria, dentro das suas pupilas, e ella corava, tímida, nas miúdas.*

— *Pontual, afirmou beijando-lhe as mãos delgadas. Possuo um regulador sem igual em todo o mundo. E' possível que, ás vezes, se adiante; ainda assim não o tráo pelo famoso relogio da Cathedral de Strasburgo.*

Trago-o sempre comigo, todavia foi necessario que me appareceses para que eu descobrisse o valor inestimavel d'essa preciosidade.

Livtamente, nos labios de minha amada desabrochava um sorriso curioso. Sem lhe de-lhe as mãos continuei falando para os seus olhos:

— *Não pára. Disse-me alguém que só ha um meio de o fazer parar... Fitei-a com amor, e, enternecido: Mas tu has de ser sempre minha... dize?*

— *Sempre! afirmou n'um suspiro. E tens contigo esse regulador? mostra-n'o peço. Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito:*

— *Sentes?*


— *E' o coração, disse ella com os olhos risinhos.*

— *E' o meu regulador. Não pira nunca, a menos que tu... E, beijando-lhe as mãos, ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a vir, ella irrompeu muito vermelha:*

— *Ah! bem me parecia... Por isso é que accordo agora tão cedo! Por isso é que não me chamam mais a preguiçosa...*

E, enquanto eu lhe beijava os dedos ajustos jocunda: Acertei o meu coração pelo teu — é elle que me acorda tão cedo e me não deixa dormir mais... Por isso... por isso... Ah! bem me parecia...!

Coelho Netto



THEATRO DE CLAUDIO DE SOUZA

Acaba de ser levada á scena, no Rio, a alta comedia *A renuncia*, de Claudio de Souza, que aqui e em Porto Alegre, como tivemos occasião de noticiar, teve a mais carinhosa consagração por parte da critica e do publico. Em S. Paulo um grupo de nossos mais eminentes homens de letras tomou mesmo a iniciativa de prestar uma homenagem a seu auctor, com um espectáculo de gala que se realizou no theatro Municipal, e do qual foi orador o festejado homem de letras, dr. Alfredo Pujol. Em Porto Alegre igual homenagem foi prestada a seu auctor com a conferencia feita sobre a peça pelo talentoso poeta, dr. Emilio Kemp, director do "Correio do Povo". Agora, na Capital da Republica, *A renuncia* provocou os mais francos applausos, tendo dado uma serie de representações, apesar de ser uma peça de theatro escolhido, para as quaes nosso publico é ainda reduzido.

E já que nos referimos ao theatro de Claudio de Souza, devemos noticiar que a comedia *Flores de Sombra*, daquelle nosso collaborador, depois de haver dado 120 representações no Trianon, do Rio, (e já havia dado 50 nesta Capital) está novamente em scena, naquelle theatro, a pedido geral, em reprise e que sua outra comedia *Eu arranjo tudo!* já conta dois centenários de representações e está actualmente sendo levada á scena contemporaneamente, por tres companhias nacionaes!

Transcrevemos a seguir a critica de Oscar Guanabario, que ha trinta e tantos annos é o critico theatral d' *O Paiz*, e que é considerado como o mais rigoroso de nossos criticos theatraes:

"THEATRO S. PEDRO — *A Renuncia*, 3 actos, de Claudio de Souza.
O autor da interessante comedia representada hontem tinha a sua favor o terreno preparado por duas outras peças que o consagraram nesta capital, sem o auxilio de corrilhos litterarios, que os ha perfeitamente organizados, para a proclamação dos seus consocios, que chegam a gozar de elevada e falsa fama que não tardará a desmoronar.

Claudio de Souza não é autor de uma única peça, cousa facil e com-

um;mas tendo alcançado grande prestigio com a comedia *Eu arranjo tudo*, muito bem observada, escreveu outra logo em seguida, *Flores de Sombra*, para triumphar pela terceira vez e em muito pouco tempo, com essa outra, de genero diverso das duas primeiras, o que significa a variedade do seu poder creador.

E' nova para nós, a *Renuncia*; mas a peça já obteve calorosos applausos em S. Paulo e outras cidades do sul do Brasil, havendo, no entanto, uma novidade que essas outras plateas não apreciaram e que muito influencia na representação e no effeito sobre o publico; e vem a ser o scenario do 2.º acto, bello como nunca, talvez, surgiu em acto algum de comedia nos nossos theatros.

Esse scenario representa um jardim fantasticamente illuminado, com um repuch verdadeiro ao centro, tudo isso contrastando com o fundo, que representa um panorama da bahia de Botafogo em noite de luar. Esse jogo de luzes e sobre tudo a felicidade do scenographo Mario Tullio, obtendo o movimento das aguas do mar, dão tamanho encanto ao conjunto que, ao levantar-se o panno, o publico, cousa rara em nosso theatro, applaude a scenographia e portanto o seu autor que deveria ter comparcido em scena, juntamente com o seu collaborador o proprietario da casa Lucas, encarregado da parte illuminativa.

Essa scenographia por si só garantiria a peça se a comedia não tivesse valor intrinseco para impôr-se como obra litteraria, que parece ter sido escripta de um só folego, sem preocupação de fazer rir a platea mas cheia de espirito, de sentenças que surgem como causticos numa critica que não é impiedosa porque é justa e filha de observação que podia ter ido além mas que se limita ao ponto conveniente e proprio do theatro.

Claudio de Souza não abusou da dramaticidade que podia surgir no final desse acto encantador e manteve o final dentro da naturalidade que se impunha pelo caracter dos dois actos anteriores. Quer isso dizer que sacrificou maior somma de applausos, que poderia ter obtido dos espectadores, mas em compensação traçou a uniformidade que a arte impõe como regra nem sempre respeitada mas de grande valor sobretudo quando o trabalho é lido.

O enredo da *Renuncia* tem sido publicado varias vezes e aqui mesmo, nestas columnas, foi elle dado a conhecer aos nossos leitores.

Quem conhece theatro deve ter percebido que o melhor personagem, esboçado com mais arte e observação é o de Roberto, desempenhado por

Ferreira de Souza — um typo de philosopho sceptico que se transforma em critico social e inconscientemente diz as verdades que todos pensam mas não se atrevem a traduzil-as em publico. Esse papel, modelado ao vivo, não deu tudo quanto podia ter dado hontem, porque Ferreira de Souza, rouco, não pôde pôr em pratica a variedade de inflexões que as phrases exigem e que elle as sabe achar na sua intelligente declamação. Ora, apesar disso, o publico percebeu grane parte das perversidades que o personagem sublinha e o echo do riso colectivo não se fez esperar, o-que quer dizer que a comedia ganhará cada vez mais a proporção que o actor fór reganhando a normalidade de sua voz.

Claudio de Souza foi chamado duas vezes ao proscenio e coberto de justos applausos, aos quaes nos associamos; mas devemos applaudir tambem o desempenho, sobretudo na parte que coube á Sra. Cremilda e aos Srs. Ferreira de Souza, Alexandre de Azevedo e Antonio Serra.

No 2.º acto entram muitos personagens episodicos que deram vida ás scenas bem marcadas.

Agora compete ao publico, á sociedade carioca e aos intellectuaes, sobretudo, sustentar em scena aquelle trabalho digno de ser applaudido por toda a gente durante muito tempo, premiando assim essa fructa rara no nosso meio — um magnifico commediographo brasileiro.

Oscar Guanabario

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL. — 8\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avizamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida a D. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Palacete Bricola, Rua do Rosario.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

MISS

AO RENÉ THIOILLIER

Excelso typo de fidalga antiga
Essa ingleza elegante e aristocrata.
Eil-a que vibra, rapido, a chibata
No dorso do alazão que ella fustiga.

Vai a galope... (Que ninguem desdiga
Ter o seu riso uns timbres de volata!)
Relembra altiva dama de magnata,
Seguida por um pagem de loriga.

Um louro *groom*, mui lepidio, a acompanha...
O seu pelfil evoca da Alemanha
Essas visões lendarias de ballada.

Não sei que doce e mysterioso fluido
A envolve toda, que eu, ds vezes, cuido
Seja errante walkyria enamorada...

S. Paulo. Agosto 1917.

(Para a Revista Feminina).

HENRIQUE DE GÓES.

VIDA FEMININA

Para as donas de casa. — Poucas senhoras são fortes em contas... que ultrapassem o dominio das quatro operações e da prova dos nove. Não raras vezes, no entanto, uma senhora casada tem necessidade de fazer uma conta de juros, operação que geralmente parece de enorme dificuldade. Eis porque vamos dar quatro regras simplificadas que permitirão a qualquer de nossas leitoras resolver não importa que problema de juros.

1.º — Quanto são dez por cento sobre 150\$000? Para resolver este problema — ou para achar o juro correspondente a qualquer quantia — basta multiplicar o capital pelo juro e cortar dois zeros do producto. Ex.: $150\$000 \times 10 = 1.500.000$; cortando os dois ultimos zeros, o que equivale a dividir por 100, temos 15\$000, que é justamente o juro de 10 o/o sob 150\$000. 2.º ex. — Quanto são 15 o/o sobre 16\$200? Multiplicando o capital pelo juro, temos: $16\$200 \times 15 = 243.000$. Eliminando os dois ultimos zeros, temos, 2\$430, que é o juro procurado. Nada ha pois, de mais simples e mais facil.

2.º — A que capital correspondem 150\$000 a 10 o/o em dois annos sobre 100\$000? O processo é o mesmo, apenas invertido. Multiplica-se o juro por 100, o

que quer dizer, augmentam-se dois zero no nosso caso teriamos $150000 \times 100 = 15.000.000$ Divide-se este producto pela taxa de juro e pelo tempo, $15.000.000$, dividido por 10 o/o, que é o juro multiplicado pelo prazo que é 2 annos, $10 \text{ o/o} \times 2 = 20 \text{ o/o}$, dividido por $15.000.000 = 7.000\$000$. O capital procurado é, pois de 7.000\$000.

3.º — A que juro corresponde a quantia de 150\$000 recebida em um anno sobre 300\$000? Multiplica-se primeiramente a quantia recebida por 100, isto é, augmentam-se dois zeros, $150\$000 = 15.000.000$. Multiplica-se o capital pelo tempo. (O capital é 300\$; o tempo um anno, $300\$ \times 1 = 300\$$.) Dividem-se os dois productos, $15.000.000$ dividido por $300\$000 = 50$. A taxa é pois, de 50 o/o.

esticas. — Para matar as aves domesticas, em vez do processo comum de torcer-lhes o pescoço, é preferivel dar-lhes a beber, em jejum, um calde alcoal a 50 o/o. A morte é quasi instantanea e o sangue refuindo para o coração, deixa a carne macia e mais branca.

O preparo das conservas. — Methodo de Appert.

1.º — Encerrar em garrafas ou em latas as substancias a conservar, depois de terem sido cozidas a $1/4$ e $1/2$ ou a $3/4$,

segundo sua natureza e fechar ou soldar em seguida, hermeticamente o vaso.

2.º — Submeter o vaso assim fechado á acção do banho-maria imersão em agua quente mais ou menos prolongado segundo a rigidez das substancias;

3.º — Deixar que o banho-maria esfrie para só então retirar o vaso.

Pão de mel. — Póde-se preparar em casa um excellent "Pain d'épice", por esta formula; sobre uma certa quantidade de mel quente despeja-se tanta farinha de trigo quanto elle possa absorver. Deixa-se em seguida esfriar. Amassa-se com um pouco de leite.

CULTO A' MULHER

A Liga Esperanto, do Rio, está preparando uma grande festa como culto á mulher brasileira. Nella deverá ser cantado um hymno á mulher, cuja letra e musica serão escolhidos em concurso, que se acha aberto até o dia 15 de setembro proximo. Toda a correspondencia sobre este concurso deve de ser enviada ao sr. João Henrique Cesar, Bibliotheca Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Uma sogra excepcional

Damos abaixo, em forma de canto, o trecho de uma peça de teatro de Claudio de Souza, ainda não representada, o que conseguimos por uma gentileza daquelle nosso collaborador para com as lettras da nossa "Revista".

Claudio de Souza é o autor das comédias A renúncia, Eu arrajo todos e Fiores de Sombra, a ultima das quaes foi representada perto de 200 vezes entre S. Paulo e Rio.

Havia meia hora que eu estava ali, naquella mesma, desconsolada posição, pedindo-lhe com o olhar, com a inclinação do busto, com ambas as mãos cruzadas e com a angustia da face, que me perdoasse a infundada suspeita, que acreditasse na minha sinceridade, incapaz de trahir-o, no meu amor, incapaz de esquecel-o,

na minha enorme e unica paixão, incapaz de viver sem elle... Frederico continuava, porém, indifferente, inclinando sobre a escrivaninha, a escrever febrilmente. Eu via-o por cima dos escaninhos da secretaria, através de um relógio de Sevres, que marcava as quatro horas daquelle nosso primeiro drama mudo de amor, com a alegria empoadá de um minuetto. Via-o, curvo sobre o papel, os cabellos cahindo sobre a testa, onde a reflexão fingia imprimir-se em dois vincos, que não podiam ser senão de angustia, da mesma angustia que me varava a alma, da angustia daquelle suspeita cruel que me assaltara e que viera turbar a paisagem serena e festiva de nossa lua de mel.

Fred... — comecei a exclamar, num impulso insoffrido.

Mas as syllabas coagularam-se nos meus labios, á voz de Frederico, interrompendo-me:

— Oh, não... não... Por piedade! Basta de scena.

Olhava-o agora com um olhar obliquo, com um olhar que, á rajada de emoção forte subia, tremula de meus olhos até elle, como duas chamas humilides, junto a um altar. Sentia sua face fechada num rictus, o maxillar turgente sob a pelle, descendo do angulo da orbita numa linha dura de contração. E ouvia o ruido cheio de nervosidade da penna a escrever, a riscar, a reescrever, a tornar a riscar... Que escreveria elle? Nunca o vira assim. No longo noivado elle tinha sido de uma unica vontade e de um unico desejo: — Servir-me, acariciar-me, attendendo-me nos meus menores caprichos. Jurava a cada momento que viveriamos sempre assim; que nenhuma nuvem turbaria nossa grande felicidade; que eu seria sempre e só, sua senhora e dona.

Oito dias apenas de casados! Como as promessas dos homens duram pouco!



E' verdade que eu fóra um pouco estourada. Mas qual é a mulher que não teria exigido explicações de seu marido num caso como o meu?

Tinha pedido a Frederico que me trouxesse da Cidade um aventalzinho, que eu vira num mostrador. Frederico voltara da Cidade já fóra de horas, ás 5 horas — imaginem! — quando o escriptorio fecha ás 4, e entregara-me um pequeno embrulho, em papel de seda. E dentro do embrulho o que havia? Ninguém pôde adivinhar, ninguém pôde prever: — Um par de meias de seda branca, meias de mulher e meias de actriz, porque eram tão compridas, que a não ser que a mulher que as devia usar tivesse umas pernas enormes, só podiam servir para theatro, pois iriam muito acima dos joelhos, até encontrar o maillot. Frederico perturbara-se, não soubera explicar; dissera coisas desencontradas. Que tinha certeza de haver comprado o avental; que talvez tivessem trocado na hora de fazerem o embrulho; que talvez no bond... Elle deixara o embrulho sobre o banco, enquanto lia o jornal da tarde. E lembrava-se: — a seu lado vinha um velhote que tinha cara de fazer a corte a actrizes... E terminara por dizer que era um enganço que no dia seguinte elle desfaria e que lhe desse um beijo, ao "seu maridinho", que vinha cheio de saudades de sua deliciosa mulherzinha. Ah, não! Isso não podia ir assim, com uma desculpa atarantada e um beijo... Eu não sou tão tola, assim. Apesar de apenas oito dias de casada, tenho lido muitos romances, tenho ido a muitos theatros e tenho ouvido muitas senhoras de idade... Com o marido é preciso cortar logo da primeira vez, ou então, ou então, elle nos toma o pulso e — adeus — a vida toda elle levará a comprar meias para actrizes!

Fui energica. Vi uma vez a Belmira de Almeida ou a Emma Pola fazer uma scena igual numa comedia,

no Trianon... E imitando-lhe todos os gestos; bati o pé, rasguei o lenço, chamei-o de miserável e acabei por ter um ataque... Infelizmente o ataque falhou, porque eu me atirei sobre uma cadeira, que estava em falso, e extendi-me no chão, de um modo ridiculo, o que mais me irritou!

Frederico correu a erguer-me, chamou-me de creança, beijou-me sofredamente... Eu, porém, destaquei-me delle, dignamente, a exclamar, com a mesma voz theatral: — "Basta... Basta, senhor, de comédias. Uma hora definitiva o destino cavou entre nós..." (Creio que isto é de uma peça da comedia Française) Frederico aturdido explicava-se de mil modos. Tudo inutil...

— Vou telephonar á casa de modas. Vaes vér que é um equivoco... disse elle. E telephonou... Com quantia anciedade esperei a resposta! Nada sabiam informar; podia ter-se dado uma troca de embrulhos, mas não lhes era possível descobrir com quem...

Desejevo de dar-me todas as satisfações, Frederico telephonara, então, ao jornal de um amigo, um jornal que devia sahir meia hora depois, pedindo-lhe que puzesse um annuncio sobre o caso...

E voltara-se para mim carinhosamente. Estás satisfeita, agora? Hoje mesmo ou amanha terás a explicação, porque farei reproduzir o annuncio em todos os jornaes...

— Hoje mesmo... d'aqui a pouco... — respondi-lhe com ironia, como ouvi a Emma de Souza dizer, numa comedia de aarão Reis...

— Não entendo... — Não me entendes! Daqui a pouco, por certo, desde que estavas de combinação com o tal "teu amigo" do jornal...

— Oh! Podes suspeitar assim da minha sinceridade...

— Os homens... Pouah! — respondi-lhe arrepanhando os labios, como no theatro.

— Mas são apenas oito dias... Concede ao menos que o homem seja um animal hebdomadariamente fiel... respondera elle a rir e tentara abraçar-me.

— Não... não... não... Respeite-me Senhor! Não creia que por eu ser "uma creança", como o senhor diz, possa illudir-me com uma bola

de estalo. Si pretendia trahir-me, si pretendia ao fim de uma semana de casado, comprar meias, camisas, vestidos, sapatos, chapéus, vestir suas amantes dos pés á cabeça...

-- Foram só meias...— elle balbuciou...

— Si não me amava, si era tudo fingido.

— Tu começa a offender-me...

— Sim... Fingido... Tudo hypocrisia...

— Acreditas então que um outro sentimento que não o amor...

— Não sei...

— Porque tu eras rica e eu era pobre?

— Pouco me importa o dinheiro.

— Que eu tenha mentido para caçar o teu dote, que eu tenha feito o que fazem todos esses miseráveis que correm á cata de noças ricas, a cuja sombra vivem, depois, cynicamente, como parasitas, exhibindo a opulência facil dos que as mulheres sustentam?...

— Não sei... não sei... dissera eu, meia aturdida com a voz de Frederico, que de subito se transformara...

— Ah... Podia esperar todas as surpresas do casamento, menos esta!

— exclamara Frederico sahiado, em direção ao seu gabinete, sem mais palavra...

Fui então, ao telephone e consultei minha mãe.

— O que a senhora pensa?...

— Só um par de meias?

— Sim, senhora, mas um par de meias de seda, muito compridas!

— Não vale a pena brigar por tão pouco!...

— Como tão pouco? Então, a senhora?...

— Si fosse com a senhora? Si papae trouxesse...

— Já tem trazido duzias!...

— Hein?...

— Vê si a meia te serve e si é de boa qualidade... Andam, agora, a vender algodão mercerizado por seda... Até logo... Vae beijar o teu marido... e acaba com isso... Não vale a pena por um par de meias...

Ao deixar o telephone fiquei um momento a pensar... Era uma tolice, afinal. Podia ter sido um engano. Si Frederico quizesse trahir-me não havia de ser logo nos primeiros dito dias e com uma mulher de pernas tão compridas... Fui pé ante pé até o escritorio de Frederico, abri a porta cautelosamente e fiquei um momento parada, com um olhar vago, enrolada no reposteiro com uma das mãos apoiada ao alto do batente, como a Italia Fausta no theatro da Natureza. Pensei que não fallasse e que Frederico, me saltasse, pressuroso ao collo a exclamar:

— Perdoa-me alma de minha alma, sopra de minha vida, nelumbo que floresce nas aguas escuras do meu destino!...

— Frederico, porém, que estava sentado á escrevaninha, a escrever nervosamente, não se moveu. Dir-se-ia que nunca foi ao theatro! Tossi... Elle apenas levantou os olhos, e continuou a escrever. Oh!... como as situações da vida real são diferentes. Resolvi então abandonar o theatro e approximar-me delle num gesto natural. Foi quando Frederico gelou a exclamação que me vinha nos labios...

— Frede... e não me deixando acabar de pronunciar o seu nome. Havia meia hora que eu estava ali, naquella desconsolada posição... Como terminal-a? Não era possivel que aquella ligeira nuvem viesse acabar de vez nossa felicidade, viesse separar-me de Frederico que eu amava agora ainda mais do que antes, com a emoção physicamente maguada dos

resolvi levantar-me, atirarme ao collo de Frederico e pedir-lhe humildemente que me perdoasse... Foi quando meu pae irrompeu apressado no gabinete...

— Adeus, menina!... Adeus rapaz!...

Oh! que felicidade! Papae chegava mesmo na hora, para resolver a situação—pensei, cruzando ambas as mãos sobre o peito, e olhando-o, a sorrir, como o bembêido.

Frederico levantou-se, sempre com ar severo, uma das folhas de papel na mão, e respondeu apenas polidamente ao cumprimento...

— Acabo de vér te ver annuncio. O embrulhado fui eu... disse elle a rir. — Recebi um avental!

— O Senhor?... exclamou Frederico, febrilmente...

— Então estas meias?... exclamei, mais febrilmente ainda, entregando o pacote a meu pai...

— Como vocês são indiscretos!... Abrifram então, o pacote?—disse elle a guardal-o disfarçando um sorriso mal contente...

— Minha mulher abriu-o...

— Telephoneste á mamãe!

— Telephoneste á tua mãe!...

— Duas indiscreções...

— Espero bem que as meias sejam para minha sogra... disse Frederico...

— Naturalmente, meu genro...

— Eu não sabia que mamãe tinha as pernas tão compridas...

— Tem... tem... Depende das occasiões... respondeu papai, entregando-me o meu avental. E adeus!... Queiram-se bem!

Logo que papai sahio atirei-me aos braços de Frederico, mas desta vez sem imitar atriz alguma...

— Meu Frederico perdoá-me...

— Grande creança!...

— Só o que te peço é que não sigas os exemplos de papai...

— E eu te peço ao contrario que sigas sempre o exemplo de tua mãe!...

"Revista Feminina"

O Sr. João Salles, nosso estimado director, acha-se, felizmente, salvo da perigosa e longa enfermidade que durante muitos dias alarmou não só a sua numerosissima familia mas todos os seus numerosissimos amigos. Graças aos cuidados dos seus medicos assistentes e aos carinhos com que foi constantemente cercado nesses dias de soffrimento, o mal foi debellado e o querido doente entrou em franca convalescença devendo, porém, ficar arredado por algum tempo das suas occupações habituaes. Durante a sua doença foram tão captivantes as provas de amizade e sympathia recebidas que a Revista Feminina se julga na obrigação de agradecer a todos, expressando aqui publicamente a sua sincera e eterna gratidão.



— Quero dizer: já se tem enganado tambem... já tem trocado embrulhos...

— De avental por meia?

— Sim, tambem... Até de outras peças...

— E'o que a senhora me aconselha?...

primeiros dias de nossa união. — Como sahio do embarço que elle criara?... Procurei lembrar-me de peças que tinha ouvido... Não me occorria nenhuma que tivesse desfecho para a tortura daquella situação.

E ao cabo de de meia hora, sentindo um soluço prestes a explodir,

A LEGIÃO FEMININA DA MORTE

SABIA-se que, na Rússia, a mulher sempre estivera intimamente ligada às conspirações nihilistas. O papel que a mulher russa representou na longa e trágica história revolucionária da Rússia foi dos mais importantes e numero enorme dellas pagou com o carcere e o desterro na Sibéria a dedicação heroica e os serviços corajosos prestados á causa dos revolucionarios. A mulher slava conserva, muito mais do que a sua irmã do occidente, capacidades de acção que sempre nos surprenderam. Entre os excitados politicos russos, em Paris, em Londres e na Suíssa, houve sempre um numero consideravel de mulheres, fugidas á justiça imperial, e nos livros dos grandes romancistas da Rússia vemos surgir mulheres quasi inverosímeis para a nossa imaginação e os nossos habitos. Não é, pois, de admirar que a revolução tenha posto em fóco essa collaboradora intrepida, essas energias femininas, essas exaltações fanaticas e essa coragem indomável da conspiradora. Viu-se que a mulher tinha tido uma grande parte nos preparativos do formidavel movimento libertario e que lhe imprimira um caracter completamente diverso daquelle que habitualmente revestem as revoluções organisadas e deflagradas pelos politicos. A revolução russa, logo nos primeiros momentos, hasteou o estandarte das reivindicaciones sociaes. O ideal russo era o grosseiro espoço de um estado communista, com a applicação de muitas das doutrinas pregadas pelos apostolos do anarchismo e divulgadas pelos seus discipulos. Entre as concepções politicas dessa escola figurava o pacifismo. O socialismo russo, que empolgou a revolução, inscrevia entre as suas reivindicaciones a paz. Foi, por isso, difficilissimo aos dirigentes politicos da nova Rússia conciliar a necessidade da guerra com essa doutrina pacifista que elles tinham adoptado. Kerenesky, rival de Lenini, o antigo chefe socialista hoje transmutado em ditador, declarou que esse ideal da paz só podia ser atingido pela supressão do militarismo germanico e pela alliança indestructivel com os povos democraticos do occidente da Europa. A sua voz não poudo, porém, deter completamente a derrocada do exercito. Centenas de regimentos depuzeram as armas, negando-se a baterem-se. A disciplina dissolven-se. Os soldados e os operarios exigiram e obtiveram para os seus representantes poderes de nomear e demittir os ministros, o voto nas deliberações do governo, a fiscalisação dos seus actos, e até a nomeação dos commandos militares foi submettida á sancção desse po-

lento popular, surgido de entre os escombros da autocracia.

A Finlândia reclamou sua independencia. As provincias Balticas constituiram-se em estado autonomo. Na Ukrania sublevada, os soldados proclamaram tambem a autonomia. Kronstadt cahiu em poder de um comité de marinheiros e anarchistas. No palacio de Drovoon, alojaram-se os anarchistas, que tambem se apoderaram da fortaleza de S. Paulo. Foi preciso submeter a ferro e fogo as cidades rebeldes, sitiá-las e atacar as fortalezas, expulsar os amotinados dos palacios em que se tinham fortificado. E é no seo sangrento desse cahos que a mulher russa nos apparece, como as franças da Revolução, agitando e incitando os homens, dando o exemplo da coragem e do heroismo, e defendendo o ideal de patria, ameaçado de desaparecer na tempestade desencadeada pela doutrina anarchista.

E' no momento em que os soldados arremessam as armas, em que os regimentos maxillistas desertam ou capitulam, que se organisa a Legião Feminina da Morte, destinada a incutir aos homens, pelo exemplo, a coragem e o amor da patria. São camponesas quasi incultas, professoras, medicas, enfermeiras, stenographas, mulheres de todas as condições que se agrupam sob o commando da já celebre Bochkariova, a Joanna d'Arc russa, e pedem ao governo que as mande para os campos de batalha, a verter o sangue pela patria e a preencher as vagas deixadas em aberto pela cobardia ou pelo desatino dos homens.

Elas teem o instinto do dever, a superstição dos principios de ordem e autoridade que são as maiores garantias sociaes e dedicam-se e offertam-se em sacrificio á patria. O governo acaba por acceital-as, dá-lhes armas, cavallos, munições e uniformes.

Um dia, finalmente, a legião parte de Petrograd, viaja quatro dias, recebida nas estações do percurso com manifestações de escarnejo e zombaria.

A multidão irreverente e brutal interpella as heroínas

— Porque vão mulheres combater como soldados?

— Para salvar a honra da Rússia, porque vocês, homens, são cobardes! Chegam as heroínas ás linhas de recatguarda, onde o quartel-general as aloja em galpões de madeira, semi-enterados no solo, onde, os leitões são simples taboas pousadas na terra.

Os soldados cercam o acampamento das mulheres, atroam os ares com vaías estridentes. A' noite, gru-

pos de soldados batem ás portas dos barracões onde está alojada a Legião.

— Não ha aqui mulheres?

A sentinella tem, então, esta resposta sublime, digna de ficar registrada entre as mais bellas da historia:

— As que estão aqui não são mulheres são soldados, que vcem morrer pela patria e repellido a tiro quem lhes faltou ao respeito!

Os homens afastam-se. O regimento resiste á animadversão e ás zombarias dos soldados. Debaixo da chuva copiosa, as improvisadas guerrilhas exercitam-se, sem que as assustem as intemperies e as privações. Os "leaders" anarchistas mandam instrucções aos soldados para que limpezam por todos os modos que o regimento entre em combate, ainda que para isso seja necessario external-o. Ellas continuavam impavidas, reclamando a honra do baptismo de fogo, sabendo que o seu exemplo valerá talvez mais do que as exhortações do diador, em Petrograd.

Enfim, a ordem chega para que se permita á Legião o accesso á primeira linha, e um telegramma já annunciou que Bochkariova, a sua ajudante e mais doze mulheres foram feridas e enviadas para o hospital de Minsk, onde a mesma multidão que as ridicularisava as recebeu em triumpho, cercando-as de bandeiras e abraçando-as...

Sim, é bem certo, que no meio da hecatombe que o genio dos homens preparou, uma nova mulher, redimida e engrandecida, surge. E' a mulher do seculo XX. E' ella melhor do que a sua antepassada? Concorrerá ella para tornar a vida humana mais bella e mais clemente?

Quem pode responder?

Estas guerreiras russas, que vão para as batalhas, em cousa alguma se parecem com a americana miss Rankin, que vota contra a guerra no congresso americano. Estas amazonas slavas parecem ás longuissas e barbas antepassadas das piedosas enfermeiras da Cruz Vermelha. Não será, certamente, com o seu exemplo heroico e com o seu sacrificio que a humanidade se aproximará dos ideaes pacificos. Mas não deixa de ser symptomática a concessão dada ás mulheres russas para se baterem na guerra, quando em quasi todas as nações do mundo ainda se negam á mulher os direitos pacificos do voto. Quem nos diria que a mulher eleitora seria antecipada pela mulher guerreira?

IRACEMA

(R. da Semana)

MENTHOBATUM

PARA DOR DE GARGANTA
E INFLAMAÇÃO.

UMA EXCENTRICA

Maria Fernanda, dotada com todos os encantos que a bondade, a intelligencia e a belleza podem conceder a uma creatura, era a personificação de uma solida formatura educacional baseada numa forte piedade: quer dizer uma moça alegre e lampelra como um passaro e ao mesmo tempo séria como uma velhinha, apesar dos seus 20 annos apenas: doce, bondosa e submissa ás menores indicações de seu pae, no qual concentrava todo o seu amor filial desde que ficára privada dos carinhos de mãe.

Acostumada a viver na opulencia, encarrugava-se das necessidades do pobre e desgraça, cuja noticia chegasse aos seus ouvidos, jamais ficava sem consolo.

Na manhan em que nós a vamos encontrar, estava ella mais alegre do que de costume; porque ao voltar da igreja havia visitado uma das familias mais necessitadas que soccorria, deixando-lhe um rór de comestiveis para todo o mez, roupas, guloseimas e brinquedos que as crianças recebiam como premio da sua pontual assistencia á escola. As bençãos daquelles infelizes enchiam-lhe a alma.

Emquanto se vestia, trauteando uma canção, deixou voar a sua imaginação pelas regiões do sonho e com essa vertiginosa precipitação que se succede e se atropella, sem respeitar as épocas, confundindo esperanças e desillusões, recordou-se do dia em que, pela primeira vez, lhe jurou amor eterno seu primo Alvaro, do carinho maternal que lhe offerencia a mãe deste, dos mimos e eloquentes discursos com que custou a arrancar o consentimento de seu pae, que dizia que Alvaro era um solteiro á caça de dotes e sua cunhada uma mãe cega, como todas, a respeito dos defeitos de seu filho. Pobre Alvaro! Elle não era nada interesseiro. Mais de uma vez lhe havia dito que se ella fosse pobre lhe quereria na mesma ou mesmo com maior palhaço... Viu-se vestida de branco, deante do altar, tremula de emoção. Depois a viagem de nupcias, um encantador



Terminada a toilette saiu á procura do pae

idyllo, o regresso... Ao lembrar-se e tudo isto ria-se, pensando que tinha de chamar sogra á tia Carlota...

A creada que a vestia como um automato, alfinetou-lhe as pregas do seu vestido de anazona, entregou-lhe o pinguelim e disse-lhe: parece-me que estão prontos os cavallos. Com effeito, até ao quarto vinha o eco dos latidos de Pum, lindo cachorro de caça e o escarvar das patas dos animaes, impacientes pelo passeio.

Maria Fernanda correu á galeria, abriu ma das janellas e gritou para baixo: «Vou já, Pum, tem paciencia...» E o animalzito, engireitando as orelhas e movendo a cauda, em signal de alegria, respondeu com um latido affectuoso.

Antes de sair foi, como de costume, despedir-se de seu pae. Encontrou-o na bibliotheca revolvendo papéis velhos, occupação que o entretinha muitas horas, desde que uma

affecção cardíaca o obrigára a abandonar a vida activa.

O desconhecido tem sempre atractivos e aquellas folhas amarillentas, revelavam-lhe a vida, as façanhas de seus antepassados, informações que o bom velho completava ás vezes, quando os dados eram insufficientes.

Abraçou Maria Fernanda, prometteu-lhe suspender o seu trabalho logo que notasse a mais ligeira fadiga e acercou-se da janella para ver passar a gentil amazona, no seu alazão jovem e vivaz, que saía a meio trote.

Pouco antes do meio dia Maria Fernanda regressava ao seu palacio, precedida do lebreu. Subiu ao quarto, a trocar de vestido e desceu logo em busca de seu pae. Mas ao chegar á bibliotheca um grito suffocou-se-lhe na garganta. Na cadeira, onde, poucas horas antes, o deixara bom e alegre, encontrava-o agora quase desmaiado, muito pallido, apertando o peito com ambas as mãos.

— Morro, filha minha!... Sim... sim... morro...!

Os creados saíram a correr á procura do medico que chegou dentro em pouco e não sem esforços conseguiu normalizar artificialmente as funções cardíacas. Sentindo-se, apesar de tudo, succumbir, o velho chamou Maria Fernanda e acariciando a sua cabecita loira, disse-lhe: — Filha minha, e meu unico thesouro. Deixo-te sózinha no mundo para cumprires uma obrigação muito penosa: vou pedir-te um sacrificio immenso; faltar-te-ha valor para o desempenhar?

— Não, pae! Pede o que quizeres, tudo, a minha própria vida.

— Se eu possesse tomar a tua vida seria immensamente melhor. E' mais duro o que o dever nos impõe.

Um soluço afogou-lhe a voz. Maria Fernanda não poude reter as lagrimas e, abraçados ambos, choraram um momento. Depois o moribundo, sentindo o seu fim cada vez mais proximo, disse-lhe, com voz tremula:

— E' isto que me mata! — E tirou do bolso um papel amarfanhado

em que se viam recentes vestígios de lágrimas.

— Eis aqui a prova, Meu pae, teu avô, cuja memoria veneramos, conseguiu toda esta fortuna que tu e eu disfrutamos de um modo horrivel. Que vergonha! Quem não restituio o que deve não pôde ser perdoado. Compreendes?

— Bem, meu pae — interrompeu Fernanda — socega; restituiremos a nossa fortuna a quem ella pertencer; eu trabalharêi e viveremos ambos felizes numa casita modesta...

— E Alvaro, filha? não quererá casar...

— Sim, papá; elle é bom e trabalhará conosco.

— Mas...

— Se, ao vêr-me pobre não quizer, deixa-lhe tempo seguir seu caminho e nós cumpriremos o nosso dever. Pae e filha volveram a unir-se num abraço, o ultimo e, logo depois, o velho murmurando um "Deus te abençoe" cerrou brandamente os olhos. Morreu.

* * *

Pouco depois desta tragedia Maria Fernanda communicou ás pessoas de sua familia, entre as quaes se encontravam a tia Carlota e Alvaro, a resolução que havia tomado. Pensava em fazer doação do seu palacio com todas as cousas nelle contidas para a fundação de um hospital, desfazendo-se igualmente dos outros seus bens em especie porquanto desejava viver exclusivamente do seu trabalho, até que... Dizendo isto relanceou os olhos a seu primo e este terminou a phrase: "até casarmos, o que será o mais breve possível."

A tia Carlota, como que movida por uma corrente electrica, poz-se de pé e esquecendo todas as conveniencias sociais, declarou que jamais permitiria desatino semelhante e concluiu, dirigindo-se a Fernanda: "Meu cunhado que Deus haja foi toda a vida um santo; mas mostrou-se tolerante demais com os teus caprichos e não soube pôr uma barreira ás tuas fantasias novelescas. Se queres ser uma excentrica é preferível que leves a vida sozinha, sem sacrificar Alvaro. Pensa bem e medita no teu projecto sem pôs nem cabeça, antes de o levar a cabo, porque eu sou muito franca e, nessas condições, não consinto que sacrifices o futuro do meu filho..."

— Alvaro, que dizes? — perguntou Maria Fernanda, com serena altivez.

— Sabes que não sou interessada e te quero por ti mesma, exclusivamente por ti mesma; parece-me, porém, até certo ponto que mamam tem razão. A vida está difficil; acostumaste-te a viver no luxo; eu tenho as minhas exigencias. Creio que é uma loucura desfazer-te da tua fortuna, prima. Se te obstinas, porém, euerei sempre o mesmo; palavra de cavalheiro não volta a traz.

— Bem, basta — retorquiu Fernanda e, levantando-se accrescentou:

— A minha resolução é irrevogavel. Permittam que me retire; sinto-me cansada...

A tia Carlota e Alvaro abandonaram o palacio, d'ahi a pouco porque Fernanda se recusou a recebe-los novamente e portanto sentiam perdida a causa que pleiteavam, precisamente no momento em que tudo lhes sorria, pois morto o pae, era logico que se accelerassem os acontecimentos e que os filhos se casassem, entrando na posse da herança.

Maria Fernanda, porém, manteve-se inflexivel e não foi pequeno o golpe que sentiu com a submissão de Alvaro. Elle era o seu idolo, o ser a quem o seu carinho havia concedido sublinidades sem conta e, de repente, apparecia-lhe tal qual'era, despido das qualidades que para elle sonhára...

Mas na sua alma pura e forte não havia logar para sentimentos mesqui-



A sua macarrilhosa belleza e distincção

nhos. Aceitou o sacrificio submissamente, resignadamente, heroicamente.

* * *

O documento era claro e terminante: seu avô, num desses momentos em que a consciencia fala, declarou-se causador e mandante do roubo commettido pelos revolucionarios no castello de X. Podia ter evitado o saque mas por ambição deixou que os bandidos se apoderassem da sua presa e logo, por vias travessas, adquiriu ao desbarato todas as obras de arte e preciosidades que encerrava e com a venda grangeou grossos cabedaes que deixou em herança ao filho.

Maria Fernanda, em obediencia á sua promessa abandonou a casa em que havia nascido sem que Alvaro se importasse de averiguar o que ella tencionava fazer para o futuro. Tanto elle como sua mãe diziam que ella era uma romantica, uma excentrica, que tinha perdido o juizo e queria recompor o papel de uma heroína de romance.

Durante oito dias toda a gente se occupou deste acontecimento. De-

pois outras cousas sobrevieram e a sociedade prontamente esqueceu aquella que mezes antes brindava com a mais viva amizade.

A pobre orfan com uma creada antiga e o seu caozinho fiel, installou-se num aposento modesto, longe do bairro chic da cidade e poz annuncios nos jornaes pedindo trabalho como professora de pintura, offerecendo-se para dar lições. Não tardou a encontrar uma discipula em condições satisfactorias, o que lhe fez olhar mais desafogadamente para o problema da sua existencia.

Certa manha passando deante da loja de um ferrovelho veu-lhe á idéia, entrar na loja a ver se encontraria trabalho. Como, apesar de ir modestamente vestida não era facil confundir o seu porte elegante com o de uma vulgar modista, o dono do estabelecimento, homem rude e negociante acima de tudo descobriu-se e correu ao seu encontro, apresentando na recém-chegada uma fregueza rica. Logo, porém, que se inteiou do que ella pretendia poz o chapéu na cabeça e disse: "Sinto muito, minha senhora. Agora não tenho miniaturas nem leques para restaurar; além disso seria preciso que eu visse o seu trabalho porque a senhora pôde julgar-se uma artista e estar muito longe desse caminho..."

Maria Fernanda corou: não ouvira nunca linguagem tão descortez; mas reprimindo o seu primeiro impulso, e pensando que as humilhações suportadas sem protesto são espinhos que magoam enquanto caminhamos sobre a terra e mais tarde se convertem em rosas que atepam a via que conduz ao céu, voltou a insistir perguntando:

— Não poderia arranjar-me alguma lição? Pinto bem, asseguro-lho."

A maravilhosa belleza de Maria Fernanda e a sua rara distincção surprehenderam a um cliente da casa que escutava a conversa. Acercando-se da moça disse:

— Perdão, senhorinha; ouvi dizer que deseja dar lições de pintura e que faz miniaturas: é-me possível arranjar-lhe uma alumna intelligente que recompensaria o seu trabalho como merece; mas ella vive longe daqui e talvez isso lhe cause desarrajo.

— Não senhor; irei, com muito prazer, onde me indicar.

O desconhecido entregou-lhe um cartão, sem deixar de a contemplar e pensou de ir para consigo, vendo-a radiante: "Se é tão habil como diz, utilizaremos os seus serviços sem que perceba o jogo. Parece-me uma pontinha candida e sem fel e... é bem bonita."

* * *

Maria Fernanda começou, pois, a ir, todas as manhas, com o seu fiel companheiro, a casa de Helena, senhora jovem e amavel. Nunca alli via gente e o aspecto mysterioso da residencia teria impressionado a qualquer

outra pessoa menos inexperiente. A porta achava-se sempre aberta quando ella chegava e a discipula parecia muito absorta no seu trabalho. Falavam pouco e se alguma vez, entusiasmada pela arte, prolongava mais a sua lição, a senhora ao ouvir o som distante de uma campainha, levantava-se precipitadamente e, pedindo mil desculpas despedia a professora.

Uma vez, interrogada por esta, explicou umas cousas confusas, vagas, mysteriosas.

Tremscorreram assim algumas semanas. Fernanda percebia diariamente o seu ordenado e Pim não ficava sem o seu pedaço de bolo. Isto, porém, até ao dia em que occorreu o que vou contar.

Mestra e discipula estavam sentadas junto a mesa de trabalho e o cão jazia estendido aos pés de sua ama, como de costume, quando a campainha tocou tres vezes com violencia insolita.

Helena descorou e, pondo-se de pé, como que movida por occulta mola, cruzou as mãos em attitudo supplicante e disse a Maria Fernanda:

— Vá-se embóra, peço-lhe, e se vir alguma cousa de anormal ao sair, continue seu caminho, sem prestar attenção; de contrario cahiria nas mãos dessa gente e prende-la-iam como a mim. Alguma cousa de grave se está passando e avisam-me para que abra.

A campainha repençou com maior violencia, Pim ladrrou, e Fernanda empurrada por Helena quiz correr. Já era tarde, porém porque esta calçou um botão, a porta virou sobre os gonzos, arrastando o espelho que a encobria e appareceram dois homens mascarados carregando um ferido como elles occulto debaixo de um capuz negro. Olharam para um e outro lado para se certificarem de que ninguém os via, saltaram pela janella, com todo o cuidado e desapareceram com a sua carga.

Maria Fernanda aterrada, escondeu-se atraz de um sofá, abraçada ao seu cãozinho, apertando-lhe o focinho para o impedir de ladrar. O animal debatia-se ansioso por correr atraz dos homens, mas sua ama fazendo um esforço supremo, conteve-o e esperou immovel, obedecendo a Helena que com um gesto imperioso lhe impunha silencio.

Poucos minutos depois volveram dois e, interrogados por aquella que parecia cumplice e victima ao mesmo tempo, um delles respondeu: — “Não foi nada; foi apanhado por uma polia mas como perdeu os sentidos julgamos que fosse um accidente maior. Deixamo-lo em lugar seguro e alli farão ir medico.” O segundo mascarado acrescentou: — “Acreditai que tivesse morrido e era toda uma trapalhada por causa...” Não pôde concluir. Pim, latindo como doido, correu para elle, dando saltos e lambendo-lhe as mãos em quanto Fernanda, erguendo-se, indignada, balbuciou: — “És tu Alvaro!”

— Cala-te desgraçada — replicou elle, interpondo-se entre sua prima e o primeiro que havia falado e voltando-se para ella: — “Deixa-a ir embora mesmo que a submettesse a cruéis tormentos não conseguirias nunca que ella empregasse o lapis em proveito de nossa industria. É uma romantica e respondo pelo seu silencio.” Depois, encarando na prima: — “Maria Fernanda, necessito de dinheiro e fabrico-o; se não sou um homem hon-



Vestia-se pelo ultimo figurino

rado a culpada és tu. Não nos denunciás porque serias tambem responsavel pela minha morte. Vae-te. Procura esquecer o caminho desta casa.”

Que vergonha! — respondeu ella e sem levantar os olhos do chão saiu precipitadamente daquelle antro infame.

* * *

A creada attribuiu a palidez de Fernanda ao desgosto de ter perdido uma lição tão bem retribuida, sem suspeiatar da dolorosa prova a que o seu coração nobre e generoso era submettido. Na sua consciencia, momentaneamente perturbada, travou-se uma lucta espantosa. Julgava-se responsavel pela vilania de Alvaro e censurava-se por ter fugido a discussões com a sua familia das quaes poderia ter saído uma solução... De pressa, porém, recobrava o seu juizo sereno e claro porque via qual o valor de seu primo a agradecia a Deus por a ter afastado d'elle, cumprindo o seu dever.

Não haviam transcorrido duas horas quando Alvaro se aposentou no aposento em que habitava Maria Fernanda. Ella estava só. Deixou-o entrar e quando estiveram bem frente a frente, perguntou-lhe:

— A que vens?

— Fernanda, por caridade, não olhes assim para mim. Sei que sou criminoso, mas venho implorar misericordia e não justiça. Pensa que se não fosses uma caprichosa excentrica, viveriamos felizes a estas horas em nosso palacio, como dois grandes senhores e entre as tuas boas obras contarias mais a de me haveres tirado de um abismo onde me precipitou a falta de dinheiro.

— De modo que eras um falsario e pretendias repartir commigo a tua deshonra! Que horror!

E Maria Fernanda cobriu a cara com as mãos, desatando a chorar, sufocada em soluços.

Alvaro, confuso, queria falar e não acertava com as palavras. Estava aborrecido. Não gostava de scenas de sentimentalismo. Para quebrar o silencio angustioso, perguntou em tom compungido:

— Odeias-me, priminha?

Fernanda ergueu a cabeça. Estava adoravel. Nos seus olhos, vivificados pelas lagrimas, reflectiam-se os tesouros de piedade que possue uma alma immaculada e os seus labios, sempre outr'ora dispostos ao sorriso infantil, contraíram-se delineando um rictus de profunda amargura.

— Não, Alvaro, não te odeio. Compedeço-me de ti. O meu pobre coração rendeu-te um preito que não merecias. Sonhei com a fusão de nossas almas numa só. Acreditava na honra que se não mancha com interesses mesquinhos! E foste tu que dispersas-te em mim o mais bello dos sentimentos humanos. Agora vejo-te sem o veu da illusão. Quero-te como se deve querer a uma creada enferma e se fosse possivel reter-teia em meus braços para impedir que a morte moral te arrebatasse a vida... Mas nada posso fazer por ti. Até agora pedi a Deus que te fizesse feliz. Agora rogar-lhe-hei que te restitua o sentimento da honra...

Alvaro levantou-se. Uma sombra muito leve de emoção lhe opprimia a garganta. Ia a ajoelhar, a pedir perdão. Mas o demonio da cubica venceu a sua fraqueza e sem dizer mais palavra o infeliz saiu de casa de Fernanda.

* * *

A senhorita do primeiro andar quer ver a senhora—disse a creada, a Maria Fernanda, um dia, passado tempo. Respondei-lhe que logo que a senhora entrasse a iria chamar.

— Bem: e sabes o que ella quer?

— retorquiu Fernanda.

— Creio que vai casa e pretende que a senhora lhe pinte um leque, que pareça antigo.

No primeiro vivia com effeito Margarida Fernandez, filha de um velho negociante, retirado dos negocios, animada e futil. Era baixa, mas de-

sempenada e elegante e vestia-se pelo ultimo figurino, accentuando os decotes em excesso. Era o typo da burguezia leviana e ordinaria. Corriam boatos sobre a sua conducta e sobre a procedencia da fortuna do pae...

Maria Fernanda dali a pouco recebia a sua visita. Margarida entrando do modesto aposento sentou-se sem ser convidada e cruzando a perna emquanto acariciava com a mão o verniz da botina, trocados cumprimentos com uma sobranzeria soez, disse: nessa caixa tem uma colleção de cartas do meu noivo. Sabe que vou casar? Está tambem o retrato delle. Veja se lhe reproduz a imagem no leque.

Conversaram alguns minutos ainda, Margarida com a mesma incongruente liberdade, sobre cousas futeis. Depois ao levantar-se, despedindo-se disse. A obra tem pressa. Devemos casar depois de amanhã. Cem francos é bem pago, hein?

Maria Fernanda, enojada, não respondeu e depois de fechar a porta sentou-se á sua mesa de trabalho. Abriu a caixa. As mãos subitamente tremeram-lhe. Os olhos toldaram-se-lhe. Parecia que a cabeça lhe estalava. E' que em baixo do retrato com uma dedicatória amavel lia-se a assignatura do seu primo Alvaro e a photographia era a delle.

Alvaro, cuja recordação permanencia unida aos seus dias de ventura, já cometer novo crime, apoderando-se de Margarida para lhe possuir a fortuna. Depois era o chaos, porque no seio daquella familia não era pos-

sivel que elle se redimisse das suas culpas convertendo-se no homem de burgo que ella ainda esperava.

Teve vontade de morrer. Sentiu na sua vida um vazio immenso, absoluto, o desabar de todas as suas illusões. E, caindo de braços, o coração alanceado por martyrios sem conta, Maria Fernanda chorou num desespero infinito de dor...

.....

Maria Fernanda é hoje enfermeira na Cruz Vermelha nos campos de batalha. E' de uma dedicação immensa e de um heroismo de mãe e noiva, concentrando todos os sentimentos da sua alma generosa e boa na affeição aos que soffrem, assistindo-lhes aos ultimos momentos, aliviando-lhes as dores com o grande carinho de um amor espirital, sem limites e sem fim. No seu coração guará o peso de segredos enormes, de enormes torpezas. Com ella morrerão, porque se um dia voltar á sociedade chamar-lhe-hão sempre uma louca, uma excéntrica... talvez por não mais acreditar no enganoso amor dos homens.

(Rr. para a Revista Feminina)

PARA TINGIR OS CABELLOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PÉTALINA, o admiravel e infallivel preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro acovelhe. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

Correspondencia

M.^{me} B. M.—O exercicio, mesmo um pouco exagerado, é um dos grandes remedios preconizados para reduzir o corpo a justas proporções.

Deve-se acompanhar o exercicio com um rigoroso regimen alimentar isto é, proscrever os alimentos gordurosos; os que são muito ricos em amassar, e sobretudo os farinaceos. As massagens tambem dão resultado.

Sarta, Dulce.—Para desenvolver o busto um dos remedios que conheço são as pastilhas trielcicas do Dr. Malcom. E' um poderoso fortificante principalmente para essa phase da vida de uma moça.

D. Eponina.—O "Heliol" é o ideal para esse caso, pois não privando o suor que como sabe é necessario, tira entretanto todo o cheiro que elle produz. Uma caixa grande, 6\$000, pelo correio mais 500.

M.^{me} Corrêa.—A Sarta, mesma pôde preparar o "leite virginal" para seu uso que é facilissimo com esta receita:

Pó de benjoim 50 grs.

Alcool a 90 graus 12 litro.

Vinagre de Orléans 12 litro.

Dito tudo em uma garrafa, vaseloeje todas as manhaes e no fim de quinze dias filtre.

E' preciso diluir primeiro o pó de benjoim com uma pequena quantidade de alcool e vinagre depois se ajunta o resto do liquido, e despeja-se na garrafa.

LILY

NOME LEQUE

*Meu leque de papel, leque barato,
Vosso fado é igual ao da mulher:
Semas um leque em mão de um ser ingrato
Que faz de nós e que lhe apraz e quer.*

*— Leque, a mão só vos ama e vos procura
Mes dias ardorosos do verão:
— Mulher, toques apenas a ventura.
Enquanto dura o arde de uma paixão.*

*— Eis-vos, leque, entre as coisas sem valor,
Se por feio ou por velho já passaes,
Ou se vai longe o tempo da calor...*

*E, após um novo amor, homem, tu vae...
E nós ficamos só: com n'ossa dor
Qual feio leque que não serve mais...*

(Do lindo e interessante livro de versos "Primeiro Voz" da exma. sra. d. Irene Festeira de Souza Pinto, livro que acaba de apparecer em edição limitada)

A VINGANÇA DO AMOR

«O amor vinga-se dos que o enganam»

A mulher é, por instinto, astuciosa. Não a condemnem por isso. Ella tem de defender-se, sendo tão fraca, de tantos perigos, de tantas oppressões, de tantas injustiças! Em geral, para que melhor em sua fraqueza ella possa defender-se, a Providencia concedeu-lhe um bom senso pratico, que o homem lhe desconhece e deveria invejar-lhe. Invariavelmente, essa mulher sensata recorrerá á dissimulação para evitar os martyrios a que a exporia a sinceridade e encobrirá como si fossem culpas, muitas vezes, acções as mais innocentes. A isto se tem chamado a mentira da mulher.

Eu, porém, conselho a toda a mulher que verdadeiramente ama e que verdadeiramente é amada a arrotar com todos os perigos da verdade de preferencia a tentar illudir um verdadeiro amor. O caso que vou contar e que explica as razões intimas de um doloroso drama que tanta impressão causou no meio aristocratico de Vienna, ha uns doze annos, deixará comecar a exactidão do pensamento que escolhi para epigrapha desta narrativa em que não collaborou a minha fantasia.

Um anno antes do assassinato da Imperatriz na Suissa, a sociedade de Vienna abriu os seus salões a uma mulher de fascinadora formosura, de cabellos fulvos e olhos cor de cinza, com um collo de deusa e uma cinta de virgem.

Chamava-se Sophia Konopnicka e era viuva de um antigo diplomata, que morrera em Pekin. Aos trinta annos, em todo o esplendor da belleza, Sophia tinha a avidéz da alegria que existe nas creaturas fortes e saudáveis. Os homens, atraídos pela sua seducção irresistivel, fizeram-lhe escandalosamente a corte e as mulheres estimaram-na apesar disso, tanto ella tinha a arte de captivar os corações. Entretanto, os homens que nos bailes, nos theatros e no Pratter a cortejaram não foram felizes. A conquistadora de corações parecia ter um coração inconquistavel. Ria, divertia-se e passava adiante. Um dia, porém, correu que Sophia Konopnicka estava apaixonada, e a surpresa foi immensa quando se soube quem era o homem que lhe merecera o sacrificio da sua liberdade. O Conde Krasinsky não era bello nem alegre. De que occulto poder sentimental usara aquelle homem sombrio para obter a dadiva esplendida daquella maravilhosa vida?

Depois disso se comprehendeu quando se viu o fanatismo com que Krasinsky a amava. Ella era para elle a Divindade, e ao seu culto entregara as energias vehementes de uma alma



SOPHIA KONOPNICKA

idealista e soffrega de amor. Durante dois annos, Sophia foi incomparavelmente feliz e viveu com exaltação apaixonada o seu ardente idyllio,

Krasinsky arrebatara-a para as suas propriedades dos Karpathos e só de longe a longe a trazia a Vienna, durante a temporada da Opera. Da ultima vez que a vi no seu camarote, em uma noite em que se cantava o *Sigfried*, attentamente a analisei com o binoculo. Sophia parecia mais bella do que nunca. Tinha a magnetica belleza que dá o amor e o esplendor de sua felicidade brilhava mais do que as suas joias. Lembrome-me de que no cabelo cor de cobre, sobre as fontes, collocara duas flores escarlates, que attrahiam todos os olhares.

Mas, sem deixar de amar Krasinsky, ella principiou, ao fim de dois annos, a ter saudades da alegria, a pensar com melancholia nos bailes, nas partidas de mascaras, nos passeios do Pratter.

Krasinsky, com o egoismo cego do fanatismo, não comprehendeu a agitação daquella consciencia feminina. Quando tão facil lhe teria sido prolongar indefinidamente o extase do seu idyllio, commetteu todas as irremediaveis imprudencias que ferem o coração da mulher. Atormentou-a com ciúmes. Obrigou-a a partilhar — a ella que só ambicionava amar e rir e tinha a soffreguidão da felicidade — dos tormentos em que o haviam lançado, de improvisto, uns quaesquer desastres financeiros. Pela primeira vez separaram-se. Sophia foi a Varsovia repousar e visitar o filho. Demorou-se dois meses.

Mas voltou para Krasinsky com a mesma impetuosa paixão e elle, que a esperára com a ansiedade que só conhecem os que amam recebeu-a com

as alegrias com que se acolhe a visita da felicidade e do praser. Mas um anno depois, Sophia appareceu sozinha em Vienna, e quando, passados tres meses, Krasinsky a levou de novo para a solidão das florestas, já ella transportava consigo o segredo que lá permittir-lhe contentar ao mesmo tempo a sua felicidade e o seu amor. Escreva pelo coração, Sophia Konopnicka quiz ser livre pelo pensamento. A experiencia mostrara-lhe a inutilidade da sinceridade absoluta.

As suas amigas de Vienna ensinaram-lhe o processo de conciliar os deveres do amor com a sua insaciavel sede de alegria. Então, na vida conjugal de Sophia e Krasinsky, entrou a companhia invisivel da dissimulação, a que em breve se juntou a companhia terrivel da desconfiança. Sophia creara duas vidas distintas, uma que pertencia, com a sua dedicação, com a sua presença material e os seus beijos, a Krasinsky; a outra que pertencia exclusivamente a ella, que constituia um recinto impenetravel, vedado a Krasinsky: a vida dos seus pensamentos.

Assim ella pensava aquietar as rebeliões intimas do seu energico instinto de liberdade. Krasinsky ignorava os seus projectos, como tudo o que circulava no seu espirito. A activa correspondencia que Sophia entretinha com as suas amigas de Vienna, já ella a não lia, como dantes, ao homem a quem se dera. Escondia-a, conservava-a inviolavel ou destruiu-a.

Por duas vezes, usando do prestigio que exercia sobre Krasinsky, preparara pretextos para ir passar alguns dias a Vienna sem elle, e foi desta segunda viagem que Sophia concebeu o projecto de acompanhar na primavera a Princesa Olga Cherbazsky no seu cruceiro pelo Mediterraneo, a bordo do *yacht* «Eleonora».

Que perdia Krasinsky em que ella se divertisse, em que ella pudesse, durante um mez, com as suas amigas, navegar de bahia em bahia, de porto em porto, de Venesa para Napoles, de Napoles para Genova, de Genova para Nice, para o Cairo, para Alexandria, para Malta? Todavia, apesar de convencida da innocencia do seu projecto, Sophia não se animou a communicar-o a Krasinsky e occultava cautelosamente as cartas da Princesa de Cherbazsky, cujo assumpto constante era a grande viagem de recreio em que as duas, emancipadas das suas cadeias, alegres e felizes, poderiam gozar essa delicia inarrivavel que é para toda a mulher a liberdade sem constrangimentos.

Para obter o consentimento do marido, Sophia foi servida pela doença. A vida sombria e monotona de provincia acabara por provocar-lhe

uma depressão nervosa assustadora. O seu caracter alterou-se. Certo, ella amava Krasinsky com o unico grande amor da sua vida, e não pertencia ao numero das mulheres que multiplicam as experiencias amorosas. Mas agora o seu amor não tinha mais a cegueira antiga. Os defeitos do homem que ella amava eram, de dia para dia, mais visiveis para ella, e Sophia lastimava-se de que Krasinsky não pudesse transformar-se no homem que ella idealisava.

Inevitavelmente, essas reservas intimas tinham acabado por transparecer na sua expressão, nos seus modos, no seu procedimento. Krasinsky, que analysava cada uma das suas palavras e cada um dos seus gestos, começou a viver uma vida de dôr concentrada. Apoderara-se delle o convencimento de que Sophia não o amava já com o antigo amor, e essa certeza alarmante lançava-o em crises atroses de melancolia. Dias inteiros para fugir do espectro da sua desconfiança corria as planicies cobertas de neve, fustigando os cavallos do trem. Desses passeios desvairados, Krasinsky regressava mais acurrido e sombrio. O inverno passou. Sophia olhava ao espelho o declínio da sua belleza e tinha crises nervosas de lagrimas. Krasinsky chamou de Lemberg um antigo discipulo, especialista celebre, para examinar Sophia. O medico aconselhou o remedio dos ricos: as viagens. Dois meses depois, Krasinsky acompanhava Sophia a Trieste e despedia-se della, por uma tarde linda de primavera, no salão do hiate de recreio da Princeza Cherbatzky.

— Voltarei depressa! Não ha hoje vida para mim sem ti! — foram as ultimas palavras que Sophia lhe mandou, escriptas a lapis, nervosamente, e que lhe atirou ao caes, no momento em que se recolhiam as ultimas amarras que prendiam ainda o «Eleonora».

Krasinsky voltou nesse mesmo dia para as suas propriedades da Galicia, concentrado na sua saude, esperando as cartas da querida amante.

A primeira carta, finalmente, chegou. Sophia queixava-se da sua doença. Nada a podia distrahir. O mar que ella dantes amava tanto, parecia-lhe monotonos. Todos os esforços de Olga por alegral-a eram inuteis. Seu coração e seu corpo soffriam. Uma tristeza infinita a penetrava toda, como um grande frio. Vieram depois mais cartas: da Sicilia, de Chypre, de Malta, de Napoles. E eram sempre gemidos e phrases tão vagas, que Krasinsky imaginava ás vezes estar lendo paginas de um romance. Aquellas cartas não lhe consentiam apprehender o pensamento de Sophia. Dir-se-hia que todos os esforços della se applicavam em lh'o encobrir. A principio, ella fallava em regressar na primeira escala. Renunciaria á viagem ao Egypto. Não podia viver longe delle. Depois, subtilmente, com pretextos vagos, a data do regresso afastava-se. Ignorava ainda quando poderia vol-

tar... Krasinsky, na sua solidão, lia e relia as cartas de Sophia, pesquisando-as com a sagacidade terrivel da desconfiança e do ciu-me.

Por mais habile methodica que seja, á mentira falta sempre a logica. Os lamentos de Sophia pareciam a Krasinsky destinados apenas a occultar-lhe a verdade, a desoriental-o, a preparar justificações a actos e projectos para elle desconhecidos. Elle sabia quanto o soffrimento predispoé para a ternura e nas cartas de Sophia não havia esses dôces gritos de paixão e esses carinhosos queixumes em que se consolam as almas magoadas. A sua correspondencia conservava o aspecto inconfundivel da inveracidade, que tem os depoimentos dos criminosos. E Krasinsky soffria o mais atroz dos martyrios. Atormentava-o a certeza, cada vez maior, de que perdera o amor de Sophia. Vivia a pensar. A sua unica occupação era soffrir. Não dormia. Levantava-se de noite e passeava pelos vastos desertos onde tudo lhe fallava da mulher amada. A dôr, exacerbada pelo ciu-me, movia-o ás mais cruéis injustiças contra a bella creatura que lhe dera o coração e a vida. As mais pequenas cosas avultavam agora perante a sua attenção concentrada na idéa fixa de Sophia. Comparava a ultima despedida com a de dois annos antes, quando pela primeira vez se tinham separado, quando ella fôra a Varsovia visitar o filho. Então eram os abraços infundáveis, os beijos ávidos e molhados de lagrimas. Em que se parecia aquella despedida pungente com o adeus no «Eleonora», na presença da Princeza de Cherbatzky?

Inutilmente esperara então que Sophia o chamasse ao camarote para se lhe lançar ao pescoço... Porque se alterara tão profundamente o seu amor? Devorado pela sua dôr elle a esquecia os meses de sombria afflicção que haviam precedido aquella viagem imposta pela doença, e quanto esses transe deviam ter influido naquella apparente desapego, que só tradusira uma intima magoa. No seu fanatismo e no seu desvario, Krasinsky esquecia as suas culpas para só vêr as culpas de Sophia.

Por ventura elle a suspeitava de ser capaz de commetter uma acção que mortalmente offendesse a dignidade do seu amor? Não. Elle não ouzava, nas accusações que lhe fazia, duvidar da rectidão do seu caracter. Mas via os vestigios que do seu pensamento ficavam nas suas cartas uma obra methodica de dissimulação. Que tinha ella a occultar-lhe?

Sophia occultava-lhe a felicidade, a alegria daquella viagem de praser, que a restituía á liberdade e ao contentamento. Calculando que elle soffria, evitava fallar-lhe na sua alegria, como se fôra uma traição aquella felicidade gosada longe delle. Temia, conhecendo a sua paixão sombria, atormental-o com a narrativa dos seus prazeres. No fundo do seu coração ella sentia remorsos, e todas as noites, antes de se deitar, ajoelhada bei-

java o retrato de Krasinsky, como se fôra uma icone sagrada. Mas o amor que lhe dedicava não a impedia de gosar todos os prazeres daquella viagem deliciosa e irreprimivelmente ella os comparava ás noites de tristesa e de solidão do inverno, na presença da melancolia taciturna do homem amado.

Aos pedidos de Krasinsky para que voltasse, ella respondia o que imaginava lhe seria mais consolador para a sua impaciencia. Uma noite, porem, em Genova, a uma carta que a enternecera até ás lagrimas, impetuosamente respondera marcando o regresso a Trieste, renunciando ao resto da viagem.

Krasinsky, ao receber essa carta precipitou-se para Trieste, á espera de Sophia. Os dias passaram e o «Eleonora» não chegava. Krasinsky passava os dias no caes, indagando quando chegaria o hiate da Princeza Cherbatzky, assistindo á chegada dos paquetes, interrogando os passageiros que regressavam da Italia. De uma dessas vezes, a fatalidade quiz que Krasinsky encontrasse entre os passageiros um official, seu antigo camarada, que voltava de uma excusão na Italia. Krasinsky confessou-lhe que estava á espera do Sophia. Havia uma semana que a esperava e atormentava-o o receio de que Sophia tivesse piorado e a doença a tivesse impedido de voltar. Accusava a Princeza de sacrificar Sophia, de não a ter trazido a Trieste logo qua ella adoeceira em Napoles.

— Doente em Napoles? Mas é impossivel, Krasinsky! A Condessa Sophia pareceu-me mais bella e alegre do que nunca! Vi-a todas as noites na opera enquanto o «Eleonora» esteve fundeado em Napoles. E via-a quasi todos os dias tambem: em Capri, Sorrento, em Pompeia... Posso mesmo dizer como ella estava vestida!

Desde essa hora, o delirio de Krasinsky attingiu o paroxismo. Já nenhuma esperança lhe restava. Contemplava os destroços da sua felicidade e vagueava pelos caes de Trieste como um louco.

Sophia não pudera resistir á tentação de passar uma semana no Cairo e escrevera cartas sobre cartas a Krasinsky, para se fazer perdoar pela falsa esperança que lhe dera e promettedo-lhe a recompensa de um amor recrudescido pela ausencia e pela saudade. Arrependida, com o coração dilacerado pelos remorsos, obtivera, depois do Cairo, que a Princeza desistisse de ir a Tanger, e era para o homem idolatrado que ella vinha, ansiosa como uma noiva, mandando telegrammas em cada porto de escala enviando-lhe antecipadamente os seus beijos fieis. Mas cartas e telegrammas amontoavam-se sobre a mesa do gabinete de Krasinsky, lá muito ao longe, na Galicia, enquanto o desgraçado vagueava no caes, á espera do «Eleonora». Quando o hiate da Princeza Cherbatzky chegou a Trieste, Krasinsky fôra infernado na vespera num hospicio de alienados...

FREDERICA SCHUMANN.

— TRABALHOS DE AGULHA —

Fig. 1—Serviço para chá. O modelo que apresentamos hoje é executado em linho crepe fino, composto de uma toalha que mede 75 centímetros de comprimento e os guardanapos 30 centímetros; borda-se a ponto inglês e Renascença. Linha fina brilhante; é festonada na brida.

É um rico modelo que nossas leitoras muito vão apreciar. Com este mesmo desenho pôde-se fazer uma toalha muito maior.

Enviámo-lo modelo por 4\$500.

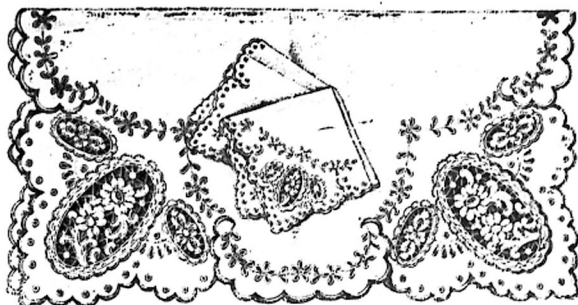


Fig. 2 — Abafador para chá. Um modelo muito gracioso este, executado em cambraia de linho fino e do *do: d'ado Richelieu*, e aplicações de Veneza que pôde ser substituída por crochet, fillet ou renda do Norte.

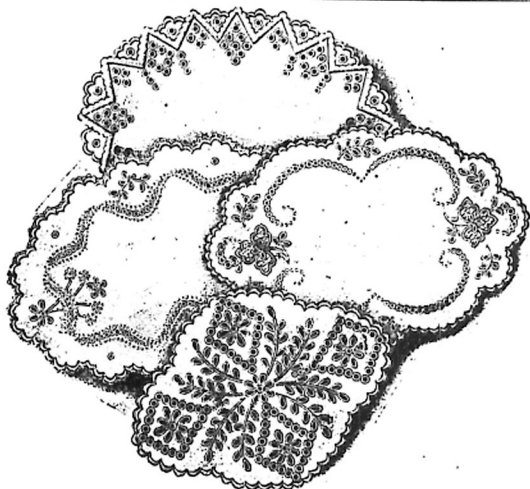
Para executá-lo toma-se um pedaço de linho, medindo 45 centímetros; traça-se o desenho e faz-se o contorno a ponto de festão; em seguida, fazem-se as bridas, e depois corta-se a fazenda lisa em redor do desenho.

Envia-se o desenho em tamanho natural por 3\$000.



Fig. 3 — Forros para bandeja. Essas quatro toalhinhas para forro de bandeja são feitas em linho branco fino, executadas em bordado inglês, com linha brilhante.

O desenho de cada forro custa 2\$000.



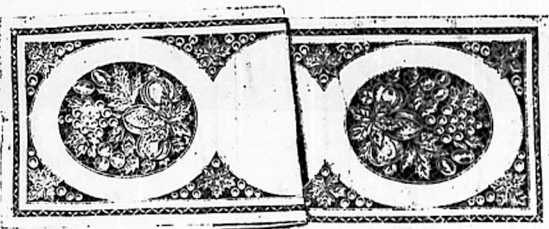


Fig. 4 — Chemin de table.
Lindo modelo em linho branco para centro de mesa. Trabalha-se com linha brilhante 25, a ponto de festão, salvo a nervura das folhas e o lado das fructas que são feitos com ponto viesado. O resto do trabalho é feito em bordado *Renascença*.

Enviamos o modelo por \$4000.

Fig. 4 Chemin de table

Fig. 5, 6 e 7—Toalhinhas bordadas. Tres lindos modelos que podem se prestar para diversos fins: já como pequenas toalhas para *gueridon*; como complemento para cobertura de piano, de *fauteil*, unidos a outros quadros em filet, renda do Norte ou de Veneza.

Fig. 8 — Cortinas para estantes ou mesmo para portas. Côres de accordo com o mobiliario. Para um tecido *vieux bleu*, por ex. os motivos maiores serão feitos em ton azul mais escuro que o fundo, verde pallido e verde carregado.

Os traços finos, bordados em ponto chato. Trabalho de lindo effeito.

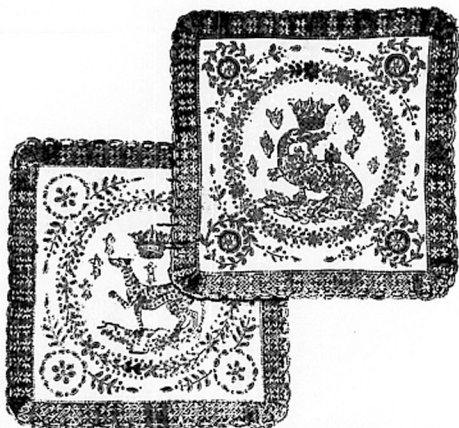


Fig. 5 e 6 Toalhinhas bordadas



Fig. 7 Toalhinha bordada

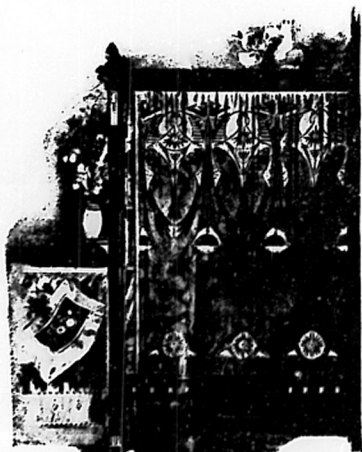


Fig. 8 Cortina pintada ou bordada



COMO ENFEITAR MINHA CASA

Quatro objectos graciosos e elegantes para escritorio são os que representam nossos clichés. O primeiro um cache-pot de barro, cujo fundo é trabalhado com esmero, isto é fixado por tres ou quatro vezes e depois envernizado com tintas apropriadas de maneira a dar-lhe um aspecto de porcelana, com applicação de estanho *repoussé*.



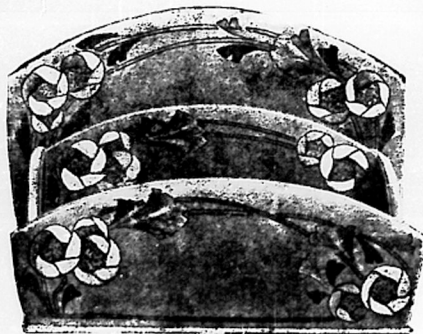
Cache-pot com applicação de estanho.

O segundo modelo representa um porta-retratos, em estanho *repoussé*, que ornamenta bem o conjunto.

O terceiro modelo é um lindo classificador, de madeira clara com applicações de estanho.

O quarto modelo é para um mata-borrão. A tampa e o suporte são de madeira envernizada, e as applicações são também de estanho *repoussé*.

Como vêdes caras leitoras com um pou-



Classificador



Porta-retratos



Mata-borrão

APPLICAÇÕES

de todos os formatos para centro de mesa e outros trabalhos, procurem a

CASA GUERRA
Rua S. Bento, 84 86 — S. Paulo

FRANCISCA JULIA DA SILVA

No nosso ultimo numero tivemos occasião de publicar uns bellissimos versos firmados por Francisca Julia da Silva e com os quaes, a nossa brilhante poetisa inicia sua valiosa collaboração. Circumstancias penosas, como a grave molestia de um dos nossos directores, perturbaram a confecção do numero passado e foi esta a razão pela qual não fizemos acompanhar a primeira collaboração da nossa eminente patricia com a expressão do nosso reconhecimento e com a expressão do nosso justo desvanecimento. Francisca Julia da Silva é um nome consagrado nas nossas letras. Seu livro de estrea — *Marmores* — contem joias de finissimo lavor que lhe grangearam desde logo uma reputação litteraria definitiva. Seus versos, a par de uma factura primorosa e de uma originalidade rara, têm uma expressão admiravel de vida emotiva intensa, que se communica ás almas como as vibrações de uma harpa dedilhada num plenilunio.

Brevemente Francisca Julia da Silva, cuja arte deliciosa vive de recato e de isolamento, vai dar-nos um novo livro, que será, por certo, mais uma affirmação do seu formoso talento e mais um triumpho do espirito feminino brasileiro. A *Revista Feminina* sente-se orgulhosa ao ver o seu brilhante corpo de collaborado-



FRANCISCA JULIA DA SILVA

res enriquecido pelo nome de Francisca Julia da Silva, uma das maiores poetisas de uma epoca.

As revistas que se publicam em S. Paulo estão promovendo em sua honra uma grande festa litteraria a realizar-se em breve e que promete revestir-se do maior brilhantismo, pois nella tomarão parte os nossos principaes homens de letras, e os representantes da nossa elite social.

Para essa festa organisou-se uma comissão, em que figuram nomes representativos, tendo á frente o eximio poeta dr. Vicente de Carvalho, outra gloria da litteratura nacional.

Essa comissão é composta de: dr. Vicente de Carvalho, presidente honorario; dr. Alfredo Pujol, presidente effectivo; Simões Pinto, da *A Vida Moderna*, e dr. Armando Prado, secretarios; d' Virgínia de Sousa Salles, da *Revista Feminina*, thesoureira; srs. dr. Martins Fontes, dr. Valdomiro Silveira, dr. Alberto Faria, dr. Wenceslau de Queiroz, dr. José Gonçalves, Amadeu Amaral, dr. Gomes Cardim, Cassiano Ricardo, da *Panoptia*; dr. Plínio Barreto, da *Revista do Brasil*; Gelasio Pimenta, da *Cigarra*; e Jairo de Góes, do *Pirralho*.

O programma de homenagem que a comissão vae seguir consiste na realisação de uma grande sessão litteraria, cujo detalhe será opportunamente publicado; offerta de um medalhão de bronze com o retrato da illustre paulista á Academia Brasileira de Lettras, e — caso haja recursos bastantes — uma reedição completa e distincta da obra poetica de Francisca Julia

Estão expostas as listas de subscrição nos escriptorios dos jornaes matutinos, podendo tambem ser encontradas entre os membros da comissão promotora da sympathica manifestação de carinhoso apreço e estima á inspirada poetisa.

A *Revista Feminina* associa-se sinceramente a essa delicada homenagem tão merecida pela illustre autora dos *Marmores* que já hoje é um nome de pura grandeza na brilhante constellação da litteratura brasileira.

TECIDOS bordados crêpes, organdis, linons e batistes de linho proprios para blusas e roupas brancas

procurer na **CASA GUERRA**
Rua S. Bento, 84 e 86—S. PAULO

O ADEREÇO de Guy de Maupassant

ERA uma d'essas encantadoras raparigas, nascidas, como que por uma irrisão do destino, n'uma família de empregados. Não tinha dote, não tinha esperanças, nem meio algum de tornar-se conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e consentiu em casar com um amanuense do ministério da instrução pública.

Foi simples uma vez que não podia viver luxuosamente, mas sentia-se infeliz como uma deslocada; porque as mulheres não tem nem raça nem casta, a sua belleza, a sua graça e o seu encanto servem-lhes de gerarchia e de familia. A sua delicadeza nativa, o seu instincto de elegancia, a sua gentileza de espirito, são o seu unico grao hierarchico e tornam as filhas do povo eguaes ás damas do mais fino tom.

Soffria incessantemente, sentindo que nascera para todas as ostentações. Soffria com a pobreza da sua installação, com o desgarrado das suas paredes, com a escassez do mobiliario, com a fealdade dos estoffos. Todas essas cousas, cuja ausencia qualquer outra mulher da sua condição nem mesmo teria notado, a turturavam e injaniavam.

A visão da rasteira bretã que tratava do seu lar buziilde despertava nella desolados amargores e devaneios tristissimos. Ella sonhava com as antecamaras silenciosas, tapetadas de pannos orientaes, allumiadas por altos tocheiros de bronze, e com os dois altos creados de quarto, de calção e sapatinho leve, que dormem nas largas poltronas, entorpecidos pelo pesado calor de calorifero.

Sonhava com os vastos salões revestidos de sêda antiga, de moveis finos supportando bibelots inestimaveis, e com as saletinhas garnidas, perfumadas, feitas para a conversação das cinco horas com os amigos mais intimos, os homens conhecidos e disputados de que todas as mulheres desejam as atenções.

Quando se assentava para jantar, deante da mesa redonda coberta por uma modesta toalha, em frente de seu marido que destapava a terrina declarando com ar encantado: « Ah! que bello cozido! não ha nada melhor do que isto... » ella scismava nos jantares finos, nas baixelas de prata reluzentes, nas tapeçarias que povoavam as paredes de personagens antigas e de aves exoticas e raras no meio de uma floresta magica; ella sonhava com manjares exquisitos, servidos em baixel-



las maravilhosas, com as galanterias cochichadas e escutadas com um sorrir de esphinge, enquanto se comia a pôlpa rosea de um fructo ou as azas de uma ave excentrica e delicada. E ella não amava senão essas cousas; sentia que tinha nascido para ellas. Tinha tanto desejo de agradar, de ser invejada, de ser seduzida e disputada!

Tinha uma amiga rica, uma antiga conspicuista de convento que nunca ia visitar, tanto se sentia soffrer ao voltar a sua casa. E chorava durante dias inteiros, de pura magua e amargura, de desespero e angustia.

Ora, uma noite, seu marido entrou com um ar glorioso e tendo na mão largo sobre-escrito.

— Aqui tens, lhe disse, é alguma coisa para ti.

Ella rasgou apressadamente o papel e tirou de dentro um cartão que continha estas palavras:

« O ministro da instrução pública e a senhora Georges Ramponneau pedem ao Senhor e Senhora Loisel a honra de virem passar a noite ao palacio ministerial, na proxima segunda feira 18 de janeiro ».

Em vez de ficar maravilhada, como o esperava o marido, ella atirou com despeito o convite para cima da mesa, murmurando:

— Para que quero eu isto?
— Mas, minha querida, eu pensava que ficarias satisfeita. Como nunca sahes de casa, era uma bella occasião esta, mesmo bella! Tive a maior difficuldade em obter o cartão. Toda a gente deseja taes convites; são muito procurados e não são muito dados aos empregados. Terás occasião de ver todo o mundo official.

Ella olhou-o irritada, e declarou com impaciencia:
— Mas que queres tu que eu vista para lá ir?

Elle não tinha pensado n'isso; balbuciou:

— Mas o vestido que levavas ao theatro, parece-me muito bom, pelo menos a mim...

E calou-se, estupefacto, quasi louco, ao ver que a esposa chorava. Duas grossas lagrimas desciam lentamente dos cantos dos seus olhos para os cantos da bocca; elle balbucava:

— Que tens tu? que tens tu?

Mas, num esforço violento, ella diminuiu o seu desgosto e respondeu em voz calma, enxugando as faces humidas:

— Nada. Não tenho toilette e por isso não posso ir a essa festa. Dá o teu cartão a qualquer collega teu que tenha a mulher mais bem trajada do que eu.

E elle estava desolado. Tornou-lhe:

— Vejamos, Mathilde. Quanto é que poderá custar isso, uma toilette decente, que possa servir não só para esta mas para outras occasiões, qualquer cousa bastante simples?

Ella reflectiu algum segundos, fazendo as contas e pensando ao mesmo tempo na somma que poderia pedir sem provocar uma recusa immediata e uma exclamação assustada do amanuense economico.

Emfim, respondeu hesitante:
— A' justa, á justa, não sei, mas parece-me que quatrocentos francos talvez pudessem chegar.

Elle empallideceu um tanto, porque era justamente a somma que reservava para comprar uma espingarda e para tomar parte n'algumas partidas de caça, no verão seguinte, nas planicies de Nanterre, com alguns amigos que iam atirar ás cotovias, por aquellos sitios, aos domingos.

No entanto disse:
— Seja. Dou-te os quatrocentos francos. Mas vê se compras um vestido a valer.

O dia da festa aproximou-se, e a senhora Loisel parecia triste, inquietada, ansiosa. Todavia, a sua toi-

lette estava prompta. Seu marido disse-lhe uma noute:

— Que tens tu? Vejamos, andas tão patuca de uns tres dias a esta parte?

E ella respondeu:

— Ando aborrecida por não ter ama jóia, nem sequer uma pedra, nada que possa pôr sobre mim. Tenho apesar do vestido, um ar de miséria. Gostava mais de não ir a essa *soirée*.

Elle respondeu:

— Porás flores naturais. E' o chic d'esta estação. Com dez francos podes ter duas ou tres rosas magnificas.

Ella não se convenceu.

— Não... não ha nada mais luminante que ter o ar pobre entre mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Tambem, não sabes nada! Por que não vaes a casa da tua amiga, a senhora Forestier e não lhe pedes emprestadas as jóias d'ella? Parece-me que tens com ella confiança sufficiente para fazer isso!

Ella soltou um grito de alegria:

— E' verdade. Nem pela cabeça me passava tal!

No dia seguinte, a senhora Loisel dirigiu-se a casa da sua amiga e contou-lhe a sua magua.

A senhora Forestier foi ao seu armario de espelho, pegou num largo cofre, trouxe-o, abriu-o, e disse á sua amiga:

— Escolhe minha querida.

Ella viu em primeiro lugar os braceletes, depois um collar de perolas, depois uma cruz veneziana, em ouro e pedrarias, de um admiravel trabalho. Experimentou esses adornos deante do espelho, hesitou, não podendo decidir-se a deixá-los, a entregá-los.

E continuou a perguntar:

— Não tens mais?

— Tenho, sim. Escolhe. Mas é que eu não sei o que te possa agradar.

De repente ella descobriu numa caixa de setim preto, um soberbo collar de diamantes; e o seu coração poz-se a bater num desejo immoderado. Poi-o em redor da garganta, sobre o seu corpo de vestido, e ficou em extasis deante d'ella propria.

Depois, perguntou, hesitante, e cheia de angustia:

— Não poderias emprestar-me isto, apenas isto?

— Mas, porque não?

Ella saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com transporte, depois fugiu com o seu thesouro.

Chegou o dia da festa. A senhora Loisel fez successo. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os

homens a miravam, perguntavam o seu nome, diligenciando ser-lhe apresentados. Todos queriam valsar com ella. O proprio ministro notou-a.

Ella dançava com embriaguez, com arrebatamento, estonteada pelo prazer, não pensando em mais nada, a não ser no triumpho da sua belleza, na gloria do successo, n'uma especie de nuvem de felicidade feita de todas aquellas homenagens, de todas aquellas admirações, de todos aquellos desejos despertados, d'aquella victoria tão grata e tão completa para o coração das mulheres.

Partiu pelas quatro horas da manhã. Seu marido tinha dormido, desde a meia noite, n'uma saleta deserta com tres outros cavalheiros cujas mulheres se divertiam immenso.

Deitou sobre os hombros da esposa os abafos que lhe tinha levado

Ella despiu as vestes que tinha envoltas nas espaduas a fim de se ver mais uma vez em toda a sua gloria. Mas de repente soltou um grito. Não tinha o collar ao redor do pescoço!

Seu marido, já meio despido, perguntou:

— Que tens?

Ella voltou-se para elle, atabalhoada:

— Tenho... tenho... falá-me o collar da senhora Forestier.

Elle levantou-se como louco:

— O quê!... como!... isso não é possivel!

E puzeram-se a procurar nas prégas do vestido, nas rugas do manto, nas algeiberas, por toda a parte. Não acharam nada.

Elle perguntou:

— Estás certa de que ainda o tinhas quando sabiste do baile?

— Sim, dei por elle ainda no vestibulo do ministerio.

— Mas, se o tivesses perdido na rua tel-o-íamos visto cahir. Deve estar é no fiacre.

— Sim. E' provavel. Tomaste-lhe o numero?

— Não. E tu, não o decoraste?

— Não.

Contemplaram-se aterrados. Loisei vestiu-se.

— Vou, disse elle, tornar pelos mesmos passos que demos a pé, para ver se o encontro.

E sahio. E ella ficou em *toilette de soirée*, sem coragem para se deitar, abitada sobre uma cadeira, sem pensamentos.

Seu marido entrou pelas sete horas. Não tinha achado nada.

Dirigiu-se á Prefeitura da policia, aos jornaes, prometendo alvicares, ás companhias de carruagens baratas. A toda a parte, emfim, aonde um raio de esperanza o podia conduzir.

Ella esperou todo o dia, no mesmo estado de susto em que a deixara tão tremendo deastre.

Loisei voltou á noute, com o rosto cavado, pallido; nada tinha descoberto.

— E' preciso, disse, escrever á tua amiga dizendo-lhe que quebraste o fecho do collar e que o mandaste reparar. Isso dar-nos-ha tempo de o continuar a procurar.

Ella escreveu sob o dictado do marido.

Ao fim de uma semana, tinham perdido toda a esperanza. E Loisei, que durante esse tempo envelhecera bem por cinco annos, declarou:

— E' preciso tratar de substituir aquella jóia.

No dia seguinte, pegaram no estôjo que contivera o collar e dirigiu-



para a sahida, modestos trajos da vida ordinaria, cuja pobreza brigava com a elegancia da *toilette* de baile. Ella sentiu-os e quiz fugir a elles, para não ser notada pelas outras mulheres que se abafavam em ricas pelles.

Loisei deteve-a:

— Espera um pouco. Vaes-te consipar vou buscar um trem.

Mas ella não o escutava e descia rapidamente a escada. Quando chegaram á rua, não acharam carruagem, e puzeram-se a procurá-la, gritando pelos cocheiros que viam passar de longe.

Desciam para as bandas do Sena, desesperados, tremendo de frio. Afinal encontraram no caos um d'esses velhos *coupés* noctambulos que não são vistos em Paris senão quando chega a noite, como se se envergonhassem da sua miséria para apparecerem durante o dia.

Foi esse o que os conduziu até á porta, na rua dos Martyres, e subiram tristemente para casa. Acabara-se tudo, para ella. E elle pensava que tinha de estar no ministerio ás dez horas.

ram-se a casa do joalheiro, cujo nome se achava no interior da caixa. Elle consultou os livros:

— Não fui eu, minha senhora, que vendi esta joia, devo ter fornecido só o escripto.

Então elles foram de joalheiro em joalheiro, procurando um adorno igual ao outro, consultando as suas recordações, ambos doentes de pura angustia e desgosto.

Encontraram, n'uma loja do Palais Royal, um rosario de diamantes que lhes pareceu perfeitamente igual a quello que procuravam. Tinha o preço de quarenta mil francos. Davam-lhe-o em ultima instancia por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que não vendesse pelo prazo de tres dias, sob condição de que o iriam entregar por quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes de fins de fevereiro.

Loisel possuia dezoito mil francos que herdara de seu pae. Pediria emprestado o resto.

Pediu emprestados mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luizes aqui, tres luizes acolá. Assignou letras, tomou responsabilidades ruinosas, contractou com os agiotas, com todas as raças de mutantes.

Comprometteu-se para o resto dos seus dias, arriscou a sua assignatura sem mesmo ver se de seus contractos poderia sahir com honra, e horrorisado com as angustias do futuro, com a negra miseria que sobre si ia desabar, com a perspectiva de todas as privações physicas e todas as torturas moraes, foi buscar o novo collar, depondo sobre o balcão do joalheiro os trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel tornou o collar á senhora Forestier, esta disse-lhe, com ar abespinhado:

— Bem podias ter-m'o trazido mais cedo, porque, eu podia precisar d'elle.

Ella não abriu o escripto, como a sua amiga tremia. Se desse pela substituição, que pensaria? Que diria? Não a tomaria por uma ladra?

* * *

A senhora Loisel conheceu então a vida horrivel das pessoas necessitadas. Tomou o seu partido, encarnando a vida de frente, heroicamente. Era preciso pagar aquella espantosa divida. Pagal-a-ia. Despediu a criada; mudaram de casa, e alugaram uma mansarda junto do telhado.

Ella conheceu os pesados trabalhos caseiros, as odiosas tarefas da cozinha Lavou a louça, gastando as suas unhas róscas nas tigelas gordas e no fundo das cassarollas. Ensaboa-va a roupa que punha a enxugar n'uma corda; todas as manhãs ia pôr á porta o barril do lixo, e descia a vir buscar a agua, detendo-se em cada degrau, a fim de respirar. E, vestida como uma mulher do povo, ia ao lugar da hortaliça, á mercearia, ao talho, de cabaz no braço, regateando e sendo injuriada, defendendo *sou a sou* o seu miseravel dinheiro.

Todos os mezes era preciso pagar umas letras, renovar outras, obter reformas.

O marido trabalhava, agora, tambem ás tardes, fazendo a escripturação de um commerciante, e á noite, muitas vezes, fazia copia a cinco *sous* a pagina. E esta vida durou dez annos.

Ao fim dos dez annos, tinham pago tudo, tudo, com as taxas da usura, com os juros fabulosos.

A senhora Loisel parecia então vella.

Tornara-se a mulher forte, dura e rude das familias pobres. Mal pteada, com as salas de travez e as mãos avermelhadas, fallava alto, e esfregava a valer o soalho.

Mas por vezes, quando o marido se encontrava na repartição, ella sentava-se á janella e pensava naquella *soirée* de outr'ora, naquella baile onde fóra tão festejada.

Que seria aquella hora feito d'ella se não tem perdido o collar? Quem sabe? quem sabe? Como a vida é singular e mudavel! Como pouco basta para nos perder ou nos salvar!

Ora, um domingo, como ella fosse dar uma volta pelos Campos Elysees para se distrahir dos cuidados da semana, viu de repente uma mulher que passeava com um pequenito. Era a senhora Forestier, parecendo conservar a sua juventude, ostentando ainda a inalteravel formosura cheia de seduções.

A senhora Loisel sentiu-se comovida. Devia fallar-lhe? Sim, de certo. E agora que tudo havia pago, contar-lhe-ia tudo. Por que não?

Aproximou-se.

— Bons dias, Joanna.

A outra, não a reconhecendo, mostrou-se admirada de ser tratada tão familiarmente por aquella burguezinha. Balbuciou:

— Mas... minha senhora... Não sei... Mas deve haver engano.

— Não ha. Eu sou a Mathilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh!... minha pobre Mathilde, como estás mudada!...

— Sim, tenho passado dias bastante amargos, desde que deixamos de nos ver; muitas misérias... e tudo por causa de ti...

— Por causa de mim... Como assim?

— Recordas-te do collar de diamantes que me emprestaste para ir á festa do Ministerio?

— Sim. E então?

— E então, eu perdi-o.

— Como! pois se tu entregaste-m'o.

— Entreguei-te outro igual. E ha dez annos que eu e meu marido o andamos a pagar. Bem deves entender que o caso foi para nós bastante duro, pois não tínhamos nada... Enfim, acabou-se, tudo está pago já, e sinto-me brutalmente contente.

A senhora Forestier prestou toda a attenção.

— Dizes que compraste um collar de diamantes para pôr no lugar do meu?

— Sim. E tu não deste por isso, hein? Parece-me que eram bem eguaes.

E a senhora Loisel sorria com orgulhosa e ingenua alegria.

A senhora Forestier, muito comovida, tomou-lhe as duas mãos.

— Oh minha pobre Mathilde! Mas o meu collar era de diamantes falsos. Valia pouco mais de quinhentos francos!...

Um bello exemplo

Se todas as nossas leitoras nos ajudassem como essa nossa dedicada amiga de Recife, D. Dulce Dolores, quantos progressos não realizaríamos rapidamente!

Da nossa correspondência destacamos essa carta, enviada daquelle capital á directora da Revista Feminina em data de 11 de Agosto, agradecendo a gentileza das suas respostas e o seu louvavel e extremo esforço em pro do ideal que nos haviamos traçado:

Ilustro e distincta amiga.

Finalmente pude arranjar alguma coisa em pró da "Revista Feminina". Foi muito pouco, quasi nada; entretanto entrou nesse trabalho, toda a minha vontade, todo o meu coração de brazileira que se sente feliz em fazer qualquer coisa, por minima que seja, em beneficio da sua Patria!

Enviando-lhe (como) cinquenta e seis mil réis, importancia de assignaturas onde inclui a minha, prometto não abandonar a lucta e tudo fazer pelo progresso da "Revista", expondo-me a qualquer sacrificio em favor da cultura da mulher brazileira.

E' preciso, e é justo mesmo, que trabalhem pelo elevamento intellectual da mulher; convence-la de que é ella, em grande parte, dependente os destinos do povo; e assim, alertal-a sobre a sua cultura intellectual cujos limites não se devem estreitar dentro do circulo acanhado das leituras e romances, ao arremedo das resoluções das quatro operações arithmeticas, enfim a rudimentos mal administrados e pessimamente assimilados.

E' necessario arranca-la á escravidão da superstição e da ignorancia, fazendo-a seguir pelo caminho claro e verdadeiro da sciencia, tornando-a capaz de, criteriosamente, dirigir sua actividade para o aperfeiçoamento geral da sociedade.

E a "Revista Feminina" é o mais forte incentivo para o espirito da mulher brazileira, subtraído aos meandros do erro, para guial-a ao caminho certo e inextinguível da Verdade.

Eis pois as minhas razões porque devoteo todo o interesse pela "Revista".

Abraço-a, enviando saudações

Dulce Dolores.

Em 11 de Agosto de 1917.

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2
SÃO PAULO

As senhoras e senhoritas que desejam manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Crèmes, Gold-Crèmes, Leites, Ceras, Loções diversas e de toda a especie de productos para Maquiagem. Outrosim, recomendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosméticos, Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manicure",

BARUEL & CIA.

UM POETA DE DELICADA EMOÇÃO

*«O meu amor, agora, é sem tumulto,
E anda ençerrado no âmbito de um lago.
Mas, ainda ahí, desenha-se o teu vulto,
E emós delle me vou, e o quero, e afago.»*

Temos sobre nossa mesa o ultimo volume de Felix Pacheco, nosso eminente collaborador, e um dos quarenta immortaes da Academia Brasileira. Felix Pacheco, que é um de nossos poetas de mais delicada emoção, é um cerebro verdadeiramente privilegiado, que se revela, sempre, com a mesma inconfundivel superioridade, por variados prismas de actividade mental. Da labuta material da direcção de uma grande empresa, como é a do *Jornal da Commercio* ou dos escusos meandros do labyrintho da politica, na Camara dos Deputados que lhe tomam as horas, elle sabe roubar minutos nos quaes se liberta do lastro pesado das occupações utilitarias, para alar-se, no insoffrido bater de azas de uma ave que se liberta, ás regiões altas da mais lidiana fantasia, banhando-se azul, na delicia que só o artista pôde gosar quando plaina, reintegrado no seu proprio eu, sobre o vasto scenario da fermentação da materia viva... São os grandes minutos de compensação para as pobres almas, que nasceram a sonhar, e para as quaes o mundo reserva toda a aspereza do pedreiro lacerante de seus caminhos. Os grandes minutos que lhe dão alento para que possam subir serenamente o caminho do calvario, onde os cochinos de Epicuro as esperam com o vinagre de sua ironia alvar, e o fel de sua perfidia inconsciente, para mais tarde quando já lhes não faz medo o esmagamento de suas superioridades, penitenciarem-se com a hypocrisia das admirações posthumas.

Ha, é certo, para aquellas pobres almas — e dentro da propria vida — os mesmos affectos raros que se foram debulhar em lagrimas aos pés da cruz, enquanto os lancaços da plebe abriam os flancos materiaes da mais sublime das abstrações; affectos que lhes acompanham a mystica crença, que as comprehendem e que as amam. E para ellas, e só para ellas, que em meio de seu perdão á plebe, as almas eleitas voltam os olhares de seus mais intimos sentimentos, ungidos de gratidão, e suavizados por um amor que já nada mais pede. Não raro as almas dos poetas desencarnam tão meigas figuras, arrancam-nas ás torpezas da materia, e carregam com ellas para o mundo de sonho que habitam, onde as vestem com as chlamydes luciolantes das auroras, as adornam com as joias caras do estellarior, adormecendo suas almas candidas com historias de encantamentos e maravilhas.

«Tu só tu...», é uma dessas immaterialisações. Felix Pacheco, no seu primeiro soneto, cuja quadra inicial nos serve de epigraphe, faz surgir a meiga figura do ambiente sereno de um lago, e leva-a, no doce rythmo de seu cantar, atravez das paginas do livro. Para, ás vezes; olha as margens do lago; vê a vida, que ali se acotovella, se atumultua, e que o espreita, entre curiosa e apiedada, como a figura de um sonambulo, que corre atraz de uma illusão.

«Quantos perguntarão:» quem será essa, |
A preferida do cantor extranho? »
E eu, no silencio triste em que me banho,
Rio de curiosidade que se apressa.»

Continua o poeta a empampanar a sua musa de frescosas, a toucal-a de cyclamens, a bordar a gaze que



FELIX PACHECO

lhe veste as linhas turgidas do torso intangido com pyrillampas e coccinelas. Goza só, e só elle, de seu sonho, e á turba inquieta, responde:

«Ella, propria, talvez, não saiba ao certo
Desto enorme paixão que tanto escondo.
E é possível tambem que o meu deserto
Não tenha o que no sonho lhe estou pondo.»

E, vendo que sua resposta, faz com que se apressemos da turba em lhe cravar nas mãos os agudos cravos do sarcasmo, continua com a mesma suavidade do apostolo:

«Por ella é todo o amor que me consomme,
E sou feliz porque só eu lhe fallo,
E nem eu, mas nem eu, lhe sei o nome!»

Suave e delicioso estado de alma no qual os olhos se fecham, como as palpebras sedosas do crepusculo, sobre a ardencia causticante da vida, e a alma, embriagada, desliza sobre as aguas mansas do luar, embalada de tão lindos versos, que marcam mais um triumpho para o nome consagrado de Felix Pacheco.

INNOVAÇÕES

Por ha alguns dias, nas mãos de uma creança, uma revista illustrada, que ella, insistentemente, me pedia, dizendo-me querer lê-la; fil-a assentar-se ao meu lado, para ouvir-lhe a leitura, mas, tive de renunciar a este prazer.

A creança deparou uma enormidade de nomes estrangeiros, francezes na sua maioria, para os quaes queria, com a sua natural curiosidade infantil, uma explicação, que de boa vontade ia eu dando.

Mas, afinal, exgotou-se-me a paciencia, tomei-lhe a revista, zangada e mandei-a procurar um outro livro. Ella me olhou de soslaio, como sem comprehender o porque daquella minha resolução, sorriu e nada disse.

O que se passou, naquelle momento, no seu cerebrozinho, não sei eu, mas ella esboçou um sorriso maldicioso. pronuncios nem sei de que sentimentos que se agasalham nestas alminhas, ainda não torturadas pelo aguilhão da realidade.

Este sorriso me fez comprehender que, na alma infantil se encontram latentes os germens das futuras paixões.

Como nós, almas dominadas por toda a sorte de paixões, ellas têm uma pontinha de orgulho.

A minha pequerrucha retivera na mente uma palavrinha franceza, que á tarde, muito ufana, pronunciava ás collegas, com um arzinho de triumpho, que me fez pensar em muita coisa.

Perguntaram-me, então, porque assim fizera eu, tomando a revista das mãos da creança e mandando-a em procura de outro livro.

Eu então expliquei.

— E' porque antes de mais, eu a quero exclusivamente brasileira.

E' detestavel e ridicula esta nossa petulancia de, possuindo uma lingua, não ha duvida harmoniosa e sonora, irmos procurar, em outros idiomas, vocabulos que o nosso exprime admiravelmente.

A este tempo alguém mandára buscar um livro que collocára no *bouquet*.

Eis ahi, lhe disse eu, não será mais bello dizer-se *tocador*, não é este termo mais expressivo, e, portanto, mais proprio do que o francez, que muitos nem pronunciam convenientemente certo?

Minha interlocutora sorriu, como quem não se satisfaz.

Vê, continuei: uma formosa creança, certo dia, trouxe-me um lindo ramo de flores naturaes, e entregou-m'o.

Agradecei-lhe e perguntei-lhe que nome dava a aquillo.

— E' um *bouquet*, respondeu-me, sorrindo.

— Só conheces este nome para designal-o?

Ella balançou a cabecita, em signal affirmativo.

— E ramilhete, filha, não será mais lindo, dize-me?

— E, porém, mamã ensinou-me assim.

Entristeci.

A pobre mamã, a quem ella se referia, expressava-se em portuguez, talvez, muito mal; seguindo, porém, a rotina antes de ensinar a filhinha o vocabulo portuguez, muito mais lindo, dizia-lhe ser aquillo um *bouquete*.

Queres mais, escuta o seguinte: não te rias, pois o que te vou relatar é tão verosimil, como o estarmos aqui palestrando.

Assisti a um leilão, certa vez. O leiloeiro, muito sem cerimonia. offeria um *boquet*, que mais tarde era *broquete*.

E sabes que coisa era esta?

Era, nada mais nada menos que um ramilhete, que elle pronunciava em francez, deturpando completamente a palavra, dando assim, aos que ainda se interessam pelos assumptos de importancia, a idéa de um verdadeiro branco.

Esta mania prejudica-nos, extraordinariamente.

Não fio, sem razão, pois que alguém já me disse que, assim, na marcha em que vamos, raros daqui a alguns annos falarão portuguez intelligivel.

E eu pensei, então, quando isto me disseram que, se organizam quotidianamente no Brasil, associações com fins diversos e multiplos, cream-se academias, fundam-se jornaes e revistas, mas ninguém cuida de nacionalizar o povo brasileiro.

Considere! tambem que os outros fazem questão de ter uma patria, um idioma proprio, seus costumes e usos, e, que nós, só exteriormente possuímos tudo isto.

E' tempo, porém, de se oppor uma barreira a esta invasão de vocabulos estrangeiros, á lingua portugueza.

No lar, na escola, na imprensa, deve iniciar-se esta campanha.

As Ligas contra o Analphabetismo, a Academia Brasileira de Latras, os Senhores immortaes devem, conhecendo este erro em que laboram multos, procurar extirpal-o.

E' isto uma necessidade que se impõe, é uma medida que urge pôr em pratica.

Grandiosos porem, miserissimos, pois a nossa indolencia assim determina, importamos generos de necessidade ou não, lendas, tradições dos outros povos, modas e até idioma!!!

Não temos iniciativa propria o producto nacional rejeitamo-lo, para, de braços abertos, recebermos e estrangeiro, desvalorizando assim o nosso, em beneficio de outro menos feito e algumas vezes inferior.

Nacionalisemos-nos, pois. Ponhamos de lado esta ridicula idéa, que nenhum povo nos imita.

Vá que se faça o emprego de um termo estranho ao nosso idioma, mas seja isto em ultimo caso e não insistentemente como fazemos.

Minha ouvinte sorriu e achou mais ou menos justo o que eu disséra.

Assim, disse-me depois, uma simples pergunta, deu lugar a que fizemos esta divagação com a qual lucrámos ambas.

Infelizmente assim é, e até eu, não obstante todo o meu cuidado, erro, de quando em vez.

Mas, é o habito, que precisamos extinguir.

ITABÁ SILVA DE OLIVEIRA

Agosto de 1917.

(Para a Revista Feminina de S. Paulo)

oooooooooooooooooooooooooooo

Nos toucadores elegantes

Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o crême *Dermina*, ultima palavra, em materia de crême para amaciar a pelle e para curar *infalivelmente* todas as erupções de pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Só em premios a *Revista Feminina* já distribuiu mais de seiscentos potes de *Dermina* e chegaram-nos diariamente attestados entusiasticos de sua efficacia.

— Podemos enviar ás nossas leitoras, por 3\$500 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 500 réis para porte do Correio. Praça Antonio Prado (Palacete Briccola)

ADALUIS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, licores, etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1\$000 Réis

Remettei essa importancia em sellos do correio com o vosso endereço á *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo e immediatamente receberis o "Adaluis" pela volta do correio.

O IDEAL CAMINHO

Conversávamos... Uma poesia infunda emanava de toda a natureza neste adorável retiro que é a Ilha do Governador!... Sentadas, minhas amigas e eu, num batinho rústico, à sombra das amendouzeiras em flor, tendo por cenário a poetica e grandiosa baía Guanabara, fêramos todos os assumptos — *à la diable*, como dizem os nossos amigos francezes.

Emmudecendo eu por alguns momentos, e demonstrando pela physionomia que meu espirito se ausentára, Margot, a mais travessa das amigas, interpellou-me:

— Pensamentos graves? querida Lola. Os teus labios sem o riso não parecem teus, e o teu espirito em loucos castellos perto de nós é uma afronta!

— Perdão, mimosa companheira, eu revia uma scena grave da minha vida e que me veio á mente agora, ouvindo a tua voz tão maviosa, e ao contemplar estas maravilhas todas que o Iom Deus semeou com tanta prodigalidade para o nosso regalo, e que mais parecem feitas para acompanhar a felicidade de todos em geral, do que para assistir á deidade de alguns em particular.

Temos então um romance? pergunta a curiosa Betty. Ansiosas esperamos a confidenciação...

Um beijo foi a minha resposta. Os olhos de Margot me lançaram porém uma tão tocante supplica, que não mais resisti, e eis o que disse ás minhas gentis amigas:

— Caminhando despreoccupada á buca de margaridas sylvestres, penetrei num denso bosque, cujas arvores bellas e magestosas convidavam a seismar... Percorri, sonhando, grande extensão e, quando despertei, achava-me deante de uma encruilhada, e por mais que reflectisse, não me resolvia a enveredar por uma das estradas, com receio de tomar a que me levasse longe de meu caminho. Sentei-me pois á sombra de uma grande arvore florida e espereti... Esperar o quê? Não sei, mas, minhas doces ouvintes, na vida ha sempre um momento em que é preciso iarece; o nosso espirito, o nosso corpo iarece que sustem as suas funcções, á espera de um acontecimento, de um facto sensacional á espera... do Destino talvez!... Passados alguns momentos ouço um leve rumor á minha direita; volto a cabeça e vejo um bello ancão de longas e alvas barbas, de physionomia austera e de grandes olhos cheios de luz. Fitando-me um instante elle levanta a dextra e, apontando a estrada despidá de encantos que tem em frente, me convida a seguirlo.

Quem és? interrogam meus labios tremulos... O Dever, me responde com firmeza. Uma viva sympathia me impelle para o nobre ancão; mas á estrada é tão feia!... Vacillante curvo a frente; eis que de minha esquerda me chamam; volto a vista e diviso uma linda mulher; luz intensa a envolve toda mas, o seu porte, como o seu olhar, é altivo e frio. Ella me diz com uma voz harmoniosa: Vem comigo, o caminho é tortuoso, mas o seu termo é bello e gozarás delicias sem

AS ESTRAVAGANCIAS DA MODA



Um dos ultimos figurinos

fim! Dou alguns passos e paro; o caminho não tem uma só flor e o meu guia é tão frio... Como te chamas? pergunto: Ella gentilmente: a Razão. Resoa a meus ouvidos uma risada argentina e vejo em minha frente uma creança loura, travessa e gentil. Em volta della, as rosas brotam como por encanto, e o meu olhar estendido só divisa flores as mais variadas. O adoravel menino não diz uma palavra, e estende os brachinhos numa caricia irresistivel! Tomei em meus braços o lindo bebê e o beijei loucamente... Vejo então que, entre as espaldas, elle tem duas azas, e, bem disfarçadas nellas, algumas setas. Sempre sorrindo elle as crava em meu peito e, cousa extranha!... eu sinto uma delicia infinda vendo correr algumas gottas de sangue!... Feita a travessura, a creança louca quer se afastar, mas os meus braços a detraem e os meus labios não podem deixar a sua tez mimosa... E assim

vivemos estreitamente unidos; elle a me martyriar sorrindo e eu a gozar delirantemente o meu martyrio.

— Mas quem era a creança loura? perguntam ao mesmo tempo as minhas amigas.

Eros, minhas lindas curiosas, e o martyrio, a delicia, o veneno, a ambrosia, o iman irresistivel que contém as suas setas, é o Amor, que jamais será vencido pela Razão e pelo dever, por mais bellos e altivos que elles sejam!...

22 / 7 / 917 Recife.

hola.

A Nossa Exposição de Trabalhos

Interrompida por alguns dias, pela triste circumstancia de ter estado doente um dos nossos directores, realiriu-se novamente a nossa exposição de trabalhos femininos e as visitas recommencaram com uma frequencia muito lisonjeira. Nos ultimos dias, sobretudo, as nossas salas têm-se enchido e bastantes vendas se têm effectuado.

Continúa a procura para as roupinhas de bebés e pequenos enxovars, roupa de cama etc., mas conforme já temos observado, só os artigos bem confeccionados e cuidadosos é que têm as preferencias dos nossos estimados clientes. Repetimos, pois, novamente a recommendação já feita para que nos enviem só trabalhos primorosos e que deixem a melhor impressão de acabamento. Isso não apenas sob o ponto de vista commercial, mas principalmente para que a nossa exposição continue a dar uma boa ideia das aptidões da mulher brasileira, do seu culto pela arte, do seu zelo no esmero com que executa as obras que saem das suas mãos. Segundo o nosso programma a exposição mostruaria, que abrimos e mantemos desinteressadamente, deve ser um estímulo de cultura e aperfeiçoamento das prendas femininas. É absolutamente preciso não se perder de vista esta ilicia superior e essencial.

Insistimos junto das nossas leitoras para que nos enviem bons trabalhos. Assim elevaremos o nivel da nossa cultura e faremos honrar o nome da mulher brasileira. Além disso, trabalhos bem feitos, depois de expostos facilmente se collocam, com evidente proveito para as pessoas que no-las enviam. As nossas leitoras e amigas tem sabido apreciar e ajudar o nosso esforço. Não desanimem portanto e continuem-nos com o seu valioso auxilio.

Os nossos cursos de costura, corte, pintura e artes applicadas merecem egualmente das nossas leitoras e amigas de S. Paulo o apoio que já lhes temos, tantas vezes, solicitado e que tambem, não nos tem sido negado.

É de uma execução mais difficil esta parte do nosso programma. Não é obra que, pela sua complexidade, se realize em pouco tempo. É forçoso, porém, fazer subsistir sempre a ideia nuclear da nossa iniciativa: Crear aqui, á volta da *Revista Feminina*, um centro de cultura feminina, elevando e valorizando a mulher brasileira, com a realidade fecunda das suas admiráveis qualidades e das suas aptidões excepcionalmente fecundas.

Vinol

Abre o appetite e enriquece o sangue.

O sorriso da beleza e da saúde

Brilha-lhe nos olhos esse sorriso voluptuoso da vida, flôr de mocidade que desabotôa entre sonhos e promessas de amor; os dentes em fileira de perolas levemente tingidas de carmin pelo traço quente dos lábios;

a ventura? Sim, quem sabe? De tudo e de nada. Mas com certeza ella é feita de saúde e vigor, de força e robustez. E se a força e a saúde existem é no delicioso chocolate Lacta, alimento purissimo, de sabor in-

scidade, perfume maravilhoso da sua alma em flôr. E' assim o chocolate Lacta: dá força, vigor e belleza, é alimento material e quasi espirital e não ha quem o não ame, quem lhe não deva uns momentos de doce prazer e



todo o seu ser numa satisfação beatifica de gozo innocente. Que é que a torna assim alegre e risonha, perfumada de esperanças, a alma immersa em gratas expansões?

Quem sabe o que é a felicidade? Quem sabe de que é feita

gualavel, fructo bizarro de aroma e essencia, ambrozia celeste que toda a mocidade disputa numa auctia irremprimivel. Com certeza essa jovem de força e belleza radiante sorri ao chocolate Lacta que se tornou elemento indispensavel da sua feli-

quem lhe não agradeça a saúde do corpo e contentamento da alma. Provar o chocolate Lacta — e elle é o unico que está e estará na moda — é a maior ventura e o mais delicado gozo que se pode imaginar.

A PRINCESA DAS PEROLAS

(CONTO INFANTIL)

O toldado vermelho do chalet despontava dentre as frondosas copas das arvores seculares. O parque estava todo enfeitado e preparado para um pic-nic. Era o Natat de Sylvia, um dia de primavera, uma téia primorosa do sol de Maio.

A menina promettera comportar-se o dia todo, mas aquella caixa amarrada com uma linda fita azul, que seu pae prohibira de tocar, atrainha mais a sua attenção do que os seus lindos brinquedos. O germen da curiosidade fazia-lhe cocegas nas palmas das mãos.

"Ora, pensou Sylvia, si eu abrir aquella caixa serei castigada no quarto escuro mas, que importa? o segredo será descoberto." Em poucos minutos Sylvia e a caixa estavam no fundo do parque escondidos sob a renda verde de uma parreira.

"Bonbons!" E a lembrança do quarto escuro passou-lhe pela mente, como se uma nuvem cinzenta toldasse o sol por um instante. Agora que a sua curiosidade ia ser castigada podia comer os doces, porque a pena era maxima e mais um pequeno crime não a poderia agravar.

Eram honbons de chocolate recheiados de licor: finos e o effeito do alcool não se fez esperar; a menina sentiu uma somnolencia insupportavel.

Logo que as suas palpebras se uniram ella ouviu o ribombo de um trovão longinquo. O calor era oppressivo e o seu corpo parecia derreter. O ribombo reproduziu-se mais forte e, emquanto o echo rolava por sobre os morros distantes, uma meiga voz disse: "Venha Sylvia" e ella subia vagarosamente com sua invisivel companheira. Na folhagem espessa da mangueira ella viu um ninho de sabiás, cujos filhotinhos pareciam bocejar diante da mãe que os alimentava com uma saborosa minhôca. Lá do alto a chacara parecia um presepe.

Mais uma vez o ribombo reproduziu-se muito forte e uma lufada de vento impeliu-as com tanta força que num instante perderam a chacara de vista. Sylvia chorou amedrontada mas sua companheira acalmou-a explicando que tinham sido transformadas numa gota d'agua para podermos visitar a Princesa das Perolas, linda sercia que mora no fundo do mar.

O vento vivava quando um raio as sacudiu com tanta violencia que foram atiradas á terra, juntamente com muitas outras gotinhas das nuvens. Ellas escoregaram por um morro abaixo e cahiram num riozinho, pelo qual rodaram em turbilhões ver-

tiginosos. Subitamente entraram em um amplo rio de agua crystallina e atravessaram campos, bosques, villas e cidades. Após muitas periecias encontraram-se no seio do palpitante e magestoso oceano. Os navios moviam-se sobre as suas cabeças como nuvens negras em dia de tempestade.

O sol, atravessando as ondas inquietas, lançava mil raios scintillantes sobre a areia branca. As madreperolas e coraes rebrihavam feericamente. As duas gotinhas forem recebidas por um camarão que as conduziu a uma concha de ouro tirada por dez hippocampos. O curioso vehiculo parou immediatamente, arrastado sobre a areia lisa.

Ellas encontraram muitos peixes esquisitos; as meduzas escondiam-se no meio das esponjas. Aquí uma enorme tartaruga beliscava uma alga marinha; mais adiante uma lagosta debatia-se entre os tentaculos de um polvo. Os habitantes do fundo do mar não davam pela presença das duas gotinhas e ellas sentiam-se perfeitamente seguras. Mas eis que um pescador de esponjas viu a concha de ouro e tentou agarral-a, mas a sua mão veio a cahir sobre um grande carangueijo, que quasi decepou um dedo do pobre homem, com a sua possante torquez.

Os hippocampos pararam diante de um palacio de coral, mettido num bello jardim de plantas marinhas. A entrada estavam dez lacaos, gordas lagostas, trajando vistosas librés. O palacio estava em festas e as sercias cantavam.

Sylvia foi conduzida ao salão onde a Princesa das Perolas estava sentada sobre um fulgurante throno de ouro. As paredes eram feitas de perolas de diferentes cores formando figuras fantasticas. Do tecto pendiam curiosos tropeços de ouro arrebatados aos piratas que infestavam os mares antigamente.

No centro do salão erguia-se um pedestal de ouro com uma redoma de crystal que encerrava uma perola do tamanho de um ovo de gallinha. Um gentil lacaio informou que aquella era a maior e mais formosa perola do mundo, muito cubiçada por Amphitrite, deusa do mar, que a tentou roubar muitas vezes, mas nada conseguiu porque a perola era defendida por dez mil tubarões erozes

As sercias estavam cantando quando um lacaio entra espavorido e diz qualquer coisa á Princesa e esta sahio pressurosa, acompanhada de todas as sercias. A sala encheu-se

em seguida de tubarões pretos que rodaram o pedestal, os olhos chisgando e rangendo os dentes.

Neptuno, esposo de Amphitrite, avançava com um exercito de vinte mil espadartes para se apoderar da preciosa perola. Formou-se um grande rebuliço no jardim: a guerra começou. Sylvia quiz fugir mas um espadarte horrendo, de esporão ensanguentado pela lucta, interceptou-lhe o caminho e deu-lhe um forte pontão nas costellas.

Sylvia acordou com um salto e um grito de susto. Seu pae encontrou-a dormindo e apalpava-lhe as costellas no momento em que ella sonhava que fora atacada pelo espadarte.

J. TRIVAG

Para a Revista Feminina)

Para ennegrecer os cabelos

Ha innumeraveis receitas para dar a cor preta nos cabelos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de saes de chumbo, de color, de cobalto e até parece incrível—cyanureto de potasio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base de nitrato de prata, cuja absorção de lugar a uma intoxicação lenta que termina por um cancer do fígado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são a *Hené* verdadeira para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tinge desde o castanho até um bello negro luzente e vivo, que illude á pessoa mais esparta.

É preciso não confundir a verdadeira *Hené*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de saes de prata e de chumbo e com á rotulo de *Hené*. A pedido de diversas leitoras nós estamos fazendo esforços para importar do Oriente a verdadeira *Hené*—para as loiras e castanhas mas a guerra veio annular os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John H. Kent & Comp. fizessem vir da Europa, se

nessas leituras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, puderem servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que nós temos duvida em recomendar. Com a *Petalina*, em dez minutos, faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e por illudimta ou qualquer otro nos cabelos. É sufficiente uma applicação por vez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vai acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usal-a e preparal-a. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar a importância de dez mil réis e 500 reis para o parte e o endereço á Empresa Feminina Brasileira, Praça Antonio Prado (Falanete Briceola)—S. Paulo.

Ho telephone Central

3

Peçom o melhor TAXI

GRIPPE

Esta é debelada promptamente

com as pastilhas de *Laxativo Bromo-Quinina* de E. W. Grove

O MENU' DE MEU MARIDO



Carne á moda de Paris

Toma-se um kilo e meio de la garto ou cochoão molle, lardeia-se com toucinho. Socca-se sal, cheiros, louro, pimenta, e esfrega-se bem a carne com isto, para tomar gosto. Deita-se numa cassarol uma colher de manteiga ou gordura, e quando estiver quente, põe-se a carne e deixa-se corar de todos os lados. Em seguida junta-se uns tres copos de agua e um calice de vinho do Porto, um ramo de cheiros, cenouras cortadas grossas e umas dez cebolinhas. Deixa-se cosinhar a fogo brando, durante umas cinco horas, com a caçarola tampada. Na occasião de ir para a meza, desengordura-se o molho. Depois de cosida colloca-se a carne no centro do prato e cobre-se com o molho.

Carne cosida á allemã

Toma-se um bom peso de carne de vacca e põe-se a cosinhar com umas cebolas, cheiros, alhos poireaux, uma folha de louro e um dente de alho. Estando a carne meia cosida, junta-se-lhe um repollo que deve ter sido primeiramente escaldado e escorrido, com todo o cuidado, seis cebolas inteiras, e pimenta em grão. Quando estiver a carne de todo cosida junta-se-lhe uma duzia de salsichas inteiras. Arruma-se a carne no centro do prato e enfeitando-se a volta com o repollo, as salsichas e as batatas.

Carne á hespanhola

Toma-se kilo e meio de cochoão molle, lardeia-se com toucinho, tempera-se com sal, pimenta, um bouquet de cheiros e rega-se com vinho branco. Deixa-se assim temperada por espaço de tres a quatro horas. Arruma-se umas fatias de toucinho no fundo de uma cassarola e sobre este deita-se a carne e o vinho. Tampa-se a cassarola e põe-se a fogo fraco, tendo o cuidado de mexer de vez em quando.

Arruma-se no centro de um prato, enfeitando-se a volta com batatas cosidas e cenouras inteiras passadas a manteiga.

Carne ao gratin

Cosinha-se um bom pedaço de carne com todos os temperos e depois corta-se em fatias, colloca-se sobre um prato, cobre-se com molho italiano, polvilha-se com farinha de pão e põe-se um pouco ao forno para corar.

Balas de chocolate e amendoas

250 grammas de amendoas moidas, 250 grammas de chocolate em pó, 250 grammas de assucar, uma colherinha de essencia de baunilha. Mistura-se tudo bem e amassa-se até ligar. Forma-se as balas que se passam em assucar refinado e embrulha-se em papel.

Balas de cacau

Deita-se num copo uma clara de ovo e uma igual quantidade de agua, essencia de baunilha e assucar em porção necessaria para fazer uma massa, cuja consistencia permitta fazer pequenas bolas. Rala-se quatro paus de chocolate e junta-se com trinta grammas de manteiga de cacau raspado com faca; dissolve-se em banho maria. Quando formar um mingau não muito grosso, mergulha-se nelle as balas que se deitam sobre pedra marmore, untando com manteiga fresca. Depois de frias embrulha-se.

Balas de leite

Um litro de leite, 500 grammas assucar. Ferve-se o leite até reduzir-o a metade. Junta-se-lhe o assucar vai-se mexendo até que appareça o fundo do tacho, retira-se do fogo, bate-se até assucarar. Despeja-se sobre uma pedra marmore, ou taboleiro; logo que comece a esfriar, corta-se em quadrinhos.

Rosca de mel

Ferve-se uma garrafa de mel despeja-se n'uma vasilha e vae-se engrossando com farinha de trigo até ficar um angú duro; junta-se uma colher de manteiga, 2 ovos, uma colher de chá de bicarbonato de soda e bastante canella. Amassa-se muito bem e faz-se as rosucas que antes de irem ao forno passa-se em assucar chrystalisado.

Crema de vinho

Meio copo de vinho tinto, 2 e meio ditos d'agua, 3 colheres grandes de maizena, assucar quanto adoce, vae ao fogo cosinhar, depois de bem fervido despeja-se em forma molhada de agua fria e deixa-se esfriar. Quando frio vira-se em um bonito prato e cobre-se com o seguinte molho. — Dois copos de leite, assucar a paladar, baunilha e quatro gemmas d'ovos; vae ao fogo quando começar a ferver retira-se e deixa-se esfriar para servir.

Bolo de avellans

Uma chicara das de chá de farinha de trigo, uma dita de assucar e uma de avellans pilados, seis colheres de leite. Bate-se tudo misturado e cose-se em forno brando durante 10 minutos.

Pudim de cenouras

Quinhentas grammas de massa de cenouras cosidas, quinhentas grammas de assucar, duas colheres de farinha de trigo, umas goltas de baunilha, pedaços de cidrao ou de laranja, passas, 250 grammas de amendoas piladas, ajunte 4 grammas, as 4 claras devem ser batidas. Depois de tudo bem misturado, leva-se ao forno durante 3/4 de hora.

Folheado

Um ovo, 1/4 de litro de leite, uma colher de feculas uma de farinha, raspa de limão, mistura-se tudo muito bem, corta-se com o molde de folheados e fregre-se em banha quente.

LOUÇAS E VIDROS

CASA FRANCEZA DE
L. GRUMBACH & COMP.

RUA DE SÃO BENTO, 81
— SÃO PAULO —

O primeiro desgosto

AS ESMOLAS

A O folhear, uma a uma, as paginas saudosas do grande livro doirado da minha mocidade, ha tanto tempo armadado e até quasi perdido na larga bibliotheca do pensamento, d'elle arranco e deixo correr a pagina que vem lêr-se e que o tempo não conseguiu ainda amarrelecter, apesar do rapido passar dos muitos annos, porque a minha lembrança e a minha saudade, hem vivas e perennes se erguem a cada instante para protestar contra a corrida vertiginosa do tempo como a d'esses carros que a electricidade move, e para desmentir esse proverbio feito de desillusões, d'esperanças mortas, d'amores desfeitos, e de sonhos perdidos — espouja embebida em fel sempre prompta a apagar, apenas esboçada, as ambições da vida!... onde so afirma que tudo passa, tudo acaba e tudo esquece! Tudo!...

* * *

Foi o ca-o na Pavoia, na linda Pavoia do Mar chamada, n'essa deliciosa e riden-te villasita que se esconde entre os formosos vinhedos e os altos pinheirais do Minho estremecido, e a quem o oceano, como um louco e insaciado amante, cobre de minuto a minuto com beijos d'espuma, nas franjas rendadas e brancas, muito brancas flaneladas: das ondas!

Havia alguns dias que ali tinhamos chegado e na casa contigua aquella onde nos installaramos para passar a epocha balnear, habitava uma opulenta familia brasileira composta de pae, mãe e muitos filhos, entre estes, uma deliciosa e provocante mocinha da cor d'aurora e olhos cor da noite, como de languida creola, a quem por antonomasia, ou conforme o uso do seu paiz chamavam simplesmente *Fifina*, diminutivo ou coisa parecida, do lindo e suave nome d'essa mulher que foi imperatriz dos francezes e que é hem um exemplo frisante dos infortunios reaes!

Fifina, como araponga esquivá que outras afeições não tinha, amava porem eternicamente um nédio e luzido gato, terno, intelligente. — angora d'um dinheirão —, de colleira filigranada e cascavel d'ouro fino, com o qual durante as des-occupações de cada dia ella entretinha os seus ocios de creança indolente e amimada, e a quem pela frescura das longas noites de dezembro elle aquecia os delicados pés, da rica e impertinente sinhá, enroscado como a flor do acajú, sobre o fúfo edredon de leite macio e perfumado.

E porque era todo branco, daquella estonteante alvura do alabastro, dera-lhe *Fifina* o nome de Candido, Candinho, Candeão, ou apenas Candi, applicando ao nome do feliz bichano redução idéntica á que tinha soffrido o seu proprio nome e com a qual ella pretendia manifestar o alto grau d'estima que lhe tinha.

P'or isso tambem, quando uma ou outro appareciam na rua, ou chegavam á janella, logo se ouvia:

— *Lá vem a Fifina do gato, ou — Olhem o Candinho*

a ponto d'estas phrases se terem tornado uma *scie* entre os banhistas conhecidos da Pavoia.

Como *Fifina* vivia muito perto do mar, quando o calor d'agosto lhe tornava insupportavel a permanencia dentro de casa, sobraçava docemente o inoffensivo bichano, descaia as escadas cantando, cabellos despendidos em revólta como as ondas, e lá sentar-se na praia á sombra das barracas de lona symmetricamente alinhadas como soldados em fileira.

Depois, quando o gato de aborrecido, se lhe desprendia do regaço. ella com a extremidade do guarda-sol traçava-lhe o nome na areia, nome que em breve desaparecia, mal a espuma se desdobrava como uma immensa toalha de neve por toda a extensão da praia!

Então *Fifina* despeitada teimava em traçar o nome, agora em sulcos bem fundos, mas o mar voltava ahi, levando-l'ho mais uma vez envolvido na areia!

Por fim a creança retirava-se vencida e como o mar era cruel e ella muito medrosa, estreitava contra o peito o gatinho bem amado e ia pelo caminho repetindo em confidencia o nome do seu bichano.

Porem, n'um d'esses passeios tão favoritos de *Fifina*, deixou esta na barraca ao comprido sobre a esteira o seu adorado Candi e sem cuidados nem receios fóra alegre e satisfeita — gaiavota de longiniquas plagas! — aos saltitos pela praia, detendo-se sobre os rochedos, meio-escondida entre as algas, na auciada colheita das conchas e beijos do mar!

Na volta porem — ahi! da pobre sinhá! — que triste decepção a esperava e como eram sentidas as lagrimas que de seus olhos corriam!...

Então, eu que jamais tinha visto descer o pranto n'uma caudal de suspiro rio, d'aquelles negros olhos de *Fifina*, tão negro como a noite, a inundar-lhe as faces cor d'aurora, senti como se fóra minha aquella dor tão grande, aquella dor tão íntima, porque o mar, o grande mar azul amado pelas mulheres e cantado pelos poetas, trouxera á pobre creança nas franjas rendadas e brancas das ondas o primeiro desgosto, levando-lhe sem piedade, envolta n'um lençol d'espuma a sua primeira afeição, sem que ella podesse enviar-lhe ao menos o derradeiro adeus n'uma ultima caricia da sua mão nevada, n'um ultimo afago do seu ambaçado olhar, n'um ultimo e demorado suspiro do seu coração de creança!...

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

E' UM velho tipo classico de mendigo. Ficou ahi na cidade esquecido como vestigio vivo dos tempos romanticos. E' alto e magro. Vê-se-lhe a fazenda da roupa muito gasta nos joelhos e nos cotoveiros. Tem uma longa e encrespada barba branca rolando no peito fundo — tempestade de neve derramada em um valle.

Faz ponto nessa esquina da praça. Chegou agora, depois que a tarde caiu. Poucas vezes pede. Assim está sempre, encostado á parede, no logar mais sombrio. Dobra para a frente o corpo e conserva o chapéo na mão, para baixo a copa, numta cortezia que hovesse parado em meio. Não pronuncia uma palavra e quasi não se move. Pelo facto de estar muito no escuro, não salta á vista dos transeuntes e ninguem lhe presta attenção. Raramente a esmola vem bater no chapéo estendido.

O mendigo olha a praça cheia de movimento. Esprrala pelo asphalto lustroso, que a chuva molhou, os seus olhos tristes e cansados. E vê, guardado á distancia pela sua miseria, a confusão e o brilho da vida exterior, que é a vida dos outros.

E' a hora em que muita gente passa ahi nesse largo, de regresso a lares confortaveis, nos arrabaldes de luxo, em busca do jantar e da familia. A poucos metros, os tibury's vão fugindo, os cavallos lançados a galope, manchoando as ruas com o seu vulto desgrioso. Outras carruagens rodam, rapidas. Vindo em sentido contrario, precipita-se na praça uma chusma de victorias com caixas respingadas de lama e laivos de barro nos raios. E' a volta de um enterro. Minutos depois, em passo vagaroso, vem o coche funebre, desoccupado, com as hirtas columnas doiradas scintillando á claridade que escorre do interior das casas de commercio e ao clarão dos lampeões e com as galerias de renda negra que cobre os quatro pomposos cavallos, mollemente dansando no ar, pendendo para o chão. Perto da egreja, ao lado de um monumento em construcção, as lanternas das carruagens de aluguer abrem na noite os grandes olhos amarelos. Mais longe, rente ao gradil de um formoso jardim, no gosto inglez, rangem na curva os comboios electricos, illuminados como salas. Em cadencia, vem ferir o ouvido a marcha igual de uma guarda militar, que é adiante engolida num becco sórturo. A buzina de um automovel atóra o espaço. E logo o monstro apparece, vertiginoso, numa animação furiosa, para desaparecer allem vozaz, feroz.

Dioxogen

H. O. 12v

Sem rival para branquear a dentadura

O mendigo olha a praça, taciturno. De frente do seu abrigo, logo abaixo do passelo, vem morrer uma linha de bondes. Elles chegam a curtos intervalos. Não ha grande demora: o tempo apenas de mudar a parelha de cabeceira. Passageiros descem, passageiros sobem. O recebedor bate o tympano, as campainhas tilintam nos pescoco dos burros e o bonde volta por onde veio, num rolar preguiçoso sobre os trilhos.

O mendigo olha a praça, taciturno, mas alguém agora lhe toma a frente. Uma garôa fina desce do céu turvo. O velho pedinte vê pensando consigo:

— Esse homem encapotado, quem é: Decerto saiu do hotel, onde jantou, e eu não reparei. Também elle não reparou ainda em mim. Está á espera do bonde. Deve ser ainda moço. Não lhe posso ver o rosto, porque elle está de costas, mas os cabellos são pretos. Não lhe chegaram ainda os brancos... E' talvez da minha altura, ou eu seria da altura d'elle, se podesse ficar direito, se já não andasse curvado, de cabeça para o chão, adivinhando a cova. Ah! chega o bonde. Mas este homem não se aproxima para apanhar logar. Espera outro, então. Agora percebo que presta muita attenção ao lado opposto. E' para lá que olha. Volta-se para o outro lado. Estava apoiado na perna direita. Mudou para a esquerda. É cansaço. Desabotou o capote! Ah! vai ver as horas. Tirou o relógio. Que impaciencia! Oh! viu-me, afinal. Olhou-me duas vezes. E' muito moço, e não tem o ar de pessoa feliz. Haverá realmente alguém que seja feliz? Olhou-me ainda uma vez. Ainda uma vez, também desabotou o capote. E' uma esmola. — Meu senhor, Deus lhe mostre o bom caminho! — Vê as horas de novo... E nem um minuto ainda passou... Sei o que isso é...

Cinco, dez, quinze bondes vêm ao ponto terminal da linha e entram a fazer uma nova viagem. O movimento de carros já diminuiu. A finissima garôa cessou mas o céu continúa ameaçador. O ar é humido. De vez em quando, corre uma lufada, num arrepio. O asphalto molhado reflecte a casaria alta da praça.

O mendigo olha a praça, taciturno, e vê pensando consigo:

— Esse homem espera alguém. Porque tanto se demora essa pessoa? E essa pessoa, quem será? Outro homem? Não, não creio; não esperando tanto tempo. Espera uma mulher, sem duvida. Mas porque ella não vem? Para um encontro de amor não se deve esperar tanto. O amor é como as occasiões que só têm um cabello... Pobre homem! Já não pôde esperar muito tempo. Volta-se outra vez para mim. Outra vez me olha com seus olhos moços e tristes.

Será crível que elle me venha dar outra esmola? Sim, outra esmola, é exacto. — Meu bom senhor, Deus lhe mostre o bom caminho... — Nunca ninguém me deu duas esmolas no mesmo dia. Esse homem espera alguém que não chega e pede um mi-

lagre com o obulo repetido. Seria bem merecido o milagre, para recompensa de tanta paciencia. Finge-se distraído agora. Vi-lhe um relampago nos olhos e elle mudou totalmente de attitude. Finge-se distraído... Ingeniu! Será o milagre desejado? E' o milagre, é o milagre. Ella ahí está. Como é linda! Mas meu Deus como é triste também...

No logar mais sombrio da praça, encostado á parede, o velho parece esquecido do que se passa em redor, como o chapéu extendido para a esmola que talvez venha a cair.

Ha um frio aperto de mão entre o homem que esperava e a mulher que chegou. Ella pergunta numa voz sem calor.

— Esperava-me ha muito tempo?
— Sim, ha algum tempo.
— Desculpe-me.
— Mas eu não tenho de que desculpa-la.

— Foi o mau tempo. Já o não farei esperar mais...

— E' sempre um prazer...

— ... porque lhe trouxe tudo e creio que tudo me trouxe também.

— Sim, tudo...

Um silencio, e o mendigo continúa a pensar consigo mesmo:

— Não era um encontro de amor...

Bem ao contrario. Ella entrega-lhe um pequeno pacote amarrado com uma fita e elle põe nas mãos della um farto maço de cartas. Não se dizem mais nada? Que poderiam os dois dizer, se já se disseram tudo? Já nenhum delles quer guardar do outro a menor coisa. Ambos estão pallidos. Ella dá-lhe a mão a apertar. E' mais um frio aperto de mão. Ja coisa nenhuma guardam um do outro. Estão livres. Já se disseram tudo e cada qual tudo devolveu ao outro. Tudo? Talvez ainda não se tenham dito metade do que desejavam e tudo existe ainda dentro de cada qual. Que vale esse maço de papel amarrado numa fita e que se restituíram um ao outro? Dentro desses pacotes estará tudo? Como se enganam, como se procuram enganar um ao outro... Aqui lo que elles não podem devolver e que foge ao tacto, está perdido dentro de cada um delles. A vontade não basta para arrancar o que lhes ficou ainda... Chegou, enfim, o dia em que fui mais feliz do que as pessoas que passam perto de mim... Ella partiu. O homem, o homem vem para mim. Aproxima-se. — Meu senhor, Deus lhe mostre de novo o bom caminho... — Mais feliz! Grande dia! Mais feliz até do que esse homem que tres vezes me deu a esmola...

Rio.

OSCAR LOPES

CASA DOLIVAS

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivas, concessionarios das Loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das Loterias Federaes continuam a encarregar-se de enviar aos cambistas do interior qual-quer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre á venda loterias com grande antecedencia e attendem aos pedidos com a maxima promptidão. Os pedidos de fora devem ser dirigidos a

J. AZEVEDO & COMP.

Carnet da Revista

A exma. sra. d. Julieta Rodrigues de Figueirêa, de Gravata, teve a gentileza de nos participar o seu recente casamento com o sr. José Sotomaior Figueirêa.

Desajam os Internas felicidades. — Da Villa da Conquista annunciou-nos a exma. sra. d. Ermelinda Abate Sartor o seu casamento, realiado a 4 de Julho com o sr. Pedro Sartor.

Que sejam sempre felizes os novos esposos.

A EDUCAÇÃO das Crianças

A' resultante da vida em commum, ao que decorre da sociedade e que chamamos educação, devemos todos a somma de venturas que gossamos aqui na Terra.

Inculcádo o homem nas matas, a sua força seria o instinto nas traducções perversas e naturaes á sua conservação. Por tantos seculos e pela razão contida no cerebro humano as sociedades foram formadas e o primeiro passo titubente da Humanidade que via na lucta entre as tribus maior perfeição que nas luctas individuais em épocas obscuras, por certo, e a destruição, e o instinto era um facto que negava o mais rudimentar principio de educação.

A vida em conjunto trouxe certas obrigações, formando uma segunda natureza que se vai substituindo pela do homem exclusivamente animal. Dão-nos prova do quanto isso é verdade o facto de as creanças terem, por um principio longinquo de hereditarieidade, tendencia para a destruição, para a perversidade, não levando em conta aquilo que não lhe diz o desejo de momento, sem attendêr ás consequencias prejudiciaes que lhes poderão advir, ou ao proximo, mediato ou immediato, pelo que há até quem negue razão ás creanças quando devia fazel-o relativamente, comprehendendo assim a sua curiosidade em saber o porque e o como das cousas curiosidade que bem diz da sua intelligencia.

Si ainda hoje nem todos podem satisfazer a esse desejo dos fillos, imagínemos esse dever a sempre com os fillos, mesmo exauctos por tempos idios, vendo os degraços todos da oesada já subida pelo homem.

E todo esse trabalho já feito só tem tido, até ao mereço o nome de Educação, nem sendo.

As lutas de hoje dizem do nosso atrazo, no mesmo tempo que nos deixam ver, pelas intermittencias de um tanto mais longas, durante as quaes os congressos de paz tentam exterminar de vez esse maior flagelo que é a guerra, um futuro que poderemos lograr de paz, bem depois das descobertas em que os outros males menores encontrão o seu exterminio.

Julgá-se buscar aqui na Terra a felicidade, esse bem eternamente procurado e cujo nascedouro está na confluncia de todos os sentimentos nobres brotados de uma alma pura, por magia da educação.

E as almas, que não voem de um outro mundo, ou si voem não trazem delle remanescencia alguma, que não vem com signaes estampados como professoes Descartes a principio, porque mais tarde elle proprio abandonou a sua opinião dizendo que ellas trazem linnato o poder de os admittir, são como o fructo latente na flôr em botão.

Este botão nasce no lar e se desabrocha aos olhos carinhosos dos paes, por que delles depende o fructo não que a sociedade ha de colher para a sua vida e desenvolvemento.

A Educação, sem cogit. creanças, que lhe dá o parto, depende das mães, precisa ter como bandeira a theoria da taboas rasas, doutrina sustentada por tantos philosophos e resumida no: Nilhil est a intellectu quod non prius fuerit in sensu.

E o progresso na Educação dos de amanhã, desse maior thesouro que os paes poderão legar nos fillos, como acham todos, em maior parte dependo das mães, porque a ellas dirigi algo sobre isso, certo de que serrei ouvido com attenção, tanto mais que buscarei nos successivos escriptos, com a sinceridade de quem pratica o bem e os meus compatriotizinhos por quem é todo o meu trabalho.

ROMANO BARRETO.

PARA A "REVISTA FEMININA"

A SEMENTE ALADA

(PARABOLA INFANTIL)

O forte vento suão acerou-se, um dia, de uma pequena semente de azas.

— Vem voar commigo — convidou elle — para ver as maravilhas do extenso territorio que é o meu dominio.

A semente acceteu reconhecida-mente tão grato convite.

— Ah! meu querido vento — perguntou ella — poderei ir contigo, por cima dos ribeiros e lagunas, até encontrar um lugar seguro onde possa descansar o pé e germinar no amparo da terra?

— Certamente — replicou o forte vento suão, ao toma-la nos braços, voando já com ella por cima dos montes e ribeiros, prados e lagunas.

Horas e horas transcorreram na deliciosa contemplação das grandezas das mais bellas paisagens, ate que se sentiu cansada a pequena semente e assim fallou ao seu protector:

— Já me sinto exausta, amigo meu e senhor, e agradecer-te-ia muito se me deixasses descansar nas proximidades daquella casinha de sapé que vemos tão solitaria além, entre o monte e o rio. Alli nada perturbaria o meu descanso e eu daria flores a perfumar o solidão e os ares.

— Que dizes? — exclamou o forte vento suão — Aquelle pequeno e pobre casebre de sapé? A tua inexperiencia faz-te desejar justamente aquillo que menos te convem. Aquelle lugar não é proprio para uma semente como tu. Quem tratará de ti?

— Oh! Deixa-me, deixa-me ficar alli — supplicou a semente alada, com voz carinhosa, mesmo que amanhã me venhas, de novo, buscar. Estou tão cansada! Preciso descansar.

— Se nisso fazes tanto empenho, deixar-te-hei a um lado da porta para que não te amolestem e amanhã virei buscar-te. Se tiveres descansado e te achares bem disposta, emprenderemos segunda viagem, pelo mundo além, e levar-te-hei para a outra banda do rio, onde ha lindas flores e bonitos meninos para brincar. Elles, cuidarão de ti com amor e carinho.

E o forte vento do sul seguiu seu caminho, depois de pousar a semente, assobiando alegre, poderoso e confiado sobre o comoro fronteiro, até desaparecer da vista da sua protegida sementinha.

Após uns momentos de repouso ella voltou os olhos em torno para conhecer o lugar onde caíra. A principio só pôde enxergar cousas vis e abandonadas; uma faca velha, ferrugenta e um copo quebrado e esboicelado eram os seus unicos companheiros. Grande estremecimento de inquietação lhe veio e começou a con-

tar os instantes que fallariam até á chegada do forte vento suão que a devia transportar para além do rio onde vicejavam flores e crianças brincavam.

Enquanto, porém, assim reflectia sobre a sua triste situação ouviu uma pequena voz que lhe dizia:

— Quem te arrastou para aqui? Achas-te muito desolada e só. Queres contar-me a tua vida?

A semente alada sentiu-se muito perplexa e medrosa, incapaz de comprehender quem seria que assim lhe fallava. E viu a velha e ferrugenta faca sem cabo, e o copo partido, sem aza, mas não foi capaz de descobrir donde partia aquella voz mysteriosa.

De novo tornou-se a ouvir a doce e estranha voz que dizia:

— Não sou mais que um pobre copo partido que serviu fielmente á boa e velha senhora que morou nesta choça. Gostarias de conhecer a historia da minha vida?

— Gostaria certamente — replicou a semente, com a sua voz mais terna e doce, acrescentando: — Não conheço nada nesta parte do mundo aonde inesperadamente me trouxe o forte vento suão, de modo que as tuas informações me poderão ser muito uteis.

— Primeiro que tudo não estas triste, pequenina semente — recommendou-lhe a taça esboicelada — pois nesta casinha de sapé que tu vés mora toda a alegria e toda a gente deveria conhecer a velha senhora e o bom homem que nella moram: — os dois corações mais generosos que podem existir.

— Corações generosos, num velho casebre? — perguntou a si mesma a pequena semente, porém não tão baixinho que o copo a não ouvisse.

Naquelle momento appareceu, ao longe, no atalho que conduzia á choça um homem pobre, cujos passos lentos denunciavam cansaço. Logo que o avistou o velho da cabana saiu ao seu encontro.

— Deixas-me sentar á sombra desta arvore, a descansar por uns momentos? — perguntou o forasteiro.

— Mas, com certeza — replicou o velho — Descançae todo o tempo que quizerdes e ficarei muito satisfeito se vos sentirdes bem aqui.

Com isto sentou-se o viandante á sombra da arvore, começando logo a cochillar e ficando, d'ahi a pouco, a resonar como um justo.

A velha viu-o assim adormecido pelos buracos da parede, de dentro da choça, e apressou-se em dizer ao seu marido: — Toma esta manta e agasalha o forasteiro. Talvez venha suado e o vento lhe faça mal. A's tardes, por estes logares, costuma sempre fazer frio.

O velho pegou da manta que lhe extendia a boa senhora e embrulhou

com ella o viandante, tão devagarinho, que elle o não sentiu no seu somno reparador.

Quando a tarde principiou a cair e o sol se acercava da linha do horizonte, despertou o forasteiro e poz-se em pé, de um salto, com a surpresa no rosto sentindo o calor da manta que o agasalhava.

— Onde estou eu? — exclamou elle — Quem me poz aos hombros esta manta magnifica para que eu não tivesse frio?

O ancião saiu da casota para o saudar e falou-lhe desta maneira:

— O senhor dormiu uma regalada sesta; agora entre e venha comer alguma cousa antes de proseguir na sua viagem. Não espere encontrar muito nesta velha choupana; o que possuimos, porém, está ao seu dispor.

E assim dizendo pegou-lhe pelo braço e fe-lo entrar na choça.

— Ah! tens, pequena semente de azas fragéis, ah! tens a razão porque não queremos daqui sair. Podes ver por teu proprios olhos: Os dois velhos não cessam o seu formoso labor, pensando sempre nos desvaldidos para socorrer-llos na medida de suas forças. Até me recordeo de certa occasião em que deram a um pobre famulento quanto tinham para a janta daquelle dia. Ninguém o sabe melhor do que nós.

No dia seguinte chegou o forte vento suão para ver a pequena semente alada. Mas, ella tinha-se escondido debaixo da terra. O vento chamou-a, convidando-a a que o acompanhasse até aos formosos campos da outra margem do rio, onde havia esplendidos jardins e creanças a brincar pelo meio.

— Não, meu amigo — foi a resposta imperceptivel — decidí ficar junto desta velha casita de sapé.

— Como?! — exclamou o seu protector, cheio de surpresa. — Permalhecer aqui, entre essas cousas velhas e immundas, perdendo a contemplação daquelles lindos jardins?

— Ah! meu amigo — murmurou a pequena semente — a verdadeira belleza do viver nem sempre está na riqueza de um jardim: ás vezes uma velha choça é mais bella do que um rico palacio, especialmente quando nos corações que cubiça está latejando a verdade.

E a pequena semente enroscou-se mais no seio da terra, resolvendo crescer alli e dar a arvore mais formosa e as mais perfumadas flores para contribuir pela sua parte para a alegria dos pobres moradores daquelle sitio abandonado e triste...

O simile é de applicação facil. Cada um medite e a si o applique e tera resolvida a breve e singela parabola.

HORLICK'S
MALTED MILK



Para as mães e as crianças



DE TODO O BRASIL...

CEBAMOS A ATENÇÃO DE NOSSOS
ANUNCIANTES PARA A DIFFUSÃO DA
NOSSA REVISTA

É cada vez mais comedido o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa REVISTA, e diariamente nos chegam cartas de amigos e críticas de nossos mais dissecados patéticos, muitos dos quais estão imbuídos decididamente pelo espírito de nossa REVISTA cujo futuro brilhante será o primeiro objecto das saudades brasileiras.

D. Maria da Gloria Teive de Magalhães Villela, de Alfenas, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de S. Salles, prezada amiga. Affectuosas visitas e saudações. Como lhe mandei dizer em minha ultima carta, respeito-lhe, hoje, a importância de R\$. 37.000 para 4 assignaturas da «Revista Feminina» e uma para o jornal de trabalho «Idicamo» que peço á boa Amiga o grande favor de tomar para minha irmã Melle. Edith Teive de Magalhães, devendo ser tomada de Junho em diante.

Elas ex-nome das assignantes do nossa boa Revista: Mme. Judith Teive de Magalhães, Mme. Olga Teive de Magalhães Bastos, Mme. Luzia da Silva Teixeira. Devem começar as assignaturas em 1.º de Junho; e a minha que deve vir de Maio em diante, para a Fazenda da Vargem Alegre.

Ha tempos a boa Amiga pediu que lhe enviasse meu retrato para publical-o na Revista, não me sendo possível mandal-o presentemente, envio-lhe o meu filhinho José, tirado no dia em que completou o seu 1.º anniversario, a 23 de Maio de 1917. Sem mais, sempre ao seu inteiro dispor, aqui fico abraçando-o affectuosamente.

D. Marcas Freitas, de Salles Oliveira, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia Salles. Cordéas saudações. Por esta envio a importância de \$800 para uma assignatura da Revista Feminina para a Srta. Dulce Cieto dos Reis. Sem mais, subscrevo-me até respectuosamente. Sua constante leitora.»

A Senhora D. Severina Cavalcante, — Parayba do Norte, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia. Saudações. E' assim leitora da querida «Revista Feminina» que, hoje vem jubilosamente reformar a sua assignatura e enviar-lhe mais uma assignatura da apreciada Revista, para Mme. Marcolina Monteiro Cavalcante.

Cada vez mais, o meu entusiasmo augmenta com a recepção da Revista. O meu desejo era enviar-lhe esse papel com umas 10 assignaturas, porém, o meu intento não pôde ser realisar-se, mais tarde quem sabe? Esperemos... desejo remetter-lhe a importância da outra 16.000 mil reis.

Peço-lhe o especial obsequio que minha assignatura concede no mez de Julho e o mesmo desejo a nova assignante.

Sem mais assumpto aqui fica ao vosso dispor uma creia muito grata.

D. Olga Machado de Fátima, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia Salles. Cumprimentos. Peço o obsequio de inscrever como assignante da apreciada «Revista Feminina» minha amiga, Maria Luiza Madeira. A assignatura será feita por um anno, devendo começar agora neste mez de Julho.

Desejo tambem obter o livro de receitas «Adulins» e para este fim, junto mil réis (1.000), ao site me de 1000 de assignatura. Esperando ser atendida, confesso-me agradecida a assignante o admiradora.»

D. Clorinda L. Oliveira, de Jahú, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de Souza Salles, Directora da «Revista Feminina» São Paulo. Respeitosas Saudações. Junto um vale de 16.000 rs, para duas assignaturas anuaes da nossa querida «Revista»: uma para minha amiga Haydée Tupinambá da Fonseca, caixa postal N.º, outra para reforma

da minha, esta agora deve vir ao cuidado de Acaido de Oliveira. As duas devem começar em Julho de 1917 e a terminar em Junho de 1918.

Sou, com toda estima Crd. Obrna.

D. Maria J. Junqueira da Luz, escreve-nos: «Cara amiga D. Virgínia. Affectuosos cumprimentos. Juntos esta encontrará um coupon de assignatura da «Revista Feminina» acompanhado da importancia correspondente, em vale postal.

Agradeço-lhe desvanecida a obsequiosa remessa de dez exemplares da «Revista» que quero ter distribuidos entre minhas amigas.

Demorei em enviar-lhe os meus agradecimentos, como cumpria logo fazel-o, pelo motivo de não querer escrever-lhe sem enviar pelo menos uma nova assignatura.

Defendo desculpavelmente involuntaria falta, subscrevo-me Sua amiga admiradora.»

D. Flora Correia, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia S. Salles. São Paulo. Agradeço a nomeação de agente para a sua conciliada «Revista» tanto o prazer de incluir aqui a importancia de R\$. 32.000 para pagamento de quatro assignaturas de um anno a começar em Agosto proximo.

V. S. as revistas, para as seguintes pessoas: Florice Bacellar, Zilda Correia, Almiria Camero Basto Corroia e Maria Camara Bastos.

Peço a V. S. que me envie para pagamento da minha commissão um metro do valido azul de um anuenciado na «Revista» e que custa o metro \$800. Como a minha commissão é somente R\$. 48000 junto R\$. 12000 em soltos para completar aquella importancia.

Agradeço mais uma vez a distincção com que me honrou assigno com estima e consideração. De V. S. Gr. Att. e Obrig.»

P. S. — Remetto os 32.000 em vale postal.

D. Leoncia Celestino da Cunha, do Ceará, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de Souza Salles, São Paulo. Tenho a satisfação de felicitar a V. Excia. pelo modo brilhante com que tem sabido elevar sua folha a «Revista Feminina» que tanto tem merecido das altas camadas sociaes.

Eu como amadora das letras quero inscrever-me no numero de suas leitoras e para isso rogo a especial obsequio de escrever o coupon que a esta junto remetto com a importancia do meu mil réis (8000) por esse fim. Muito prazer terei em accusar o recebimento desta revista, subscrevendo-me com muita sympathia e apreço. Sua Criada e admiradora.

D. Julia Rezende de Andrade, do Pernambuco, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de Souza Salles. Minhas saudações. Tendo terminado a minha assignatura do «Revista Feminina» e como não queria ficar privada de leitura tão agradável, junto á presente a quantia de 12.000, que se destina a uma assignatura de um anno a começar de Junho de 1917 a maio de 1918 para o meu endereço abaixo, e tres exemplares do *Médico*, que me devem ser remetidos pelo correio registados.

Fazendo muitos votos pela constante prosperidade da «Revista Feminina» firmo-me creada muito grata.»

D. Maria Vila da Silva, escreve-nos: «Dig'— Directora da «Revista Feminina» Saudações. Junto o obsequio de escrever o coupon registado a quantia de R\$. 8.000, para a minha assignatura a começar do mez de Agosto, desejo não perder um só numero, de tão boa e util Revista o faço votos para que ella colha applausos de todos em geral.

Sou de V. S. Muito Amiga e Adm.»

D. Maria José Ramos, de Pernambuco, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia. Saudações. Incluo-lhe remetto 16.000 de importancia de duas assignaturas, para serem dirigidas: Padre João Olympio dos Santos, Rua da Imperatriz n. 81 — Recife — a outra á Mme. Anália Valença de Alencar.

O P. Olympio fez-me as melhores referencias á nossa querida «Revista». Como eu, é um grande entusiasta do seu lindo Estado e da «Revista.»

Adens, um abraço de sua amiga e admiradora.»

D. Amalia Violl, do Sapuehy, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia. Cordéas Saudações. Tenho o prazer de remetter-lhe a quantia de 12.000 em vale postal em assignatura da «Revista Feminina», (por um anno) para D. Alice Gama Cerqueira e 4.000 para assignatura por 6 mezes, para a S. Honorata Aracy Santos.

Mais tarde lhe remetterei de outras amigas. Sou muitissimo occupada e ainda não tive tempo de remetter, ficando, subscrevo-me. Am.ª Admiradora.»

D. Maria Godida Monteiro, de Estancia, escreve-nos: «Exma. Srna. Virgínia Salles. S. Paulo. Minhas distinctas patrias: Affectuosos saudações meus. Em meu poder permanece um deliciaes carta de 20 de Maio p. findo, que veio acompanhada de 6 exemplares da nossa primorosa «Revista Feminina», que a Exma. amiga se dignou de me enviar.

Obtive com a melhor boa vontade e franca aceitação as seguintes assignaturas:

Srna. D. Amélia Ramos de Menezes — Estancia; Srta. Emeralda Macezo Silveira; Anna da Silveira Lima; Arabella Ribeiro Filha; Srta. José Vieira de Sant'Anna, Pernambuco; Srta. Maria de Jesus Raymundo Nobrega de Mendonça, João Francisco de Almeida e Jesuino Ribeiro Filho, Continnere, independentemente de seu pedido, a trabalhar com o fim de introduzir neste paiz o nosso meio a «Revista Feminina».

Desejar, neste meu pequeno Estado natal, possuir a devida competencia para fazer a sympathizada tanto quanto mereço o fulgor diamantino de sua illustração, e abri-lhe um largo horizonte na fama litteraria; mas, forçado a confessar: pequena é a minha individualidade que apenas se ergue para enviar á illustre «Empresa Feminina Brasileira» o meu sincero parabem pela excellente produção de nossa litteratura, que tão grandemente vem de offerecer, sobretudo á mulher brasileira, fecundo desenvolvimento moral, intellectual e tambem material, e com a inauguração de uma seccão para a vendagem de trabalhos femininos e a montagem de um «atelier» de pintura, modelagem etc.

Recomendo, ella, por si, por seu valor insigne, recomendo-a. Incluo aqui, em vale postal, a quantia de R\$. 72.000 correspondente ás nove assignaturas acima mencionadas. Os respectivos assignantes pedem-nos por um anno a começar de Julho corrente. Peço a Exma. amiga enviar com o primeiro numero remetto á cada assignante, o recibo da quantia por mim enviada. Fico contar dez assignaturas por mim aguardadas, incluindo a do Sr. Jayme Ribeiro Lepino.

Sem outro assumpto, peço considerar-me Att. Am.ª e Sincera Admiradora.

D. Laura da Silveira, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de Souza Salles. Cordéas e respeitadas saudações. Como admiradora de vossa apreciada e util Revista, envio-vos a quantia de 32.000 (trinta e dois mil réis) para reforma de minha assignatura, e para mais tres novas assignantes que são: D.D. Luzia de Macedo, Maria Emilia de Lucena e Heruizina de Lucena.

O endereço da minha amiga Hermínia de Lucena é o me. Seletissimo, que as tres desejam receber o Adulins.

Esforço-me-o por angariar mais assignaturas para a preciosa «Revista Feminina.»

Fazendo votos pelo engrandecimento de tão bella empresa, subscrevo-me com estima e consideração. Crd.ª e Obrig.ª»

D. Priscilla Figueiredo, escreve-nos: «Exma. Srna. D. Virgínia de Souza Salles. Saudações. Escrevo-lhe o obsequio de inscrever como assignante da nossa apreciada «Revista» e uma minha distincta amiga D. Almerinda da Silva Girão, junto segue a importancia de 16.000 para duas assignaturas.

A minha alludida amiga prefere como premio «o Adulins» e por não poder possuil-o, espero o que V. Excia dignar-se enviar-me.

Subscrevendo-me att.ª e agrd.ª prometto ser fervorosa propagandista de tão util «Revista». Vossa apreciadora.

PLACAS DE CRYSTAL
TEIXEIRA, RUSSO & COMP.

TABOLETAS, LETREIROS
DECORAÇÕES

Rua do Carmo, 19 — Caixa postal, 1244
São Paulo

REVISTA FEMININA

Tomaram assignaturas na Capital as seguintes pessoas:

Silvio Queiroz Telles Moraes; Celestina do Amaral; Clotilde Celozzi Kleiler; Aurea Augusta Kleiler; Jovina Campos Scafar; Maria José de Queiroz; Dilcea de Campos Scafar; Maria D. Marinho Jordão; Helena Pacheco Jordão; Maria José Baccos dos Reis; Isolina Marcondes Pinheiro; Nêia Barbosa Barreto; Manuella Marcondes Homem do Melo; Chiquita Marcondes Homem do Melo; Ana e Milce Ayrosa Galvão; Isabela Fagler Nogueira; Maria José Marcondes; Sophia P. de Lima; Lydia Boanova; Emilia Boanova; Lulu Fabríno; Elza van Treuver; Rêil Souza; Guiomar Monteiro Fleury; Alice M. Fleury; Nêomia Lopes dos Anjos; Amélia Dias Cardoso; Rosalina Morgani; Ernestina C. Machado; Antonia Galvão; Amalia Ribalizi; Emilia Santos; Euphrosina Silveira; Maria Doyle Santos; Juizira Martins; Antonio Teixeira Junior; Carmem do Val; Irene Pereira de Souza Pinto; Lola de Paiva Azevedo; Carmem de Campos Scafar; Duice Amaral; Oscarina de Amaral Arzua; Josepha Ribeiro; Rosa Pinto Leite; Marcondes Rezende; Olívia Vies; Anna Prado de Barros; Edith Prado de Barros; Anna Whitaker; Santinha Whitaker; Ursulina Luz; Otília S. Chaves; Cláudio Ferraz Sheivel; Lúis Aguiar; Aretulus Borges; Mme. Ferreira Lopes; Mlle. Ferreira Lopes; Sophonilha Lopes; Aleyde Peixoto; Maria Senna; Dália Rossas; Carmen de Mello; Zizi de Mello; Ricardina M. Gonçalves; Anna Ayrosa Azevedo; Lúzia Ayrosa Azevedo; Maria Antonietta Mello; Raphaela Alvarenga; Maria Isabel Pentecoste; Ana e André Cardoso; Irene Pentecoste Galvão; Maria Moreira; Honorina Rezende; Amileia Migliolo; Pequetita Rolim; Chiquinha Rolim; Balduino Castro Ribeiro; Virínia Allicoro; Eleonora Silveira Castro; Olga Pedradó; Maria de Lourdes F. de Silva; Emilia Amaro Alves; Zulmira Alves; Maria do Carmo P. Barros; Antonia M. Sampaio; Mathilde Mello Padua; Aida de Albreu; Maria C. Barros P. Silva; Maria Theozza de Moura; Etelvina Borba; Maria e Cláudio Borba; Joanna P. Dias; Joaquim Dias Junior; Elena Prado Arouxo; Leonor Assumpção Gonçalves; Aretulus Mirante; Maria Pompeia; Guacira Pompeia; Ismenia A. da Silva; Virgínia Gonzaga; José P. Gonzaga; Jeanna Queiroz Telles; Leonor Laborde S. Afonso; Henriqueta Ramos; Zília Ramos; Alice Alcantara Marinho; Stella Franco Amaral; Maria de Lourdes Bastos; Nêomia Amaral Barreto; Adelaide Amaral Barreto; Benedictina Oliveira; Rita M. F. Rittenour; Maria Elvira Machado; Helena Macedo; Aristocleia Coleiro; Ismenia C. Heineze; Celeste Campos; Maria Augusta Campos; Nicolina V. Pinto de Couto; Pinto do Couto; Lydia Wisbart; M. Eponina Nogueira; Evangelina Albuquerque; Clarenzinha Rios; Luiz Rios; Anna Castro Freitas; Beteivina de Castro; Theonesta A. Ferraz; Maria D. Campos Toledo; Gabriella Figueira; Senhorinha Carrageiro; Maria C. Valle; Ruth S. Campos; Vicentina A. Azevedo; Laudelina P. Silva Pinto; Irene Barros Ferreira;

Albertina Chagas; Dyonisia Doria; Maria do Carmo Doria; Zenilde Moura Ramos; Amélia de Godoy; Eleonor Oliveira Cintra; Olga Braga; Maria Rudis Vianna; Maria C. Braga Vianna; Jeanne Stamper; Raphaela Mercadante; Maria de Albreu; Angelina Cavasazzi; Haydêe Lefevre; Dimpina R. Lopes; Maria M. Alcides Silva; Arminda Camarê; Dulce Garcer; João For. M. Barbosa Lloyd; Antonia Amaral Souza; Isilda Ferreira; Maria Maria Lourdes Amaral; Costa Ferreira; Amélia Ferreira; Annita Costa Ferreira; Soledad Fonseca; Gustorina Toledo Haugeli; e Odila Campos Toledo.

Do interior do Estado e de outros Estados, tomaram assignaturas mais as seguintes pessoas:

Magdalena Pinto, Helena Napiekan, Josephina Stoplani Bertand, Lourdes Meirelles, Beatriz de Barros Calado, Sílvia Barthes Pereira, Clara Duarte Machado, Aracy de Almeida Aelite, José Bento de Assis, Eleonora Hebl Cardoso, Manoel Manoel Barreto, Antonio de Paula Souza Tibérica, Josepha Amélia Ferreira, Aluísio P. Gualliner, Maria da Gloria de Andrade, Armando Franco Soares Cayulu, Sísilina Queiroz Nascimento, Maria Barcellos Hirak, Salvino Kydio de Souza Ararim, Maria Wilhem de Moraes, Ilanidina Silveira, Estropio G. Pedrosa, René Thioler, Joaquim de Lacerda Andreu, Mario Leite, Manoel Cles, Culus Rentzechi, L. Monterandin, Maria Araceli, Mario Leite, Fernando Gerbes, José Peixe, Bruno Ventura, Tristão de Castro, Francisco C. Padella, Amaria C. Pinheiro Nunes, Edith C. Linhares, Laura Gil, Felício Buerque, Joquina Gonzaga Ribeiro, Mme. Penelin Leite, Honório G. Nogueira de Lima, Maria Prata, Dinorah Werneck de Freitas, Adolphina Castro, Adilina de Azevedo, Antonio C. Carvalho, Bernadette Brandão, Judith de Paula, Elvira Assis, Helena Pereira, Maria de Lima, Padilla Santos de S. Camargo, Evangelina Florence, Marianna Senna, Lavras Minas, Adalce Fuchs, Geracina Diniz, Theozza de Moura Mattana, Euclides de Oliveira, Mario Sergio, Sabina da Costa, Marianna Candida, José Bento de Assis, Virgínia Canaro, Eulalia Vaz, Corina Ferreira de Azevedo Sális Barthez Pereira, Maria Luiza A., Aaelin Guerra, Eponina Ramos Mello, Josephina Amélia Ferreira, Seraphina M. Gutenea, José Gerônimo de Souza, Elvira Assis, Maria Rosa Bilharinho, Goldina Costa, E. Junqueira, Augusto Benedito Prado, Sabino da Costa Cordeiro, L. Loango Perdigo, Alice de Franco, Marocas Freitas, Maria Ferreira Patrião, Etelvina Pereira Dias, Mme. Motta Junior, C. C. Nogueira, Julieta Franco Sereeno, Antonia H. Collaco, Isalde Figueredo de Looandis, Atílio Barbosa, José Azevedo Lammacco, Eunice Guimarães, Julieta Barbosa Pompeu, Conceição Apparecida, Herminia Ferreira de Lemos, Esther Mott, Etelvina Pereira Dias, Laureana Leal de Mello, Adelia Franco de

Camargo, Mario Ibanez de Paula, Luellia Barreto, Lydia Gomes, José Martins de Toledo, Francisco Rufino Martins, Luiza de Couto Brandão, Lourdes Costa, Inez de Moraes, Maria José Brandão Luciano Esteves de Souza Junior, Manoel Joaquim da Silva, Mme. Antonia Faria, Maria Luiza V. de Araujo, Pedro Carvalho, Libânea de Mello Padua, Maria Cappellini, Aurelio Ferreira Jorge, Francisco Monteiro, Maria de Lourdes Cardoso, Itala Silva de Oliveira, Joaquim M. Guimarães Filho, Corina de Alencar Falcão, Josephina Faria, Lourdes Lambert, Heloisa de Andrade Aima, Emilia Soares, Expuzero Monteiro, Maria de Gloria R. de Andrade, Candida F. de Ulhon, Benedicto de Jenira Silva, Nair de Souza, Theozinha Corren de Carvalho, Itala Silva de Brilhete, Maria Carlota de Campos, Luiza da Costa Alvarenga, Paulo Jardim, Julieta Queiroz, Carmela Sivale de Oliveira, Maroquinhas Silva, Chlma Onorio de Oliveira, Atília Leite, Cláudio Pessos Cruz, Maria de Andrade Macedo, Antonio de Magalhães, Maria Luiza de Toledo Moraes, Conrado de Oliveira, Helbina Eudósio, Carolina Gilmoff, Macy Hall, Cosma de Queiroz, J. C. Salranta, Emerenciana Aya Pereira, Maria Luiza Toledo de Moraes, Elze Graventin B. de Moraes, Marieta Costa, Maria del Valle, Francisco Missino, Carlos Ribeiro de Fonseca, Emilia Soares, Dinah Vies dos Santos, Laura Peleiro, Maria Leonor Correa Neto Barreto, Luiza Rios Jones, Zulmira Cherrand, Jorge Barbons, Carmolina Botelho de Castro, Argemira de Costa, Constantina da Conceição, Maria L. de Toledo Raposo, Abelardo de Oliveira, Irene Leme, Giscomo Alnatto, Manoel Oca, Mourdes Lambert, Waldemar Sousa, José de Tadam Magalhães, Virgínia Neves da Costa Leite, Vieira Barros, Isabel Mendonça Danielli, Maria de Lourdes Meirelles, José Jerônimo de Souza, Demosthenes Boriz, Mme. Souza Mello, Jequiza Scarpas, Elizabeth de Souza, Rosina Strassburg, Luiza Rios Funes, Aleyde Pereira, Sarah N. Leme, A. Kironeliner, José Selloes, Jusina Cozar de Albuquerque, Idalce Valença, Francisco de Botelho, Francisco Paschoa de Almeida, Aires Carneil Junqueira, Raul de Oliveira, Olavo Boais, Eduardo Figueiredo, José da Costa Rios, Irene Leme, Nêomia de Moraes, Alvimara Ferraz da Luz, Flora Correa, Emilia Gomes, Passos, Manoel Martins, Domingos Paulino, Rita Rosalina Pires do Amaral, Maria Guiomar Vnes Fontes, Carolina Hechne, Jovina Cozar d'Albuquerque, Maria S. de Lima, Heitor Ariúq Tavares, Rosa de Cerqueira Leite, Salvador da Silveira Leite, Benedito Salgado, Felício Martins, Afla Fonseca de Almeida, Etelvina Paulina Martins, Francisco Damalio Irene Leme, Zelia Moreira, Nene Loureiro, Olavo Brio, Mafald Pereira, Aflossina Brazileira, Arnaldo C. Pereira, Theozinha Gouvêa do Carvalho, Fátima Endoxia Canedo, Inez Toledo, José Selloes, Soplha Fernandes, Atílio Favari, Esther de A. Leci Emilia Soares, E. Rocha Bonos, Lany S. Toim, Nicola Motti, J. Anardo Pinto, Hülherhine Wisker Sobrinho, Anna Barreto Rufina Moraes Araújo, Zeferina R. Sellmient, Raynanda Chevalier e Helena Marques.

BISCOTOS

DUICHEN

MEDALHA DE OURO
EXPOSIÇÃO DE HIGIENE
SÃO PAULO 1916



Casa Bonilha

Rua Direita 29 S.Paulo.

Telephone 1116 e 1349
Central

Sempre sortimento:

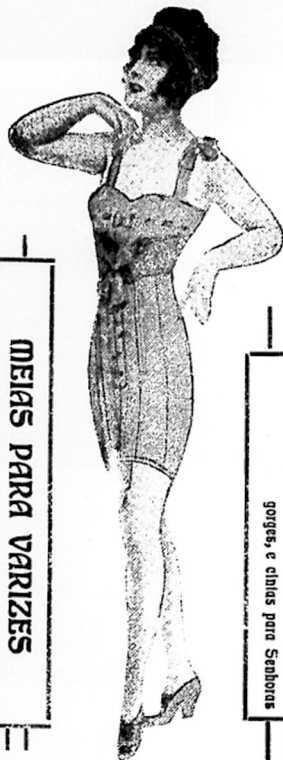
de sedas francezas para vestido,
Velludos de seda chiffon a preços
sem competidores - Gazes Georgette
em todas as cores.

Especialidade em meias de seda
em diversas qualidades.

Para a temporada Lyrica
temos a chegar um lindo
sortimento de novidades.

Viuda A. Baudon

COLLETEIRA



MEIAS PARA VARIZES

Especialidade em collers soutien-
gorges, e cintas para Senhores

Fabricante de
apparelhos Orthopedicos

Esportilhos Orthopedicos contra mal de Pott,
Desvios do Busto, Bandagens, Bernalhos de
todos os systemas, Corsels de sport para Homem

Cinturas de todos os systemas, Pernas e Bra-
ços Artificiaes para todas as deformidades, Pé
ateijado, Ankilosis, Coxalca Espalda de Mainten

R. Barão Itapetininga, 57

S. PAULO

Productos de alimentação
DUCHEN

78 - RUA DE S. BENTO - 78

Chocolates e Cacao

Chá preto e verde

Biscoutos variados

Manteiga fresca

Queijos, Azeite

e Vinagre,

Conservas de frutas

Sardinhas e Thon

Camarões

Vinhos francezes

Cognac e Wiski

Champagne

Porto Sandeman

Quina Montre

LAMPARINA IDEAL SEM CHEIRO,
preferida de todas as familias

Sociedade Anonyma

"CASA VANORDEN"

Typographia e papelaria, encadernação,
pautação, livros em branco, GRAVURA
EM COBRE E AÇO, etc...

Grande e variado sortimento
em artigos para Pintura
e Engenharia

loja e Escriptorio

Rua do Rosario 9 e 11

— S. PAULO —

Officinas

Rua Borges de Figueiredo

Moóca

Caixa de Correio, 143 -- Telephone 814

Gravidina

Approvada e licenciada pela
Junta de hygiene

A'S MULHERES

- A Senhora está grávida? — Use a Gravidina.
- A Gravidina evita as complicações da gravidez.
- A Senhora sofre de útero? — Use a Gravidina.
- A Gravidina—cura muitas molestias de útero.
- A Gravidina—evita os vomitos da gravidez.
- A Gravidina—evita as inchações.
- A Gravidina—evita as hemorragias.
- A Gravidina—alivia a dor do Parto.
- A Gravidina—facilita o Parto
- A Gravidina—tonifica a mulher e a creança.
- A Gravidina—cura as flores brancas.
- A Gravidina—regulariza a menstruação
- A Gravidina—evita os tumores do útero.
- A Gravidina—é a salvação das mulheres.
- A Gravidina—mesmo a mulher grávida e sã é útil.
- A Gravidina—não contém substancias prejudiciaes á mulher e á creança.
- A Gravidina— não é perniciosa.
- A Gravidina—deve a si a acción benéfica e curativa na gravidez, no Parto e nas molestias do útero. á feliz combinação de substancias vegeto-mineraes que entram na sua composição.
- A Gravidina—é formula e preparado do distincto medico parteiro, Dr. Alfredo Zuquin, com 25 annos de Clinica de Partos.
- A Gravidina—é o melhor remedio para senhoras. Previne e evita os accidentes, e complicações da gravidez. Prepara o parto facil e rapido, sem dor e sem os soffrimentos dos partos laboriosos. E' um excelente auxiliar da lactação que excita e estimula a função da glandula mamária.

Preço: vidro 3\$000
A' venda em todas as pharmacias.

DEPOSITARIO:
Pharmacia Ypiranga

J. Ribeiro Branco
N. 112 Rua Libero Badaró N. 112
SÃO PAULO

Companhia Mechanica e Importadora de S. Paulo

FABRICANTES DE MACHINAS de Café e para Lavouira de material Serramico e Sanitario - Fabrica de Pregos, Parafusos e
de Tubos de - Fundição de Ferro e Bronze, etc. ☉ ☉

GRANDE FERRARIA A VAPOR CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

AGENCIAS de: Robery & C. (vapores) Automoveis FIAT - Fabrica de Ferro Esmalado SILEX - Companhia Paulista de Louça Esmaltada - Sociedade Italiana Transocean SIT (aeroplanos e hidroplanos Blériot), etc. etc.

Deposito, fabrica e garage:
Rua Monsenhor Antunes e Americo Brasilense (Braz).

Estabelecimento Agua Branca Telephone n. 10-16

CODICES EM USO: A B C. SA EDIÇÃO - A. I. A. Z. VESTERN UNION, LIEBES e RIBEIRO

IMPORTADORES DE Motores para toda a classe de construcções e para estradas de ferro, locomotivas, trilhos, carvão, ferro e aço em grosso, oleos, cimentos, machos, tubos para tubagem, etc. de aço e para a industria civil, navios de guerra, etc. e para a industria e auto-motiva. Tel. 10-16.

Rua S. Paulo, n. 251
Rua S. Antonio, 108, 110
Linha 129

London L. C.
Broad Street House-New Broad

RUA QUINZE DE NOVEMBRO, 36
En. telegraphico "Mechanica"
Caixa no Correio 51
Telephone 244

EXMAS. SENHORAS

Oudi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, aculludada e livre de manchas? Quereis, enfim, ser formosas!

Usai em vossa toilette a

Agua de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Oudi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, lezes e ondulantes; para ter a vossa cabeça livre de caspas e de quezuser parasitas.

Usai, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifico loção preparada em kerazene dissolvido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS QUIMICOS L. QUEIROZ
RUA LIBERO BADARÓ N. 144
SÃO PAULO

Companhia Brasileira de Seguros

Seguros de vida, marítimos, terrestres e de accidentes
(Fundada em 1910 — Séde social: S. PAULO)

R. Libero Badaró - 49 Rio de Janeiro - Av. Rio Branco - 102

Capital: 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal: 400:000\$000

Capital Social	2.000:000\$000
Deposito permanente no Thesouro Nacional	400:000\$000
Fundos de reserva	300:000\$000

SEGUROS REALIZADOS:

Terrestres e marítimos	500.000.000\$000
Vida	120.000.000\$000
Accidentes do trabalho (40.000 operarios seguros)	20.000:000\$000

SINISTROS PAGOS:

mais de	1.200:000\$000
-------------------	----------------

Caixa Postal, 828 - Telephone, 1621 - Central

Hotel Avenida

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE DO BRASIL

Apartamentos para 500
pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Teleg. Avenida - Rio de Janeiro



MARMORARIA TOMAGNINI

Tumulos, Estatuas, Altares, Esculpturas, Architecturas e Ornatações. — Preços sem competencia.

PIETRASANTA (Perlo de Carrara) ITALIA

Exposição Permanente: Rua Barão de Itapellings, 40
Officinas e Escriptorio: Rua Paula Souza, 85 - S. Paulo

La Saison



Grande officina de costura de vestidos
para senhoras e meninas.

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ Nº 113

Telephone, 1013 - Caixa, 113

— SÃO PAULO —

CARDOSO FILHO & C.

Premiada com medalhas de Ouro nos Expositões
Nacional de 1908, Braxellos de 1910

PAPELARIA

TYPOGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

PAUTAÇÃO — DOURAÇÃO

FABRICA DE LIVROS EM
BRANCO E CARIMBOS DE

✻ ✻ BORRACHA ✻ ✻

Telephone, 341 Caixa Postal, 151

LOJA E ESCRITORIO:

Rua Direita, 25

OFFICINAS E DEPOSITO:

9, Rua Santo Antonio, 9

SÃO PAULO

As pessoas magras podem ganhar carnes e augmentar seu peso.

Toda a pessoa magra, quer homem quer mulher que deseje augmentar seu peso com 5 ou 7 kilos de carnes solidas e permanentes, deve tomar, por algumas semanas, uma pastilha de SARGOL com cada uma das suas refeições. Eis um methodo digno de se experimentar; Em primeiro lugar, de Ve, pesar-se e medir-se as distinctas partes do corpo; depois tomar uma pastilha de SARGOL com cada refeição durante duas semanas e na terminação d'esse periodo, passar-se e medir-se novamente, e poderá então render-se conta da differença. Não terá que preguntar a seus amigos e familiares se o acham melhorado ou ao contrario; vel-o-sa por si mesmo na balança ou romana. Qualquer pessoa magra pode augmentar seu peso de 2 1/2 a 4 kilos durante os primeiros 14 dias seguindo o methodo que antecede, e não de carnes brancas para logo desaparecerem, senão solidas e permanentes.

Não é SARGOL por si mesmo que produz carnes, porem ao se misturar no estomago com os alimentos que chegam dentro, transforma as substancias ricas em açucar, sacarinas e feculosas que elles contem em alimentação rica e nutritiva para o sangue e as células do corpo prepara-o em forma facil de se assimilar para que o sangue o accete promptamente. Todas as substancias nutritivas das comidas que Ve, leva agora para o estomago, sabem-lhe do corpo na forma de desperdícios, porem SARGOL para limite a esta dissipação num breve espaço de tempo e ajudará seus órgãos digestivos e assimilativos a extrahirem das mesmas classes, de comidas que até agora esteve tomando, o assucar, a gordura e o amido para transformal-os em hilos, e mais de carnes solidas e duraveis.

SARGOL é absolutamente inoffensivo para a saúde e agradável de tomar, por ser preparado em forma de pastilhas.

Hoje em dia recomendan-nos os medicos e os pharmaceuticos.

A' venda em pharmacias e drogarias de São Paulo. Unico Importador
Caixa Postal 978-M

BENIGNO NIEVA

RIO DE JANEIRO

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THE.SOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

O ESPECIFICO DA ANEMIA
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituente

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea
phosphatada
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias
e fortifica os fracos



Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esverdeadas ou talhadas. usa-se o poderoso, inegalavel e sempre efficaz

DIGESTIVO INFANTIL
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura



AGUA DE COLONIA
GRANADO
 EXTRA
 CONCENTRADA
 A MELHOR PARA O BANHO E TOILETTE

PERFUMARIA HELIOS
GRANADO & CA. RIO-S. PAULO.



GRANADO & CA. S. PAULO
 1914
 1915
 1916
 1917
 1918
 1919
 1920
 1921
 1922
 1923
 1924
 1925
 1926
 1927
 1928
 1929
 1930
 1931
 1932
 1933
 1934
 1935
 1936
 1937
 1938
 1939
 1940
 1941
 1942
 1943
 1944
 1945
 1946
 1947
 1948
 1949
 1950
 1951
 1952
 1953
 1954
 1955
 1956
 1957
 1958
 1959
 1960
 1961
 1962
 1963
 1964
 1965
 1966
 1967
 1968
 1969
 1970
 1971
 1972
 1973
 1974
 1975
 1976
 1977
 1978
 1979
 1980
 1981
 1982
 1983
 1984
 1985
 1986
 1987
 1988
 1989
 1990
 1991
 1992
 1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000

EXIJAM A NOSSA MARCA

VINHO TANNICO
 PHOSPHATADO E GLYCERINADO
Granado

CURA: ANEMIA,
 RACHITISMO, FRAQUEZA PULMONAR
 LYMPHATISMO, ESCROFULAS, etc.

AGUA INGLEZA
GRANADO
 ANEMIA, IMPALUDISMO,
 CONVALESCENÇA.



RECUSEM AS IMITACOES.

Magnesia Fluida
GRANADO



INDICADA POR TODOS OS MEDICOS

A MAIS PURA

RECUSEM AS IMITACOES.

POLVILHO ANTISEPTICO
 "GRANADO"



De reconhecida eficacia no tratamento de varias affecções da pelle eczemas, empingens, pruridos, assaduras, brotoejas, suores fetidos, etc.

Peias suas propriedades antisepticas, absorventes e cicatrizantes deve ser preferido na toilette das creanças.

O Polvilho Antiseptico "Granado" é um producto de inteira confiança, sendo maravilhosos os resultados obtidos com o seu emprego.

Recusem as imitações



As grandes necessidades

Um caso digno de atenção!!!

7500 filtros «FIEL» se acham actualmente exercendo a sua benéfica missão!!

No passado—no presente FOI E'

e no futuro SERA' NOTAVEL a preferencia pelo «FILTRO FIEL»

A agua precisa ser filtrada e para isso;

Argumento: ... todos os filtros são bons... a maior parte bonitos... e alguns bonitos; ...

porém... Higienico e vigorosamente pratico. Só o «FILTRO FIEL» vende na RUA DE S. BENTO, 14 e em todas as casas de 1.ª ordem

ARSENIO J. SILVA, Senador M. Caixa Postal 1907. Pedem o catalogo illustrado e mais informações sem compromisso algum.

A' ILLUMINADORA

FUNDADA EM 1889

Caixa. 613 — S. Paulo
TELEPHONE — 2315

Casa especial em artigos para iluminação. Officina propria para concerto de qualquer objecto acionado a electricidade. Fabricamos qualquer armação para «abat-jour» de seda, sob encomenda.

Rua da Boa Vista, 47

Alberto dos Santos & Comp.

CASA LEMKE

Rua Libero Badaró N. 100-104 — Teleph. N. 258

Caixa Postal N. 221 — SÃO PAULO

GRANDES NOVIDADES EM FAZENDAS PARA O INVERNO

Tecidos de seda, de lã e de algodão Meias, Roupa branca, Blusas, etc. etc.



Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Polyclinica Goral em Vienna. Ex-interno de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hospital de Beneficencia Portuguesa de São Paulo. Operador. Molestias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetinga N. 4 De 1 as 3 horas da tarde. TELEPHONE 1407

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochê; tricô; filet, macramê, lace, frivolité, inhanduty (Tornelito). Artigos para confecção de fôres artificias. Machinas para bordar o todos os aviaamentos para trabalhar com es mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de collo, com pés; de todos os tamanhos, lãs e linhas de todas as qualidades e grossuras, torções de seda e de algodão e mercursadas, sedas para bordar, lavavel o d e Alger, talangreças de todas as qualidades, etâ mines, setins, pellicias, veludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de côres. Papis crespos, dourados, prateados, porgaminhos cartonados o de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se do encomenda boni como leitras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

SABONETE
Oxygen
FEITO COM AGUA Oxi-genada ANTISEPTICO E PERFUMADO
MARCA REGISTRADA

Feito com agua oxygenada. Antiseptico e perfumado.

Venda a 1\$500 em todas as boas casas de perfumarias
Deposito: Rocha Mello & Cia. - 19 rua José Bonifacio

VILLAOA



Pela construção pratica, pela bôa qualidade do material empregado e pela simplicidade no manejo a machina para cozer "WHITE" adquiriu a fama de ser a melhor machina de costura. No nosso annuncio de 5 de Agosto no "Estado de São Paulo" temos oferecido Rs. 10:000\$000 (Dez Contos de réis) a quem apresentar uma machina de costura que faça tudo quanto faz a machina "WHITE". Esta oferta foi elevada a Rs. 15:000\$000 (Quinze Contos de réis) em nosso annuncio no mesmo jornal do dia 12 de Agosto. Ninguém reclamou as quantias oferecidas. O mesmo aconteceria se chegassemos a offerer para o mesmo fim 100:000\$000 pois, entre os conhecedores do ramo é sabido que a machina WHITE é a Rainha das Machinas para cozer. Até hoje nao se fabrica uma machina de costura, que, com construção tão simples e tão bella, faça trabalhos mais perfeitos e em maior numero do que a WHITE Rotatoria. Al pedido mandamos Catalogo com todos os detalhes. Aceitamos vendedores e vendedoras.



CAMPINAS
CASA BRANCA

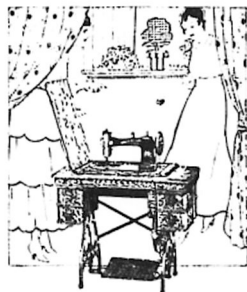
C.ª Brasileira "White" - S. Paulo

Rua Quintino Bocayuva 70

Caixa Postal 1094

Endereço telegr.: "Whiteco"

Telephone Central 761



RIBEIRÃO PRETO
ARARAQUARA

SÃO CARLOS
BOTUCATU

O Elixir
DE

Mais um Triunpho do grande Depurativo de Sangue
DE

Atacaju 22 d. Junho de 1917.

Illmos. Snrs.

Mama *Silveira & Filho*. — Rio de Janeiro.

A gratidão que devo ao grande preparado Elixir de Nogueira, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, me impelle a dirigir-vos esta.

Minha mulher, D. Ubaldina de Freitas Gonçalves, no decorrer da dieta de um parto, foi atacada por terrivel molestia, que zombando de todos os recursos medicos, a meu alcance, a prostrou no leito por TREZ longos mezes, durante os quaes, soffria dôres horriveis no baixo ventre, muitas febres e outras complicações, tão depauperada já se achava que, já tinha perdido as esperanças de a salvar e especialmente porque algumas senhoras que conheci haviam sido victimas de molestias mais ou menos lenticas: porém, tive a providencial lembrança de applicar-lhe o santo preparado ELIXIR DE NOGUEIRA o qual já me havia curado de cruezs dôres rheumaticas, e, com verdadeira admiração operou-se um verdadeiro milagre: minha mulher foi da melhora á cura completa e hoje está gorda e robusta, com saude a bem dizer o famoso ELIXIR.

Apresento a V. V. S. S. minha eterna gratidão por terem concorrido para a alegria e a paz do meu lar.

De V. V. S. S. Am.o Att.o e Cro *Durval Gonçalves ao Nascimento*.



D. Ubaldina de Freitas Gonçalves
ARACAJU

Vende-se em todo o BRAZIL.

Republica do Uruguay, Argentina, Paraguay, Chile, Bolivia, Perú, etc., etc.